



UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

IZABEL CRISTINA DA SILVA

**O LIVRO PARADIDÁTICO ATRAVEZ DO BRAZIL (1910): A GEOGRAFIA SOB AS
LENTES DE BOMFIM E BILAC**

**ARACAJU - SE
2023**

IZABEL CRISTINA DA SILVA

**O LIVRO PARADIDÁTICO ATRAVEZ DO BRAZIL (1910): A GEOGRAFIA SOB AS
LENTES DE BOMFIM E BILAC**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Educação na de Linha de Pesquisa Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. ESTER FRAGA VILAS-BÔAS CARVALHO DO
NASCIMENTO**

**ARACAJU - SE
2023**

S5861 Silva, Izabel Cristina da
O livro paradidático através do Brasil (1910): a geografia sob as lentes de Bomfim e Bilac / Izabel Cristina da Silva; orientação [de] Prof.^a Dr.^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho Nascimento – Aracaju/ SE: UNIT, 2023.

105 f. il; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes 2023

1. Livros paradidáticos 2. Geografia 3. Atravez do Brazil 4. Impressos educacionais 5. Brasil I. Silva, Izabel Cristina da II. Nascimento, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho (orient.). III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU: 372.891(81)

Gislene Maria S. Dias CRB-5/1410

IZABEL CRISTINA DA SILVA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado em 06/03/2023


BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (Orientadora)
Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)



Prof. Dr. Emerson Ribeiro
Universidade Federal da Paraíba – (UFPB)

 Documento assinado digitalmente
ROSIMERI FERRAZ SABINO
Data: 06/03/2023 10:55:08 -0500
Certificado em #10002164166-8.pdf

Profa. Dra. Rosimeri Ferraz Sabino – (UFS)
Universidade Federal de Sergipe



Profa. Dra. Andrea Karla Ferreira Nunes
Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)



Profa. Dra. Simone Silveira Amorim
Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)

**ARACAJU
2023**

Dedico este trabalho ao grande amor da minha vida, minha mãe (*in memoriam*).

Obrigada por sempre acreditar nos meus sonhos e sonhar comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que precisamos uns dos outros.
Por isso, sou grata a Deus e Nossa Senhora por iluminar esta trajetória.

A minha Família Buscapé pelo amor e risos;

A meu companheiro de vida que tanto incentivou esta conquista;

As minhas filhas de quatro patas que tanto alegam meus dias;

Aos meus colegas de doutorado;

Às amigas Patrícia e Jady pelo companheirismo;

Ao meu colega e amigo Josué, você foi meu anjo enquanto estive em Aracaju,

A professora orientadora, Dr^a. Ester Fraga Vilas-Bôas,

Aos professores da Universidade Tiradentes;

Aos membros da banca pelas contribuições,

A Cleverton, pelo excelente trabalho que desenvolve junto à secretaria,

Sou grata por tudo!

Se avexe não

Amanhã pode acontecer tudo, inclusive nada

Se avexe não

A lagarta rasteja até o dia em que cria asas.

Accioly Neto

RESUMO

Este estudo está vinculado à área de concentração em Educação, na Linha de Pesquisa em Educação e Formação Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED/UNIT) e ao Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/PPED/UNIT/CNPq). Os livros paradidáticos de Geografia têm seu registro marcado editorialmente no Brasil a partir da década de 70 do século XX. Todavia, esse recurso didático já fazia parte do contexto escolar brasileiro. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar como as temáticas geográficas e os elementos iconográficos dispostos no livro *Atravez do Brazil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, o tornaram precursor da literatura paradidática de Geografia. A tese defendida é que os livros de Geografia denominados de paradidáticos, em 1970, já faziam parte do contexto escolar brasileiro, tendo como precursor a referida obra. Nesse sentido, utilizamos como referencial teórico-metodológico os conceitos de “livro” (Chartier, 1994); “livro paradidático” (Ramos, 1987); e de “paisagem” (Santos, 1991). Como resultado dessa pesquisa, podemos inferir que a Geografia no Brasil buscou, para a composição de seu escopo conceitual escolar, não somente o conhecimento geográfico da ciência de referência delineada em impressos advindos de outros países, mas, também, lançou mão de constituir-se por outras fontes, como na elaboração do livro *Atravez do Brazil*, narrativa que tem no seu cerne a geografia brasileira, a partir da qual Bomfim e Bilac inserem e exploram conteúdos referentes ao país, o que possibilitou aos alunos/leitores perceberem a Geografia segundo suas subjetividades, uma possibilidade de identificação e autorreconhecimento, a partir da dimensão espacial geográfica nacional. Todavia, essa subjetividade foi alicerçada pelo olhar dos autores, que delimitaram conteúdos, ilustrações e realizaram o deslocamento dos personagens pelo Brasil. Escolhas que refletem a política república a qual os autores estavam ligados. Contudo, em uma época em que a Geografia escolar pautava-se mais pela descrição e enumeração de fenômenos espaciais, marca de uma Geografia mnemônica e cheia de estrangeirismo, é notório o esforço de Bomfim e Bilac na produção de um livro voltado para uma Geografia nacional, com elementos que os diferenciaram dos demais produzidos no país. Essa narrativa literária apresentou o conhecimento geográfico de maneira concreta, conduzindo o leitor a viajar pelo Brasil e (re)conhecer o país, por meio de conteúdos e temáticas geográficas, forjado a partir das suas paisagens, realçadas a partir da iconografia brasileira. Repletos de cartão-postais, fotografias e desenhos, mostrando um registro do Brasil, mesmo que este não retratasse de maneira fiel o que ocorria em todo o país, fato que não tira a inovação de produzir um material com um quantitativo e diversidade de ilustrações, utilizando uma linguagem de fácil compreensão para seu público leitor escolar e buscando mostrar situações vivenciadas pelos personagens que permitissem aos alunos a compreender sua concretude. Nessa conjuntura, compreendemos que Bomfim e Bilac (1910) incorporaram ao livro de leitura elementos que o caracteriza como uma nova fórmula geográfica brasileira que, mais tarde, na década de 70, foi nominada de livros paradidáticos.

Palavras-chave: Livros Paradidáticos. Geografia. *Atravez do Brazil*. Impressos Educacionais. Brasil.

ABSTRACT

Geography paradidactic novels have an editorial record in Brazil from the 1970s onwards. However, there are evidences that show that this didactic resource was already part of the Brazilian school scene. In this sense, this research has the general objective of understanding how geographic themes and iconographic elements in *Atravez do Brazil* (1910) made this novel a precursor to Geography's paradidactic literature. We defend the thesis that the Geography novels called *paradidactics* were already part of the Brazilian school system in 1970 through Manoel Bomfim and Olavo Bilac's *Atravez do Brazil* (1910) novel. Its narrative displayed geographic knowledge in a concrete way, leading the reader to make a journey throughout Brazil and (re)discover the country through its geographic content, themes and landscapes, all coming to light by the use of iconographic elements. These elements were used by the authors in a creative way, bringing playfulness to their narrative, a relevant characteristic of paradidactic novels released after 1970. The theoretical-methodological framework is based on concepts such as: novel (Chartier, 1994); paradidactic book (Ramos, 1987); and landscape (Santos, 1991). As a result, we can conclude that Brazilian Geography sought, for the composition of its scientific scope, not only geographical knowledge from technical jargons presented in hard copies from other countries, but also sought to be constituted by other alternative sources, like *Atravez do Brazil*, a narrative that has Brazilian landscapes as its main core. Authors Bomfim and Bilac approached geographic content using Brazilian's landscapes perspective. This made it possible for students/readers to perceive Geography through their own individual subjectivities, allowing self-identification and self-recognition, based on the local geographic spatial dimension. However, we cannot exclude that this subjectivity was solely based on the authors perspective, as they outlined content, illustration, and movement of the characters. At a time where school education was guided more by the description and enumeration of spatial phenomena, a trait of a mnemonic and full of foreignism Geography, Bomfim and Bilac's effort to produce a fully Brazilian inclined Geography novel that differentiated their work from others produced in the country is notorious. The authors used postcards, pictures and drawings, showing a real record of Brazil, even if it did not faithfully portray what was happening throughout the country in its entirety, a fact that does not take away the innovation of producing a material with a numerous and diverse illustrations, using a language that it is easy to understand for school-level readers, seeking to show situations experienced by the characters that would allow students to understand their concreteness. In this context, we can say that Bomfim and Bilac (1910) incorporated elements into the novel that characterize it as a new geographic Brazilian formula that later in the 70s would be called paradidactic novels.

Keywords: Paradidactic Books. Geopgraphy. *Atravez do Brazil*. Educational Prints. Brazil.

LISTA DE SIGLAS

UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
GEOPROF	Mestrado Profissional em Geografia
USP	Universidade Paulista
IES	Instituições de Ensino Superior

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Manoel Bomfim	35
Figura 2	Olavo Bilac	37
Figura 3	Capa do livro Atravez do Brazil, 1910	41
Figura 4	Sumário do livro Atravez do Brazil	45
Figura 5	Conceito de paisagem no livro Atravez do Brazil	62
Figura 6	Tropa de burros de cargas	69
Figura 7	Vapor do Juazeiro	70
Figura 8	Criação de gado	71
Figura 9	Jangada no litoral do nordeste	73
Figura 10	Cafezal	75
Figura 11	Visão aérea do pão de açúcar	79
Figura 12	Afogados/PE	82
Figura 13	Rio de Janeiro	84
Figura 14	Vaqueiro nordestino	85
Figura 15	Taba índia, 1910	87
Figura 16	Cachoeira Urubu, 1910	88
Figura 17	Cachoeira Urubu	89
Figura 18	Recife/PE	91
Figura 19	Avenida Beiramar	92
Figura 20	Registro urbano do teatro amazonense, 1910	93
Figura 21	Cais no Rio de Janeiro	94
Figura 22	Construção do novo caes no Rio de Janeiro	94
Figura 23	Avenida Central no Rio de Janeiro	95
Figura 24	Cachoeiras de Paulo Afonso	97
Figura 25	Rio São Francisco	97
Figura 26	Vegetação intitulada de mato	98
Figura 27	Pinheiros do Paraná	99
Figura 28	As lavadeiras	101
Figura 29	Plantação de tabaco	102
Figura 30	Colheita do café em São Paulo	103
Figura 31	Mineração de diamantes	104
Figura 32	Criação de gado em Goiás	104
Figura 33	Defumadouro da borracha	105

MAPAS

Mapa 1	Lugares percorridos pelos personagens Carlos, Alfredo e Juvencio	56
--------	--	----

ESQUEMAS

Esquema 1 Organização do conhecimento geográfico

60

QUADROS

Quadro 1	Dissertações que tratam sobre o Livro Paradidático	18
Quadro 2	Teses que tratam sobre o Livro Paradidático	19
Quadro 3	Características dos Livros Paradidáticos	21
Quadro 4	Livros brasileiros publicados anterior a 1910	26
Quadro 5	Capítulos com conteúdos geográficos	58
Quadro 6	Divisão dos conteúdos	59
Quadro 7	Classificação das ilustrações	90
Quadro 8	Trabalhadores e extrativismo, no livro Atravez do Brazil, 1910	100

SUMÁRIO

1	UM VELHO (DES)CONHECIDO	16
1.1	PERCURSO METODOLÓGICO	20
1.2	ESTRUTURA DA TESE	23
2	GÊNESE DO PARADIDÁTICO DE GEOGRAFIA	25
2.1	O NACIONALISMO NO CONTEXTO DA PUBLICAÇÃO DO LIVRO ATRAVEZ DO BRAZIL	27
2.2	MANOEL BOMFIM E OLAVO BILAC	33
2.3	ATRAVEZ DO BRAZIL	40
3	SABERES GEOGRÁFICOS NO LIVRO ATRAVEZ DO BRAZIL	53
3.1	A PAISAGEM COMO MOTE CENTRAL NO LIVRO ATRAVEZ DO BRAZIL	61
3.2	DESBRAVANDO O BRASIL A PARTIR DA PAISAGEM CULTURAL	67
3.3	ACIDENTES GEOGRÁFICOS	76
4	ICONOGRAFIA GEOGRÁFICA BRASILEIRA EM ATRAVEZ DO BRAZIL	80
4.1	O URBANO NAS ILUSTRAÇÕES DE ATRAVEZ DO BRAZIL, 1910	91
4.2	OS ELEMENTOS NATURAIS	96
4.3	ATIVIDADES PRODUTIVAS	100
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	110

1 UM VELHO (DES)CONHECIDO

Esta pesquisa está vinculada à Área de Concentração em Educação, na Linha de Pesquisa Educação e Formação Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED/UNIT) e ao Projeto de Produtividade em Pesquisa em Educação (PQ CNPq) intitulado *Rede Brasil, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos: circulação de impressos protestantes e outros impressos educacionais*, sob a coordenação da Profa. Dra. Ester F. Vilas-Bôas C. do Nascimento, também líder do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/PPED/UNIT/CNPq). O objetivo da investigação é analisar como as temáticas geográficas e os elementos iconográficos dispostos no livro *Atravez do Brazil* (1910) o tornou precursor da literatura paradidática de Geografia. Quanto aos objetivos específicos, o estudo propõe analisar a constituição dos conceitos e conteúdos de cunho geográfico abordados no livro *Atravez do Brazil* (1910) e averiguar os elementos iconográfico relativos à Geografia produzidos e veiculados no livro *Atravez do Brazil* (1910). As questões norteadoras elaboradas foram as seguintes: quais conceitos e conteúdos geográficos foram privilegiados no livro *Atravez do Brazil* (1910)? Que elementos iconográficos relativos à Geografia foram produzidos e veiculados no livro *Atravez do Brazil* (1910)?

A tese que defendemos é que os livros de Geografia denominados de paradidáticos, em 1970, já faziam parte do contexto escolar brasileiro por meio da obra *Atravez do Brazil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel Bomfim. Essa narrativa literária apresentou o conhecimento geográfico de maneira concreta, conduzindo o leitor a viajar pelo Brasil e (re)conhecer o país a partir de conteúdos e temáticas geográficas, forjado através das suas paisagens, que foram realçadas a partir da iconografia. Esses elementos foram utilizados pelos autores de maneira criativa, trazendo ludicidade a narrativa, características pertinentes nos livros paradidáticos lançados a partir de 1970.

O interesse por livros paradidáticos advém da minha prática docente, quando os inseri nas aulas de Geografia. Lembro-me do incômodo que sentia ao perceber o desinteresse dos alunos pelo livro didático disciplinar de Geografia. Comecei a observar como eles se entusiasmavam nas aulas de Língua Portuguesa, quando a professora utilizava literatura ou quando pediam para ir à biblioteca pegar um livro de historinha. Comecei a me questionar: por que utilizar apenas o livro didático disciplinar

de Geografia? Por que não posso ensinar a partir das historinhas de que os educandos gostam? Iniciei uma busca nos catálogos das editoras por livros de literatura que possibilitassem trabalhar conteúdos da Geografia.

Inicialmente, em 2014, trabalhei com livros paradidáticos nas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, do 4º e 5º ano. Quando mudei de escola, em 2015, lecionei para as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 8º ano. Trabalhei novamente com esse material. Nesse momento, já tinha algum conhecimento sobre esse recurso didático.

Essas experiências fizeram com que eu valorizasse os livros paradidáticos e buscasse aprofundar minhas reflexões a respeito do papel que eles desempenham no ensino de Geografia. Com esse pensamento, ingressei na pesquisa, mais precisamente no Mestrado Profissional em Geografia (Geoprof), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Campus Caicó, em 2016. Nessa oportunidade, desenvolvi um trabalho voltado para a produção de um livro paradidático com uma temática regional.

Para sua elaboração, realizei uma pesquisa bibliográfica, na qual ficou evidente que existem questões não esclarecidas sobre o livro paradidático de Geografia, no tocante à sua origem e à sua constituição. Não se trata apenas de um material escolar que surge do acaso na década de 70 do século XX, como aponta Ramos (1987).

Desde a primeira década do século XX, no Brasil, já circulavam livros com temáticas e conteúdos geográficos que possuíam traços semelhantes aos livros intitulados de paradidáticos em 1970, como o livro *Atravez do Brazil*, 1910, de Manoel Bomfim e Olavo Bilac.

O termo paradidático foi lançado pela Editora Ática em 1970, em um momento político no qual a leitura e escrita fazia parte das estratégias governamentais para elevar o nível de escolaridade das camadas mais pobres. Assim, não houve uma preocupação, ou tempo, por parte da editora, em traçar uma estrutura comum que caracterizasse esse recurso didático, nem uma proposta pedagógica, nem mesmo um conceito, contribuindo para o surgimento de diversos livros que utilizavam essa denominação de paradidático, passando a ideia de quem eram livros inusitados, ou seja, que não existiam no mercado brasileiro.

Embora fazendo parte do mercado editorial brasileiro desde 1970, esse impresso só se torna objeto de pesquisa em 1987, com a tese desenvolvida por

Ramos (1987), na qual ela esboça o conceito inicial para esses livros.

Segundo Ramos (1987, p. 6) são:

[...] obras de literatura (infantil, juvenil ou sem adjetivos) de custo mais barato que a dos livros usuais que, a meu ver, deveriam ser utilizadas livremente na escola como leitura subsidiária, acompanhadas ou não de material auxiliar, contendo propostas de trabalho com o texto, orientadas para uma leitura lúdica e prazerosa, que possibilitasse a instauração de um rico e efetivo diálogo do leitor com seu texto, desvinculada de compromissos, obrigações e tarefas escolares. (RAMOS, 1987, p. 6) (grifos de Ramos).

A partir desse trabalho, tantos outros foram produzidos. No Quadro 1, constam as dissertações, produzidas em âmbito nacional, nas quais são abordadas temáticas relativas ao livro paradidático.

Quadro 1 – Dissertações que tratam sobre o Livro Paradidático

TÍTULO	ANO	IES	AUTOR	COMPONENTE CURRICULAR
Noções de cidadania em paradidáticos	1997	UNICAMP	CURY	Língua Portuguesa e História
Um olhar sobre o paradidático de Matemática	2002	UNICAMP	DALCIN	Matemática
Livros paradidáticos de Língua Portuguesa para crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar	2004	UEC	MELO	Língua Portuguesa
Textos paradidáticos e o ensino de física: uma análise das ações do professor no âmbito da sala de aula	2008	UEP	BENETI	Física
Produção do Livro Paradidático “Explorando o sistema Imunológico”, baseado na teoria cognitiva da aprendizagem multimídia: uma contribuição para o processo de ensino-aprendizagem de alunos do 2º ano do Ensino Médio	2011	PUCMG	LOPES	Ciências
O livro Paradidático como Ferramenta para o Ensino da Educação Ambiental	2012	UNISSAL	TORRES	Ciências
Uma proposta de livro paradidático como motivação para o ensino de Matemática	2013	UFRRJ	PINTO	Matemática
Material paradidático em educação ambiental para o 6º ano do Ensino Fundamental	2015	UTFPR	KÖB-NOGUEIRA	Educação ambiental/tema transversal

Elaboração de livro paradidático para o Ensino de Probabilidade: o trilhar de uma proposta para os anos finais do Ensino Fundamental - Uberaba	2016	UFTM	CIABOTTI	Matemática
Livro paradidático: uma porta aberta para o ensino de Geografia	2017	UFRN	SILVA	Geografia
Produção do livro paradidático “Grandes reservatórios do Seridó Potiguar”	2017	UFRN	SANTOS	Geografia
Produção do livro paradidático “Uma ‘pitada’ de sal no ensino de Geografia”	2017	UFRN	ARAÚJO	Geografia
A elaboração de um livro paradidático para o ensino de Geografia	2018	UFRN	FARIA	Geografia
A utilização de material paradidático no ensino dos conceitos iniciais de Óptica Geométrica	2018	UNB	ARAUJO	Física
Os livros paradidáticos na escola: critérios de escolha a partir da experiência de leitura juvenil nos anos finais do Ensino Fundamental	2019	IFES	PAULUCIO	Não se aplica

Fonte: Banco de Dissertações e Teses da CAPES (2022).

No Quadro 2, apresentamos as teses que abordam o livro paradidático.

Quadro 2 - Teses que tratam sobre o Livro Paradidático

TÍTULO	ANO	IES	AUTOR	COMPONENTE CURRICULAR
O paradidático, esse rendoso desconhecido	1987	USP	RAMOS	Língua Portuguesa
Que história é essa? Uma proposta analítica dos livros paradidáticos de História	1991	UEC	ZAMBONI	História
Produzindo livros didáticos e paradidáticos	1997	PUC	MUNAKATA	Não se aplica
<i>O bichovai pegar!</i> - um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis	2005	UFRGS	FURLANI	Ciências
Volta ao mundo com livros paradidáticos: avaliação construtiva da aprendizagem a partir das instalações geográficas	2022	UFPB	SILVA	Geografia

Fonte: Banco de Dissertações e Teses da CAPES (2022).

As teses e as dissertações que estão dispostas nos Quadros 1 e 2, trazem o livro paradidático para o centro da discussão. De acordo com os dados, percebemos que existe uma discrepância em termos de quantidade de produções: foram

elaboradas 15 dissertações e apenas 5 teses. A tese de Ramos (1987) se faz presente no referencial teórico de todos os trabalhos, seja de forma direta ou indireta.

A partir de 2000 ocorre a maior produção das dissertações: 14 do total de 16. No tocante às teses, a produção mais significativa foi na década de 1990. Analisando essas produções, constatamos que existem 11 trabalhos voltados para analisar alguma temática imersa nos livros paradidáticos e oito destinados à produção desse recurso didático, dos quais, quatro são voltados para o ensino da Geografia. Esse fato está relacionado à propagação dos mestrados profissionais que se ramificaram pelo Brasil. No geral, esses cursos de pós-graduação são destinados aos professores e buscam ofertar linhas de pesquisa que estejam diretamente relacionadas com o campo de atuação do educador, dentre elas a elaboração de materiais didáticos.

Em se tratando de Instituições de Ensino Superior (IES), a UFRN concentra o maior número de produções, seguida pela Universidade de São Paulo (USP). Nos componentes curriculares, já há trabalhos sobre livros paradidáticos nos campos de Língua Portuguesa, Inglês, História, Geografia, Ciências, Matemática e Física. Todavia, há uma predominância em Geografia, com cinco pesquisas, seguida por Língua Portuguesa, Ciências e Matemática, cada uma com três trabalhos.

Mesmo com essa crescente demanda em torno de pesquisas relativas ao livro paradidático, para Costa, Júnior e Fontana (2015, p. 2) “[...] muito pouco se tem feito em termos de estudos científicos com o intuito de caracterizar este gênero de livros ou mesmo de compreender sua origem e suas funções pedagógicas”. Nessa conjuntura, pesquisar sobre esse material nos conduz a pensar na sua gênese, no conhecimento geográfico que esses livros auxiliaram a difundir no Brasil. A conjuntura em que foram produzidos envolve as relações sociais, econômicas, ambientais e políticas. Dessa forma, concebemos os livros paradidáticos como objeto de múltiplas leituras, que se reafirma aqui como prática inventiva e criativa.

1.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Diante do que foi exposto, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica. Para alcançar os objetivos propostos, elencamos como fonte o livro *Atravez do Brazil* (1910), de autoria de Manoel Bomfim e Olavo Bilac. O referencial teórico-metodológico foi embasado nos conceitos de livro (Chartier, 1994);

Livro Paradidático (Ramos, 1987); e no conceito de paisagem (Santos, 1991). Segundo Chartier (1999, p. 8):

Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis.

Esses impressos são dotados de sentidos e significados que, ao longo do tempo, vão sendo modificados, quer seja por meio do seu uso ou por meio das modificações que sofrem em decorrência dos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos. Assim, o livro impresso vai sendo constituído como um objeto que passa por mutações que não se dão de maneira aleatória. Existe uma intencionalidade que reveste essas alterações, quer seja referente a sua constituição ou pela sua denominação.

Assim, na sua trajetória, podemos encontrar uma variedade de adjetivos, como é o caso dos livros paradidáticos. Segundo Ramos (1987, p. 6) são:

[...] obras de literatura (infantil, juvenil ou sem adjetivos) de custo mais barato que a dos livros usuais que, a meu ver, deveriam ser utilizadas livremente na escola como leitura subsidiária, acompanhadas ou não de material auxiliar, contendo propostas de trabalho com o texto, orientadas para uma leitura lúdica e prazerosa, que possibilitasse a instauração de um rico e efetivo diálogo do leitor com seu texto, desvinculada de compromissos, obrigações e tarefas escolares. (RAMOS, 1987, p. 6) (grifos de Ramos).

Nessa conjuntura, um determinado livro com características próprias é adjetivado de paradidático. No entendimento da pesquisadora, os autores desses impressos se apropriaram e incorporaram elementos peculiares que os caracterizaram e acabaram por defini-los. O que nos levou a identificar, a partir das teses e dissertações apresentadas nos Quadros 1 e 2, características aludidas aos livros paradidáticos, como consta no Quadro 3,

Quadro 3 – Características dos livros paradidáticos

Temas ligados ao Brasil ou verticalização de uma temática	Propõe uma geografia dinâmica
Leitura complementar ao livro didático	Gênero literário
Leitura lúdica	Linguagem de fácil compreensão
Ilustrados	Variedade de conteúdos
Propostas inovadoras	Livro lúdico

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir das dissertações e teses apontadas nos Quadros 1 e 2 (2023).

Os pesquisadores delimitaram elementos (Quadro 3), que caracterizam o livro paradidático como um impresso, com temas e conteúdos sobre o Brasil ou sobre um determinado componente curricular, que possibilitasse aos alunos um conhecimento mais concreto, aguçando uma leitura com mais fluidez. Além disso, era necessário utilizar uma linguagem acessível para os leitores iniciantes e das classes menos favorecidas. Assim, a criatividade era necessária para desenvolver e incluir elementos ao texto que permitisse uma leitura com fluidez e que fosse atrativa para os alunos.

Nessa conjuntura as ilustrações ganham notoriedade e maior espaço nos livros, o que possibilitava uma leitura para além do texto escrito. Os livros paradidáticos também tinham a incumbência de complementar o livro didático disciplinar escolar¹, pois o seu caráter paradidático se dava em detrimento dessa relação – paradidático – paralelo ao livro didático. Essa funcionalidade se deu em detrimento dos equívocos ou ausências detectadas nos livros didáticos escolar-disciplinares. Posto que a elaboração dos referidos livros não é algo simples, sobretudo quando se trata da geografia nacional de uma país com dimensões continentais como o Brasil e com uma diversidade cultural existente. Assim, a produção dos livros paradidáticos era uma tentativa de complementar esse recurso didático destinado aos componentes curriculares escolares.

Contudo, os livros representam os ideais dos seus autores², que utilizam saberes acadêmicos e do cotidiano como estratégias para conquistar o mercado editorial, escolar ou não, e divulgar ideais, como é o caso do livro *Atravez do Brasil* (1910), de Manoel Bomfim e Olavo Bilac. Nesse sentido, buscamos analisar esse impresso à luz do conhecimento geográfico que fora mobilizado por meio dos conteúdos, temáticas e iconografia, características contributivas para a constituição de uma Geografia brasileira que contribuiu na solidificação da república.

A partir da leitura dos 82 capítulos que compõem o livro, identificamos os conteúdos de cunho geográfico, os quais são predominantes na narrativa. Com esse procedimento, foi possível dividi-lo em duas categorias: conteúdos com ênfase nos elementos naturais e conteúdos com base nos elementos culturais. A partir dessa

¹ Consideramos de livro didático escolar disciplinar os livros elaborados e destinados as disciplinas escolares.

² Muito embora os editores possam exercer domínio sobre o que vai ser escrito e publicado.

divisão, observamos que a paisagem é o conceito que permeia toda a narrativa em *Atravez do Brazil*, o que levou à sua delimitação como categoria de análise. Para Santos (1991, p. 61):

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons.

A paisagem é muito mais do que elementos que apreendemos com os nossos olhos. É também o espaço que percebemos utilizando os demais sentidos, como o tato, o olfato, o paladar e a audição. Fala-se, em alguns casos, de paisagens sonoras ou paisagens olfativas, que nada mais são do que alguns aspectos do espaço.

Ela retrata tempo e histórias distintas, traz consigo a marca do passado para compreendermos o presente. Esses aspectos foram centrais ao analisarmos a iconografia utilizada pelos autores Bomfim e Bilac no livro *Atravez do Brazil*, a saber: cartão-postais, fotos e desenhos. A partir delas, identificamos o urbano, o rural e as atividades produtivas que foram destacadas como propulsoras do progresso do Brasil.

Analisar esse livro nos possibilitou compreender de que maneira Bomfim e Bilac mediaram o conhecimento geográfico para inculcar nos escolares a imagem de um país repleto de riquezas e potencialidades, adotando elementos que foram referência na década de 70 para caracterizar os livros paradidáticos.

Isso nos conduz a pensar como a Geografia escolar brasileira foi constituída a partir dos livros e como os seus autores criaram e adaptaram a sua performance de escritores para agregar os novos leitores, utilizando elementos geográficos diluídos em narrativa cheia de aventuras, ilustrações, desafiando o leitor a (re)conhecer o próprio país.

1.2 ESTRUTURA DA TESE

Diante desses dados iniciais, o presente trabalho está dividido em quatro seções. A primeira, Um velho (des)conhecido, é composta pela introdução, já apresentada, em que são delimitados, o objetivo geral, os objetivos específicos, as questões norteadoras, a tese, os procedimentos teóricos e metodológicos, bem como a justificativa.

Na segunda seção, Gênese do Paradidático de Geografia, apresentamos o livro *Atravez do Brazil* no contexto do nacionalismo brasileiro, pós-Proclamação da República, em 1989, movimento intensificado nas primeiras década do século XX. Momento no qual se fez necessário criar elementos que reafirmassem o sistema republicano. Assim, a escola foi um dos campos que serviu a essas ideias, tendo como utilitários os livros. É nesse cenário que Manoel Bomfim e Olavo Bilac se inserem como autores de livros escolares.

Na terceira seção, Saberes Geográficos no Livro *Atravez do Brazil*, apresentamos os conteúdos e temas que Manoel Bomfim e Olavo Bilac utilizaram para difundir os ideias republicanos, forjados a partir das paisagens brasileiras, moldadas a partir da riqueza naturais do país, como o extrativismo mineral, animal e vegetal. Abundância que permitia trabalho para todos os brasileiros que tinham a incumbência de construir uma nova nação.

Na quarta seção, Iconografia Geográfica Brasileira em *Atravez do Brazil*, apresentamos os cartões-postais, fotos e desenhos que Bomfim e Bilac utilizaram para retratar o Brasil, enfatizando sobretudo as atividades produtivas e as riquezas naturais do país. As ilustrações revelam a intenção de mostrar um país republicano que estava em plena expansão, deixando a impressão de que não havia problemas, mas sim, progresso.

Na última seção, Considerações Finais, ratificamos a tese inicial de que o livro *Atravez do Brazil*, (1910), de Manoel Bomfim e Olavo Bilac apresenta as características utilizadas nos livros paradidáticos em 1970, ou seja, a obra dos citados autores é a percussora dos paradidáticos de Geografia. Contudo, além de reunir os elementos que o inserem como livro paradidático, esse livro traz elementos que demonstram que, em 1910, no Brasil, existia uma Geografia que foi além da geografia mnemônica, calcada no estrangeirismo. Um livro com 66 edições e uma venda de cerca de 500.000 exemplares nos levam a pensar a Geografia que fora produzida por educadores e alunos, considerando que o aprendizado é mútuo.

2 GÊNESE DO LIVRO PARADIDÁTICO DE GEOGRAFIA

Todas as coisas têm uma origem ou várias origens. Isso aprendemos nas aulas de Geografia quando nos é apresentada a origem do Planeta Terra. Alguns tomam para si como uma criação divina, outros como advinda de forças naturais e existem aqueles que procuram unificar as duas teorias, fora as tantas outras explicações existentes. O que queremos dizer é que existe uma gênese para as coisas vivas e não vivas, e que nem sempre ela é homogênea.

A partir desse pensamento, iniciamos uma busca pelo precursor do livro paradidático de Geografia. Contudo, é necessário enfatizar que concebemos os livros paradidáticos a partir do conceito delineado por Ramos (1987)³. Assim, buscamos livros de literatura infantil ou juvenil, anterior ao surgimento da sua terminologia, em 1970, escritos por brasileiros e impressos no país e que tivessem um conteúdo geográfico. Além disso, levamos em consideração os aspectos que caracterizaram a estrutura destes livros, como já fora exposto no Quadro 3.

Traçar esse percurso não foi simples, tendo em vista que parte significativa dos autores que desenvolveram pesquisas sobre o livro paradidático delimitaram o recorte espacial a partir de 1970, ano do surgimento da terminologia. Nessa conjuntura, fomos coletando informações e organizando um verdadeiro quebra-cabeça. Esse processo foi alicerçado no pensamento de Borelli (1996, p. 229) quando ela destaca que:

Os cientistas assemelham-se um pouco aos heróis aventureiros e aos detetives: caminham quase às cegas, em busca da pista escondida e da solução do mistério que deve ser revelado, interpretado. A trajetória pode ser repleta de ação, suspense, emoção. Pode resultar em soluções, respostas e certezas, todas elas contaminadas por novas dúvidas e pelo desejo iminente de construir, em meio às incertezas, outras indagações.

Algumas pistas nos levaram a novos caminhos, que, por vezes, nos atormentaram com novas dúvidas que nos conduziram a novas descobertas. Iniciamos esse trajeto a partir de uma informação encontrada na pesquisa de Melo (2004), quando ela aponta que os livros paraescolares são concebidos como leituras recreativas e paralelas ao trabalho pedagógico realizado em sala de aula.

Ela destacou dois livros como marco para leitura paraescolar: *Atravez do Brazil*

³ Primeira pesquisadora a desenvolver uma pesquisa acadêmica em torno deste impresso.

(1910) de Olavo Bilac e Manuel Bomfim; e *A menina de Narizinho Arrebitado* (1921), de Monteiro Lobato. Verificamos que o primeiro livro é uma narrativa ficcional que apresenta conhecimentos sobre o Brasil, sobre a Geografia, sua gente e sua história, além de apresentar um conjunto de valores morais e cívicos. Apesar de não ser destinado ao ensino de Geografia, existe um conhecimento de cunho geográfico nacional e que tiveram conotação nas escolas brasileiras. Algo que não identificamos no livro *A menina de Narizinho Arrebitado*.

A partir desta informação, fizemos um levantamento de livros produzidos antes de 1910⁴, para verificarmos a existência de outros livros similares a *Atravez do Brazil*, com enredo alicerçado no conhecimento geográfico, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 – Livros brasileiros publicados anterior a 1910

Título	Ano	Autores	Temática
O livro da infância	1899	Frâncica Júlia	Poesia e prosa, assuntos variados
À Terra Fluminense	1898	Bilac e Coelho Neto	Educação cívica
Livro das Crianças	1897	Zafina Rolim	Poesia, ensino de linguagem
Contos de Carochinha	1896	Figueiredo Pimentel	Contos estrangeiros na linguagem brasileira
A Antologia Nacional	1895	Fausto Barreto e Carlos de Laet	Textos de escritores brasileiros e portugueses
Porque me ufano do Meu País	1900	Afonso Celso	História, ufanismo
Leitura infantil	1900	Francisco Viana	Contos, leitura
Contos Pátrios	1904	Olavo Bilac e Coelho Neto	Contos, leitura
Poesias Infantis	1904	Olavo Bilac e Coelho Netto	Poesias variadas
Teatro infantil comédias e monologos em prosa e em verso	1905	Olavo Bilac e Coelho Neto	Peças, temas variados
Histórias da Nossa Terra	1907	Júlia Lopes de Almeida	Patriotismo, gêneros, contos, cartas. Geografia
As nossas histórias	1907	Alexina de Magalhães	Folclore
Segundo livro de leituras morais e instrutivas	1908	João Köpke	Leitura, instrução e moral
Páginas Infantis	1908	Presciliana Duarte	Poesia infantil, leitura
Era uma vez	1908	Viriato Correia	Contos folclóricos
Pátria Brasileira	1909	Olavo Bilac e Coelho Neto	História do Brasil

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Fizemos uma busca por impressos com os aspectos já aludidos, a partir da Proclamação da República brasileira, em 1889, até o ano da publicação da primeira

⁴ Buscamos livros literários escritos por brasileiros que tivessem alguma relação com a Geografia, e que se inserissem no perfil de livros paradidáticos.

edição de *Atravez do Brazil*, em 1910.

Conseguimos identificar 16 livros (Quadro 4), todos denominados como livro de leitura indicados para uso nas escolas brasileiras, variando entre poesia e contos. A maioria dos enredos refletia a política nacionalista republicana disseminada pelo país. Nesse período, os livros literários estavam voltados para leitura e não especificamente para um componente curricular, como a Geografia. Assim, os conteúdos de cunho geográfico eram diluídos nesses livros.

Dos títulos apresentados no Quadro 4, apenas o livro de Júlia Lopes de Almeida, *Histórias da Nossa Terra* (1907), aborda em um dos seus contos, *O gigante brasileiro*, aspectos referentes à Geografia. Todavia, é algo superficial e não se enquadra no perfil que buscávamos.

Nos demais livros, não encontramos as características que encontramos no livro *Atravez do Brazil*, onde o enredo é calcado a partir de uma viagem de cunho geográfico, onde é possível identificar os conteúdos e conceitos que caracterizam a Geografia. Embora seja um livro de leitura que também enaltece o nacionalismo, os autores utilizam o conhecimento geográfico como amálgama para disseminar o patriotismo brasileiro.

A partir dessas constatações, delimitamos o livro *Atravez do Brazil* (1910) de Olavo Bilac e Manuel Bomfim como objeto de pesquisa, a partir do qual buscamos identificar nos conteúdos e conceitos referentes a Geografia os recursos iconográficos utilizados pelos autores.

Todavia, para analisarmos as escolhas de Bomfim e Bilac é necessário abordar o contexto histórico brasileiro da época da publicação da primeira edição do livro *Atravez do Brazil*.

2.1 O NACIONALISMO NO CONTEXTO DA PUBLICAÇÃO DO LIVRO ATRAVEZ DO BRAZIL

Para analisarmos o livro *Atravez do Brazil* (1910) de Manoel Bomfim e Olavo Bilac, é imprescindível contextualizar o período no qual a obra foi escrita. Um momento no qual o Brasil passava por mudanças no cenário político, econômico e social, momento que buscava alicerçar um novo sistema político, a República, numa tentativa de elevar o patamar do país frente às nações europeias e sobretudo aos Estados

Unidos da América.

Todavia algumas questões eram salutares. Uma delas era o alto índice de analfabetos em território nacional. Lajolo e Zilberman (2019, p. 87) ressaltam que “[...] a população, até o final do século XIX, conta com mais de 70% de analfabetos, problema para o qual intelectuais como Machado de Assis e José Veríssimo alertam”. Esse fato perdurou até as primeiras décadas do século XX, o que exigiu políticas públicas que ampliassem a escolarização em território nacional.

Sobre este aspecto Batista, Galvão e Klinke (2002, p. 27) apontam que, “[...] o século XIX e as primeiras décadas do século XX, no Brasil, podem ser caracterizados como um período de progressiva institucionalização da escola como o principal espaço social da educação”. A mesma ganha notoriedade como um lugar necessário para alfabetização e instrução pública, com a missão de superar problemas educacionais para que o Brasil engendrasse um perfil de país moderno, sobretudo após a Proclamação da República em 1889. Sobre esse assunto, Carvalho (2012, p. 103) destaca que:

A Primeira República foi um período decisivo na afirmação e definição da nacionalidade brasileira, pois representa um momento de transição da ideologia imperial para um Estado-Nação forte. Um passo importante neste processo foi a consolidação dos projetos nacionais de educação e a institucionalização da geografia acadêmica no país. Tornou-se necessário então abolir a importação de livros didáticos e estimular a produção nacional.

Diante da necessidade de embuir nos brasileiros o sentimento de pertencimento e a consolidação de um novo Estado-nação, a educação exerce um papel determinante, o que exigiu mudanças que refletiram diretamente na produção de impressos produzidos por brasileiros e que apresentassem o novo país republicano.

Como bem diz Lajolo (1982, p. 40), “[...] urgia mudar o panorama. Não através de mudanças de estruturas sociais, mas através de uma mudança de mentalidade. Urgia, pois, coletivizar o nacionalismo.” A intenção não era mudar a estrutura, mas inculcar um novo pensamento referente ao país, algo que a escola foi incumbida de realizar a partir do materiais didáticos e dos professores. Botelho (2002, p. 35-36) indica que:

Cabe ainda ressaltar que, no início da República a educação não era vista apenas como sinônimo de aprendizado escolar, pois dizia respeito à aquisição de todo um conjunto de recursos capazes de proporcionar a

liberação e, também, a adequação do indivíduo e dos diferentes grupos sociais às novas demandas sociais.

A educação tinha a obrigação não só de transmitir conhecimento aos educandos, mas estimular valores, sentimento de pertencimento, além, de mostrar unidade entre os distintos grupos sociais, demonstrando que todos eram importantes na construção de uma nova nação.

Nesse sentido, os livros foram de grande valia para o projeto nacionalista brasileiro, como aponta Lajolo (1982, p. 17), pois “[...] é nos manuais sucessivamente adotados pelas escolas que se encontra os contornos de nossa educação”. Nesse sentido, a escola exerceu seu papel ideológico e os livros de cunho nacionalista foram os atores principais que estavam a serviço dos ideários nacionalistas, com a valorização da língua, exaltação dos símbolos nacionais, da História e Geografia local.

Não é a primeira vez que a educação serve aos seus senhores, como já diz Lajolo (1982). A mesma já foi serva da difusão de idéias religiosas, da moral jesuítica da época colonial, assim, está no seu corolário a servidão.

Dessa maneira, os livros nacionais foram centrais nessa construção, aspecto que Lajolo (1982, p. 21) aponta para o seu uso sagrado, como se fosse a Bíblia escolar: “[...] tão metafórico quanto a linguagem bíblica, a linguagem didática constrói e difunde dogmas de natureza social e política”. Consideramos que essa linguagem é potencializada pela apropriação do conhecimento disciplinar, como o geográfico, conhecimento que no contexto brasileiro era essencial para os alunos conhecerem o território nacional.

Assim, a legislação educacional republicana já recomendava o melhoramento do ensino da Língua Pátria, História e Geografia do Brasil. Nesse sentido Silva (2010, p.11) acrescenta que:

[...] foram nas primeiras décadas republicanas que a escola se fortaleceu enquanto instituição e as campanhas cívicas em prol da alfabetização e modernização do país forneceram as bases para o surgimento dos livros destinados ao público infantil.

Nesse cenário, fez-se urgente a produção de livros direcionados ao público infantil e escolar, que enaltescesse o país com a terra pátria. Para Carvalho (2012, p. 15), “[...] na América Latina e outros espaços colonizados, os nacionalismos surgiram como resistência à dominação externa e a uma dinâmica exterior”. Nesse quadro, o

Brasil necessitava de lançar mão de estratégias que criassem vínculos nacionais e que, ao mesmo tempo, fosse sinônimo de resistência ao período colonial. Para Lajolo (1982), a presença da literatura na escola contribuiu decisivamente para a formação de público leitor.

Consideramos que o intuito não era apenas alfabetizar e formar um simples público leitor, mas, sim, um público leitor que incorporasse e defendesse o nacionalismo republicano. O que coaduna com o pensamento de Lajolo (1982), quando ressalta que a literatura portuguesa predominou no ensino brasileiro, e a discreta inserção de literatura brasileira tem viés com a ideia oitocentista de que a literatura é a expressão da sociedade.

A ideia era criar elementos próprios que caracterizassem a República, processo que inicia a partir da Independência, com estratégias como integração do território nacional e a ampliação das escolas públicas. A possibilidade de garantir um padrão de cultura nacional e a fortificação da República teve reflexos sobre a importância das escolas e do material didático utilizado neste espaço, que deveria agora refletir os ideais nacionalistas.

De acordo com Coelho (1991, p. 204) “[...] começa a se firmar, no Brasil, a consciência de que uma literatura própria, que valorizasse o nacional, se fazia urgente para a criança e para a juventude brasileiras”. Assim, vai se delineando uma produção didática no Brasil alicerçada em conhecimento geográfico e histórico, calcado por um nacionalismo nada discreto, sendo marca registrada nas primeiras décadas da república brasileira. Lajolo (1982, p. 31) destaca que:

A literatura brasileira entrou lentamente nos programas escolares e foi tomando vulto à medida que se verificava que as tradicionais humanidades não bastavam para dar forma à sensibilidade do homem moderno, sobretudo em um país como o Brasil, que se constituía como nação e precisava desenvolver nos seus habitantes os sentimentos necessários ao funcionamento da cidadania (restrita a poucos, é claro, ao *povo* que teoricamente deliberava e dirigia), Ora, a fim de desenvolver o patriotismo, o orgulho nacional, o sentido de nossa diferenciação social e política, além do polimento mínimo indispensável ao exercício das funções sociais, a literatura do próprio país foi cada vez mais aparecendo como instrumento privilegiado. Literatura concebida como manifestação da língua e como expressão da sociedade e do sentimento nacional.

Nesse cenário, os autores brasileiros tentaram criar, recriar ou adaptar impressos que ganharam notoriedade no espaço escolar, garantia de venda certa. Para tanto, lançaram mão de ferramentas e artimanhas que agregassem nos enredos,

tendo destaque as narrativas de viagens pelo território nacional. Segundo Silva (2010, p. 55):

Um dos artifícios para a inserção de temas nacionais é a utilização constante das narrativas de viajantes; o narrador tem o papel quase sempre de conquistador, levando o leitor, através de sua narrativa, à descrição de mapas, paisagens, costumes e fatos históricos. O percurso geralmente vai da natureza paradisíaca até o que o viajante chamará de “civilização”. É importante fazer a contextualização histórica do papel formativo que as narrativas de viagem tinham no século XVIII e XIX.

Aquela autora acrescenta que, nesse período, o relato de viajantes tinha muita importância. O gênero carregava o compromisso de disseminar conhecimento aos leitores que, por sua vez, não tinham outra opção senão conhecer as terras brasileiras através do olhar do outro nas descrições aventureiras dos viajantes. Para Coelho (1991, p. 220):

Um dos grandes sucessos da literatura escolar brasileira, nos primeiros anos do século XX, foi *Através do Brasil*, livro estruturado dentro da orientação nacionalista, vigente na época, e segundo o gênero “Viagem pedagógica”, que começara na Europa, na segunda metade do século XIX (*Viagem através da França por Dois Meninos* (1877) de G. Bruno (Augustine Thuillier); *A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson* (1907) de Selma Lagerlöf; *Sans Famille* (1893) de H. H Malot...).

Algo necessário para um país que buscava se (re)afirmar como nação republicana, buscando cortar laços com a antiga monarquia portuguesa. Assim, os autores, Bomfim e Bilac, descreveram o país do “Oiapoque ao Chui” numa tentativa de contribuir com a consolidação da República, e nada melhor do que desenvolver um material de leitura para disseminar esse ideal em ambiente escolar.

Sobre este aspecto, Carvalho (2012, p. 17) apresenta que “[...] a escola passa a ter um papel fundamental na formação destes ‘brasileiros’. E as disciplinas escolares, como é o caso da Geografia, da História e da Língua Portuguesa, estiveram intimamente envolvidas com esse processo”. Apesar de que os livros nesse momento estivessem voltados para a leitura, pois o analfabetismo era latente e compreendido como empecilho para o desenvolvimento, o conhecimento relativo às disciplinas escolares não deixaram de ser trabalhados: eram diluídos pelos autores nas poesias e contos encontrados nos livros de leitura.

Coelho (1991, p. 207) nos apresenta o que ele considera como pilares desse sistema educativo: “nacionalismo, intelectualismo, tradicionalismo e, moralismo e religiosidade”. Nesse aspecto, os autores e editoras se empenharam em voltar sua

produção para contemplar esses pilares, sobretudo o nacionalismo.

É perceptível que existia uma corrente promovida pelo Estado para homogeneizar a população, e nada é mais simbólico do que iniciar com a futura geração que influenciaria o rumo do país. Assim, o sentimento de pertencimento era necessário e basilar para consolidação do Estado-nação.

A escola concebida como uma instituição educativa doutrinária era o campo ideal. Para Charlot (1979, p. 19), “[...] a escola visa a uma transmissão mais eficaz dos modelos e das normas de comportamento, dos fundamentos éticos do controle pulsional e das ideias sócio-políticas”. Essa instituição foi o espaço de afirmação e (re)definição da nacionalidade, representando também uma ruptura do Império para a República.

Para Silva (2010, p. 24), “[...] inserção de temas nacionais nos livros escolares, assim como foi na Europa, aconteceu também no Brasil a partir da República. Na verdade, houve a adaptação do modelo europeu para o Brasil”. Os autores brasileiros adaptavam obras estrangeiras, assim como se inspiravam nos enredos e os adaptavam ao perfil dos impressos que eram esperados no período republicano.

Bittencourt (2004) reconhece que esses primeiros autores, com maior ou menor autonomia, foram os criadores de textos didáticos que possibilitaram a configuração de uma produção nacional, com características próprias. Mesmo que a forma se assemelhasse aos livros estrangeiros, os textos escolares expressaram uma produção própria que buscava atender as condições de trabalho dos professores das escolas públicas que se espalhavam pelo país.

Nessa conjuntura, inicia-se uma produção e circulação de uma literatura brasileira, mesmo que seja a partir de uma inspiração estrangeira. Esse aspecto é reforçado por Santos (2010, p. 1):

Entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX verifica-se no Brasil uma crescente produção didática. Esse crescimento é marcado por uma nacionalização dos processos de autoria e fabricação das obras e acompanha a expansão dos sistemas escolares – notadamente no que diz respeito às escolas elementares – nas províncias/estados no contexto dos debates e da consolidação da educação popular.

Percebe-se que a proliferação da produção de livros nacionais destinados à escolarização nesse período estava relacionada à expansão escolar. Um par indissociável que buscava alfabetizar e doutrinar os alunos aos moldes do ideias

republicanos. No tocante aos conteúdos, Boto (2019) destaca que os mesmos eram apresentados, a um só tempo, como fatores de civilização e de conhecimento.

Batista, Galvão e Klinke (2002) reforçam que é a partir da segunda metade do século XIX que começaram com mais frequência a surgir no país livros nacionais de leitura destinados especificamente às séries iniciais da escolarização. É nesse cenário de mudanças que Manoel Bomfim e Olavo Bilac estão inseridos e escrevem o livro que marcou a história do ensino no Brasil. De acordo com Santos (2010, p. 1):

Essa literatura didática, além de, paulatinamente, responder a uma série de questões a respeito 'do que' ensinar e também a respeito de 'como ensinar', apresentava-se como uma importante estratégia cultural do Estado republicano no sentido de promover um nacionalismo patriótico capaz de estabelecer novas fidelidades entre Estado Nacional e Nação, funcionando como um dispositivo capaz de disseminar novas narrativas sobre Nação e povo brasileiro.

Essa obra estava voltada para leitura escolar, calcada na Língua Portuguesa na disseminação do nacionalismo. Para tanto, os autores utilizam o conhecimento geográfico como amalgama para estruturar e mostrar o Brasil republicano, utilizando elementos de cunho nacional, como o amor ao território, a ideia de unificação dos diversos povos brasileiros, riquezas, amizade e bondade. Santos (2019, p. 59) destaca que se iniciou um projeto de nação “[...] a partir da produção e publicação de livros escolares, que continham as linhas mestras para formar crianças, se valendo de elementos como civismo, patriotismo e da importância dada à necessidade de aprender de forma criativa e lúdica”. A escrita dos autores acompanha esse movimento e não era necessário apenas escrever, mas, sim, apresentar algo que despertasse o interesse dos leitores. Coelho (1991) esclarece que Literatura e Pedagogia desenvolvem-se fortemente unidas.

É a partir dessa literatura que os escritores Bomfim e Bilac vão inserir conteúdos de cunho geográfico. Possibilitando ao aluno/leitor o (re)conhecimento do espaço geográfico nacional, utilizando uma linguagem lúdica e criativa que convida o leitor a embarcar na aventura pelo Brasil.

Mas quem foram Bomfim e Bilac?

2.2 MANOEL BOMFIM E OLAVO BILAC

Escrever livros, publicá-los e inseri-los em ambiente escolar não é uma tarefa fácil, sobretudo nas primeiras décadas da República brasileira. Gasparello e Villela (2009) destacam que, nessa época, formou-se um grupo de pessoas ligadas ao mundo dos livros, que exerciam atividades próprias aos homens de saber: na política, na imprensa, no magistério e em cargos de gestão. Os autores, de maneira geral, eram homens de notório saber. Bittencourt (2004, p. 482) corrobora nesse sentido quando pondera que:

Tivemos assim, na geração dos iniciadores da produção didática, figuras próximas ao governo, escritores de obras literárias, sobretudo os principais encarregados do 'fazer científico' da época. Os compêndios que escreveram para o público estudantil eram de literatura, gramática, história e geografia, dedicados ao ensino secundário, majoritariamente, e em menor escala para as 'escolas de primeiras letras'.

Durante o período republicano eram comum os autores exercerem cargo de inspetores de instrução ou que fizeram parte de Conselhos de Instrução. Alguns produziram livros que os deram destaque na literatura escolar. Silva (2010) aponta que muitos dos livros infantis que circulavam no Brasil por essa época eram versões "abrasileiradas" de textos europeus, que foram adaptados à realidade brasileira.

Nesse período, Botelho (1998) acrescenta que os autores estavam preocupados com a associação e assimilação de heróis estrangeiros ao imaginário da juventude nacional, assim, muitos intelectuais brasileiros se empenhariam em redefinir a orientação da formação intelectual, moral e estética da nossa juventude. Lajolo (1982, p. 24) considera que:

A literatura escolar de *encomenda*, como a que produziu Bilac, manifestaria talvez em grau maior essa mediocrização, também presente em obras como *Le tour de la France* e *Cuore*, livros igualmente comprometidos desde o tinteiro com uma missão cívica.

Isso explica um dos fatores para o livro *Atravez do Brazil* ter atingido um volume significativo de vendas com a grande maioria destinados a escola. O que Santos (2019) evidencia que este livro tornou-se um *best-seller* no que se refere ao mercado editorial voltado para os livros escolares. Botelho (1998, p. 8), explica que:

[...] segundo avaliação geral, pela ausência do que chamavam de "mentalidade nacional", formulando então sob o espírito de abasileiramento de temas, paisagens, personagens e história uma nova modalidade narrativa

dirigida especialmente aos alunos da escola primária: a 'literatura escolar nacional'.

Nessa conjuntura, os autores de livros tinham o desafio de produzir obras voltadas mais para a realidade nacional, apresentando sua Geografia, sua História, sua gente e seus costumes. Nesse quadro, destacamos os trabalhos de Manoel Bomfim e Olavo Bilac.

O primeiro autor nasceu em Aracaju, no dia 8 de agosto de 1868, vindo a falecer no Rio de Janeiro no dia 21 de abril de 1932, aos 64 anos.

Figura 1 – Manoel Bomfim



Fonte: retirada do portal do Pensamento Social Brasileiro (2015)⁵.

Segundo Oliveira (2015, p. 771), sendo filho “[...] de um comerciante, seu universo não era aquele da casa-grande açucareira como foi comum a outros intelectuais e literatos pertencentes a elite nordestina”, mesmo assim, Bomfim consegue estudar Medicina. De acordo com Filgueira (2012, p. 47):

Durante sua formação, no ensino superior, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Bomfim era interessado por leituras que não se restringiam à medicina. Ele tinha gosto por reflexões que perpassavam a literatura, a poesia, a história, a filosofia e o direito.

⁵ Disponível em: <https://admbrasileira.wordpress.com/2015/12/16/manoel-bomfim/>. Acesso em: 09 jan. 2023.

Na capital da República, Rio de Janeiro, atuou como jornalista, professor e diretor do Instituto de Educação, além de ocupar outros cargos no campo da educação. Chegando a ser Deputado Federal pelo estado de Sergipe, em 1907, Bomfim marcou sua experiência parlamentar igualmente pela defesa de políticas de Estado na área da Educação.

Bomfim consegue uma vasta formação na área de Saúde e Educação: médico, psicólogo, pedagogo, historiador e intelectual brasileiro. Sobre Bomfim, Oliveira assinala (2015, p. 772):

Situado no contexto do fim do Império e início da República, ele fazia parte do grupo geracional que a época rejeitava os cânones de uma tradição e adotava princípios considerados científicos para entender e corrigir o país. Partindo do campo da medicina, ele se torna um autor escrevendo sobre o Brasil, tentando explicar o atraso do país.

Bomfim vai exercer um papel importante para a recém-criada República, dedicando esforços no campo da Saúde e Educação, com vista ao progresso do país. Em um momento no qual a Ciência apregoava a incapacidade do desenvolvimento de países na zona tropical do Planeta Terra, Oliveira (2015, p. 775) ressalta que:

Além do clima, a raça era mobilizada para explicar a indolência do brasileiro e a incapacidade de se alcançar o progresso. Muitos diagnósticos registram a mestiçagem como uma bagagem a ser vencida para que fosse possível superar o atraso. Muitos aceitam como solução a imigração europeia, vista como capaz de minimizar a “fatalidade da inferioridade” racial do país. Daí a tese do “branqueamento” para fundamentar a vinda de mais brancos como caminho para, mediante a mestiçagem, exatamente “embranquecer” o povo brasileiro.

Assuntos como raça, mestiçagem e imigração são exemplos das temáticas abordadas em alguns de seus livros como *América Latina*, de 1905, e *Brasil na América*, de 1929. Além do esforço que ele fez em produzir uma literatura didática com enfoque em valores como amor a nação. Botelho (1998, p.12) acrescenta que:

Embora seja mais conhecido como ensaísta da formação social brasileira, gênero no qual escreveu obras como *A América Latina: Males de origem* (1905), *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930), *O Brasil Nação* (1931) e *Cultura e Educação do Povo Brasileiro* (1932), Manoel Bomfim (1868-1932) foi um dos principais artífices da literatura escolar nacional.

Bomfim escreveu obras individuais, mas ganhou notoriedade com a parceria firmada com Olavo Bilac. Sobre esta temática, Oliveira (2015, p. 783) pondera:

É preciso registrar que Bilac e Bomfim se tornaram amigos desde a chegada deste último em 1888 ao Rio. Bomfim passa a participar do círculo intelectual e boêmio de Bilac que frequentava redes de sociabilidade variadas como rodas literárias, redações de jornais, de revistas, cafés, confeitarias e livrarias da cidade. Bomfim e Bilac partilhavam da convicção do papel transformador da educação (sic).

Com exceção da tese, *Das nephrytes*, com a qual se diplomou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Bomfim tem sua estreia no campo intelectual como autor de livros de leitura em 1889, numa parceria com Olavo Bilac. Lajolo destaca que (1982, p. 53):

[...] a parceria de Bilac com Bomfim data de 1899, ano em que o último ocupava um posto precioso para um autor didático: Bomfim era nada menos do que diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, e foi por seu intermédio que Bilac foi nomeado inspetor escolar em 1908. Adupla tinha, assim, a faca e o queijo na mão: além de uma edificante tarefa patriótica, uma promissora fonte de renda, assegurada pela facilidade com que seus livros seriam adotados.

Figura 2 – Olavo Bilac



Fonte: extraída do portal da Academia Brasileira de Letras, (20--?)⁶.

⁶ Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac>. Acesso em: 09 jan. 2023.

Olavo Bilac nasceu no Rio de Janeiro no dia 16 de dezembro de 1865, onde veio a falecer no dia 28 de dezembro de 1918, aos 53 anos. Em 1880, aos quinze anos Bilac recebeu autorização para cursar Medicina, no Rio de Janeiro. Depois, mudou-se para a faculdade de Direito em São Paulo, mas não completou nenhum dos dois cursos. A vida acadêmica lhe aproximou dos jovens escritores. Olavo Bilac teve participação intensa na política e em campanhas cívicas de alcance nacional. Republicano e nacionalista, em 1889, escreveu a letra do hino à bandeira brasileira. Foi jornalista, cronista e poeta, e fundou a Academia Brasileira de Letras, na qual ocupou a cadeira 15.

Sobre Bilac, Lajolo (1982, p. 14) pondera que “[...] o comecinho da República assumiu a educação como uma de suas grandes bandeiras. Tão grande que empolgou intelectuais como Olavo Bilac [...]”. Aquela autora acrescenta que isso conduziu Bilac à criação de uma literatura escolar, o que implicou que o “[...] consumo compulsório garantiu a seus autores papel de destaque na formação intelectual de várias gerações” (LAJOLO, 1982, p.14). A autora destaca ainda que “[...] a educação nacional constitui, portanto, um anteprojeto (ou a fundamentação teórica) das produções didáticas bilacianas” (LAJOLO, 1982, p. 26).

A produção de Bilac e Bomfim, pós-Proclamação da República, ocorre em um momento de mudanças no Brasil: fim do Período Imperial, assinatura da Lei Áurea e o início de um novo sistema governamental. Este necessitava se mostrar com um sistema político que elevaria o Brasil a novos patamares, para tanto o caminho mais promissor foi investir na Educação, ou seja, interferir na formação dos novos cidadãos brasileiros.

A parceria entre Bomfim e Bilac rendeu alguns livros de leitura, como “cLivro de leitura” (1901) e “Através do Brasil” (1910). Para Oliveira (2015, p. 783):

Nessa categoria Bomfim escreveu, junto com Olavo Bilac, um dos mais interessantes livros na categoria que hoje pode ser chamada de obra paradidática. *Atraves do Brasil* combina ficção e história e apresenta uma “jornada educativa” na qual as personagens se formam a medida que se ligam a coletividade (sic).

Os autores produziram esse livro com vistas a moldar, no povo brasileiro, um sentimento patriótico para o recém-país republicano, utilizando o espaço geográfico brasileiro como cenário para mostrar a unidade na diversidade presente no território brasileiro. Botelho (1998, p. 29) aponta que:

Em *Através do Brasil* representa-se a congruência entre dois processos fundamentais, dos quais a obra, como 'literatura escolar nacional', constitui expressão: o avanço da modernidade burguesa e o processo político-cultural de construção do Estado-nação. Em seu universo temático, *Através do Brasil* apresenta e retoma muitos dos temas que compunham a agenda política e o debate intelectual da Primeira República, como federalismo e integração nacional, a 'reconciliação' republicana com o 'passado', a 'invenção' de uma 'identidade nacional' entre outros temas. Fazendo suas personagens percorrerem algumas das diferentes 'paisagens' constitutivas de um 'território da nacionalidade'.

Nesse sentido, a escola foi uma das instituições escolhidas para moldar esse nacionalismo, através das práticas pedagógicas e do uso de materiais didáticos disseminados em âmbito escolar. O livro *Atravez do Brazil* faz parte desse movimento. Segundo Santos e Oliva (2004), diversas parcerias literárias são consolidadas no período que vai do final do século XIX à primeira década do século XX, com intuito de produzir livros didáticos. Santos e Oliva (2004, p. 102) afirmam que:

Ao tempo da escrita do *Através do Brasil* Manoel Bomfim era diretor da Instrução Pública no Distrito Federal, tendo nomeado Bilac como inspetor escolar. Ligados por uma sólida amizade e comungando das mesmas preocupações sobre a situação da educação no país, encararam com entusiasmo o trabalho de escrever livros para a escola primária.

Os autores de *Atravez do Brasil* exerciam cargos políticos, o que, de certa maneira, contribuiu com a inclusão dos seus livros nas escolas públicas brasileiras. Para Santos e Oliva (2004, p. 104):

A dupla tinha um incomensurável amor pelo Brasil e por tudo que lhe dizia respeito. Patriotas de primeira categoria, dedicaram-se à educação animados por um extraordinário otimismo pedagógico, por uma fé no poder do conhecimento, associada, por vezes, à fé no engrandecimento moral do indivíduo pela educação.

O livro em questão fez sucesso, integrando políticas públicas, sobretudo no Estado de São Paulo, como afirma Alcanfor (2010, p. 76-77):

Por iniciativa da Chefia do Serviço de Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo, fez-se publicar, por volta da década de 1940, um programa de emergência para o Curso Normal, com a finalidade de tratar sobre a literatura infantil, tema até então novo como disciplina a ser ministrada na cadeira de Metodologia, ou de Matérias de Ensino, a exemplo do que vinha ocorrendo nos Estados Unidos, na Inglaterra e ainda em outros países, inclusive no Brasil.

O programa de literatura infantil nas escolas normais foi redigido com a colaboração de Lourenço Filho, sendo justificada a inserção da literatura infantil na cadeira de Metodologia por ser um instrumento para a iniciação literária na escola primária. Também eram indicadas obras que poderiam ser trabalhadas em sala de aula. De acordo com Alcanfor (2010), além da lista publicada pelo programa, havia recomendação para o uso do livro *Atravez do Brasil* de Bomfim e Bilac.

Mas quais as características desse livro?

2.3 ATRAVEZ DO BRAZIL

Para analisar o livro *Atravez do Brasil*, é necessário considerar, inicialmente, que não se trata de qualquer impresso, mas de um recurso didático que foi utilizado por décadas em âmbito escolar⁷.

As suas 66 edições, sendo a primeira em 1910 e a última em 1950⁸, atingiram uma venda de cerca de 500.000 exemplares, informação ratificada por Lajolo (1982). Esse número nos desafia a pensar como esse impresso contribuiu para formação de milhares de brasileiros que passaram a conhecer o Brasil a partir da sua geografia dissemínada a partir das paisagens inseridas na narrativa. E o que tornou este livro tão peculiar?

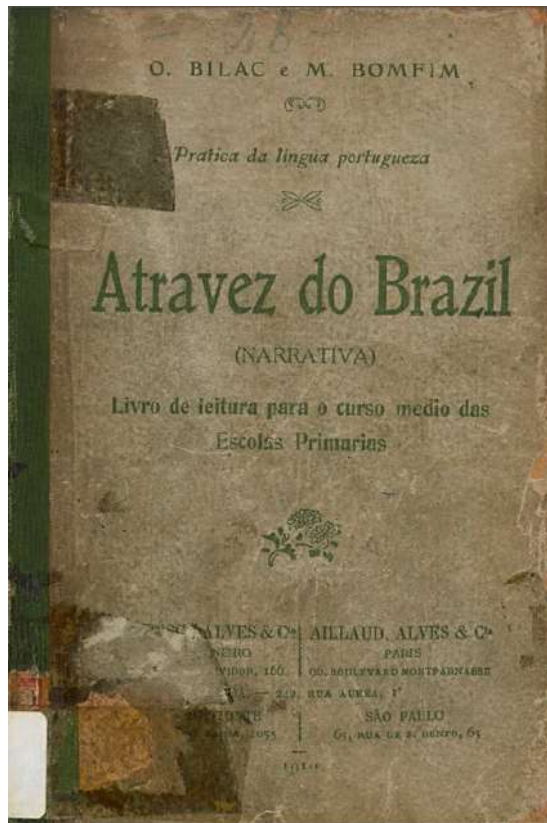
Para Santos (2019), esse impresso foi uma das primeiras obras didáticas da escola republicana brasileira, atravessando a metade do século XX. Considerando que se trata de um objeto cultural, fruto de ações autorais, editoriais, político-educacionais e que influenciaram sua constituição, desde o seu título, conteúdos, repertório e iconografia, debruçamo-nos na primeira edição, de 1910, a fim de identificar os elementos que contribuíram para torná-lo um *best seller* escolar da primeira década do século XX.

Vejamos a primeira capa do referido livro, Figura 3:

⁷ Consideramos didático como qualquer material que é utilizado como meio para o aprendizado. Alguns já são produzidos com essa finalidade, outros não.

⁸ No ano de 2000 houve uma edição especial da obra sob a responsabilidade de Lajolo. Todavia, consideramos as edições que foram utilizadas em âmbito escolar.

Figura 3 – Capa do livro *Atravez do Brazil*, 1910



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A capa da primeira edição (Figura 3) contém informações preliminares, como nomes dos autores, gênero literário, público escolar a quem era destinado e editora responsável pela publicação. O livro tem o formato retângular, com capa rígida, medindo 28 cm de altura por 12 cm de largura, seguindo um padrão típico da época. Nela consta uma pequena ilustração em formato de flores. Além disso, foi utilizada a cor verde para as letras, em um contraste com o fundo na cor bege.

A obra conta com 328 páginas e, após a narrativa, são inseridas mais 12 laudas com um dicionário contendo palavras, que nas palavras de Bomfim e Bilac, poderia causar embaraço nos jovens leitores. Sobre este aspecto, Bomfim e Bilac (1910, p. 12) aludem que “[...] em geral, procuramos dar a estas paginas o tom singelo e a linguagem natural que mais convêm à inteligencia infantil”. Contudo, os autores acrescentam que, em alguns momentos, tiveram que utilizar um vocabulário que não era comum aos alunos, assim, dispuseram um pequeno vocabulário ao final do livro. De acordo com eles, essas novas palavras ajudam na ampliação do vocabulário dos alunos.

O primeiro nome dos autores são apresentados com abreviação, na sequência

é apresentado o sobrenome por extenso: O. Bilac e M. Bomfim. Logo abaixo, com letras menores, aparece a indicação do uso do livro para a prática em Língua Portuguesa. No centro, em letras maiores, consta o título do livro, *Atravez do Brazil*, com apenas as letras iniciais de cada nome em maiúsculas.

Em seguida, foi inserido entre aspas o gênero literário, narrativa. Segundo Batista, Galvão e Klinké (2002, p. 36), no período de 1910, foram consideradas narrativas as obras que, em maior ou menor grau, desenvolvem-se com base em:

[...] um esquema narrativo (apresentam seqüências de acontecimentos), estruturado em torno de uma situação de natureza ficcional e no interior da qual se realiza, também em maior ou menor grau, a transmissão de conteúdos instrutivos, morais e cívicos ou religiosos.

Nessa conjuntura, o livro *Atravez do Brazil* contempla todos os pré-requisitos apresentados, desde ao aspecto ficcional, que ganha um tom de realismo à medida em que os autores inserem no enredo ilustrações e descrições de situações que retratam alguns aspectos brasileiros. Nesse sentido, ao inserir o gênero narrativo na capa do livro, os autores estavam deixando implícito os elementos que compunha o enredo.

Após a indicação do gênero literário, os autores indicam o público escolar leitor: livro de leitura para o Curso Médio das Escolas Primárias. De acordo com Lajolo (1982), em uma população de 20.215.000 pessoas, seu público específico correspondia a 3,15%, num total de 638.378 alunos matriculados no Curso Médio das Escolas Primárias. Considerando que quase 80% da população era analfabeta, esse número demonstra o peso que esse público consumidor passou a ter e o sucesso desse livro de leitura.

Conforme Gontijo (2010, p. 31): “[...] a expressão livro de leitura servia para designar as obras destinadas ao aprendizado da língua nacional e à aquisição de conhecimentos e regras de moral, considerados úteis à socialização do indivíduo”. Percebe-se que a língua nacional era o cerne do livro de leitura, todavia este deveria contemplar saberes que estivessem agregados a leitura, como a Geografia, História, moral, ética, entre outras, desde que a língua nacional estivesse *a priori*. Para Santos (2019), essas características eram comuns em livros do início da República, assim como, nacionalismo, ufanismo, caracterizado pela exuberância da flora e da composição geográfica do país, valorização do passado histórico heroizado, culto ao

idioma, valores morais, notadamente, cristãos e cívicos.

Após a indicação do público leitor, é inserido o nome da editora Francisco Alves como responsável pela publicação do livro *Atravez do Brazil*. Sobre este aspecto, Carvalho (2012, p. 105) destaca que:

As principais editoras de livros didáticos ao final do Império eram a B. L. Garnier, a E. & H. Laemmert, e a Nicolau Alves & Cia. Na República essas editoras passaram por mudanças causadas pela morte dos fundadores, como a B. L. Garnier, transformada em Hipollite Garnier; ou por venda, como a Nicolau Alves & Cia, que se transformou na principal editora de livros didáticos do país, a Francisco Alves, quando comprada pelo sobrinho.

O fundador da livraria Nicolau Alves & Cia⁹ foram Nicolau Antônio Alves, natural da vila portuguesa Cabeceiras de Bastos, tendo emigrado em 1839 para o Brasil com 11 anos de idade, e seu sobrinho, Francisco Alves de Oliveira, que nasceu em 2 de agosto de 1848 e chegou ao Rio de Janeiro em 1863.

Sêjo (2018) esclarece que a editora Francisco Alves nunca foi filiada à empresas estrangeiras, nem representante de interesses que não fossem do próprio país. O local sede para instalação da editora, segundo Oliveira et al. (2015), foi o Rio de Janeiro. Para Sêjo (2018, p. 33), Francisco Alves:

[...] 'remunerava' dignamente os seus autores e tradutores [...]. Tal política, reconhecida por todos que com Francisco Alves negociaram, é expressão do processo social de profissionalização do escritor e do editor. Assim sendo, os autores mais beneficiados foram os de obras didáticas e paradidáticas.

Esse prestígio exaltado pelo pesquisador contribuiu para que diversos escritores tivessem interesse em terem suas obras publicadas pela referida editora. Todavia, esse desejo não era o critério básico aferido pela Francisco Alves e outras editoras, como aponta Bittencourt (2004, p. 482):

As estratégias das primeiras editoras centraram-se na aproximação ao poder institucional, podendo-se entender por essa via o critério de escolha dos autores. Estes correspondiam a um perfil que expressava essa dependência política. Compêndios, cartilhas eram textos que precisavam da aprovação institucional para que pudessem circular nas escolas, o que acabava por direcionar as opções dos editores na seleção dos autores.

Dessa maneira, as editoras se esforçavam em publicar obras que tivessem

⁹ Quando foi comprada por Francisco Alves recebeu a denominação do novo dono.

como autores pessoas ligadas à administração pública, do Colégio Pedro II ou da Academia Militar pois era uma quase garantia da obra ser aprovada e adquirida para uso escolar, este era a garantia de uma renda certa.

Para Bittencourt (2004), dificilmente esses renomados autores seriam rejeitados pelos conselhos educacionais que avaliavam as obras, estratégia utilizada pela Francisco Alves que viu esse mercado promissor e passou a investir largamente na produção de livros didáticos. Dentre essa produção, a editora ganhou notoriedade com a publicação do já citado livro *Atravez do Brazil*.

Após a indicação da editora, é apontado o ano de publicação, 1910. Na sequência os autores inserem um tipo folha de rosto intitulada *Advertencia e Explicação*. Segundo Lajolo (1982, p. 55) , “[...] a advertência é uma propaganda do livro [...].” Ou seja, é o momento dos autores apresentarem a obra, um tipo de auto prefácio. Lajolo (1982, p. 56) acrescenta que:

Constitui-se, pois, a Advertência também em comercial da obra, que apresenta, em forma embrionária, o que é hoje prática corriqueira entre os autores didáticos: o manual do professor, acusado atualmente de desvirtuar e evitar as tarefas docentes.

Os autores não hesitam em ensinar ao professor como desenvolver suas atividades docentes a partir da narrativa, dando dicas de como desenvolver lições de Português, de instrução moral, de História e de Geografia. Como bem diz Lajolo (1982) é o embrião do manual do professor. Antes de proporem as atividades, os autores advertem, Bomfim e Bilac (1910, p. 4):

Compuzemos este livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias do Brazil, afim de que elle seja o unico livro destinado ás classes d’esse curso; tal é, de facto, a indicação pedagogica seguida hoje: ás primeiras classes do ensino primario não deve ser dado outro livro além do livro de leitura. Acreditamos que o conjunto d’estas paginas – *Atravez do Brazil* – corresponde a essa exigencia ou formula pedagogica.

Apesar de apresentar essa exigência pedagógica, os autores ressaltam que é uma simples narrativa que tem como plano de fundo cenários e costumes do Brasil, e deixam claro que a escola primaria deve ensinar mais do que consta no livro *Atravez do Brazil*. Para Bomfim e Bilac (1910, p. 4), “[...] quando a pedagogia recommenda que as classes primarias elementares não tenham outro livro de leitura, não quer dizer com isso que nesse livro unico se incluam todas as noções e conhecimentos que a

criança deve adquirir”.

Eles deixam registrado que as crianças precisavam ter contato com elementos das ciências físicas e naturais, além de preceitos de higiene, algo que não era possível resumir no livro *Atravez do Brazil*. Eles criticam a concepção de resumir um livro de leitura a um modelo de enciclopédia, fato que causaria tamanho cansaço e possível desinteresse nas crianças.

Eles registram que a verdadeira enciclopédia é o professor. A este cabe a instrução dos alunos. A concepção educacional dos autores é que a coragem, harmonia, esforço e bondade é a fórmula da educação humana. Isso fica nítido na constituição e encenação dos personagens Carlos, Alfredo e Juvencio que é narrada nos 82 capítulos. Esses são apresentados a partir do índice que está inserido no final do livro. Vejamos a organização desses capítulos na Figura 4.

Figura 4 – Sumário do livro *Atravez do Brazil*

INDICE			
	Pags.		
I. — Má noticia	13	XXXVI. — Ferido	117
II. — Na estrada de ferro.	18	XXXVII. — No tronco	150
III. — A velha africana	21	XXXVIII. — Um dia de martyrio.	153
IV. — Garanhuns.	25	XXXIX. — Quem não pode, trapaceia	156
V. — A cavallo.	29	XL. — Um plano	160
VI. — A vida selvagem.	34	XLI. — A expedição	163
VII. — Estrada a fora.	39	XLII. — Como se embrulha um sabido	166
VIII. — Na fazenda.	44	XLIII. — Livro !	169
IX. — Piranhas.	50	XLIV. — A despedida	172
X. — A cachoeira de Paulo Afonso	56	XLV. — Uma officina.	174
XI. — Orphãos	60	XLVI. — Um annuncio	478
XII. — Sós	65	XLVII. — Num vallo	182
XIII. — Um novo companheiro	68	XLVIII. — O moribundo.	186
XIV. — O rancho.	71	XLIX. — Morte e enterro	189
XV. — O sertão	74	L. — O juramento	193
XVI. — Uma historia.	77	LI. — No Catú	196
XVII. — Uma carne improvisada.	81	LII. — O engenho.	202
XVIII. — Continua a historia.	85	LIII. — Um encontro	204
XIX. — Fim da historia de Juvencio.	89	LIV. — Ignacio Mendes.	209
XX. — A caminho.	92	LV. — Na Bahia	215
XXI. — Um desapiadado e um bondoso.	96	LVI. — A partida.	221
XXII. — Perdidos	100	LVII. — As jangadas.	224
XXIII. — O primeiro dinheiro	105	LVIII. — No alto mar	228
XXIV. — scena terrivel	108	LIX. — A tempestade	232
XXV. — A cruz da estrada.	111	LX. — O Gigante de Pedra	237
XXVI. — A historia da cruz.	115	LXI. — O Rio de Janeiro	240
XXVII. — Uma pescaria	118	LXII. — A Capital Federal.	245
XXVIII. — As lavadeiras	122	LXIII. — Um passeio pela cidade.	249
XXIX. — Separados	127	LXIV. — Em viagem para São Paulo.	253
XXX. — Doença	130	LXV. — A linna do Centro.	257
XXXI. — Maria das Dores	133	LXVI. — O ouro e os diamantes.	262
XXXII. — A' espera.	136	LXVII. — Matto-Grosso e Goyaz	266
XXXIII. — A clareira	139	LXVIII. — A lavoura dos cafezaes	269
XXXIV. — Uma briga.	141	LXIX. — O preparo do café	272
XXXV. — Ladrão!	144	LXX. — Sao Paulo	276
		LXXI. — O Progresso Paulista	280
		LXXII. — Para o Sul	282
		LXXIII. — O Paraná.	286
		LXXIV. — Santa Catharina	289
		LXXV. — Um velho amigo	292
		LXXVI. — Prosegue a viagem de Juvencio.	297
		LXXVII. — A vida na Amazonia	304
		LXXVIII. — A Porvórca	306
		LXXIX. — O Amazonas	308
		LXXX. — Encontro com os tios	314
		LXXXI. — Uma estancia.	318
		LXXXII. — Epilogo. — Tudo se explica	323

Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Os nomes dos capítulos são antecidos por numerais romanos,(figura 4), iniciando no I e concluindo no LXXXII. Cada título reflete o conteúdo da narrativa que o leitor irar se deparar, como no primeiro capítulo intitulado *Má noticia*. Nele, os personagens Carlos e Alfredo estudantes de um colégio interno no Recife/PE recebem a notícia que seu pai, um engenheiro que estava a serviço em Garanhuns/PE, estava

muito doente. A partir dessa triste notícia, os irmãos fogem em busca do seu pai. Uma espécie de convite aos leitores para terem a mesma coragem dos personagens para enfrentarem os desafios na recém-República. Conforme Silva (2010, p. 61):

Assim, vemos que a história dos meninos viajantes serve apenas como um pano de fundo, um atrativo, para que os autores possam ilustrar um Brasil rico e desconhecido aos olhos dos leitores. Além do propósito geográfico, os autores também inserem, através de diálogos com os protagonistas, a descrição de cenas históricas também com o intuito formador.

A partir da viagem em busca do pai, Bomfim e Bilac introduzem os saberes geográficos para apresentar o Brasil. Para Veríssimo (2013, p. 87):

Não é no Rio de Janeiro, cidade cosmopolita e artificial, que devemos estudar o Brasil, mas na província, no interior. É esse que é o Brasil, ou seja, quatorze milhões de habitantes contra 500 mil da capital.

Já era cogitado por Veríssimo que na elaboração dos livros fossem inseridos localidades do país para além da capital do país, algo que Bomfim e Bilac realizaram na trajetória dos personagens em busca de notícias do pai doente. É a partir dessa longa viagem que os leitores escolares têm acesso às paisagens do Brasil que, para muitos, era desconhecida. Sobre isso Oliveira (2015, p. 783) destaca que:

O livro transmite um tipo de catecismo cívico capaz de constituir um novo sentimento nacional para todos aqueles que estão sendo alfabetizados pela escola. Assim, tal livro pode ser considerado um exemplo muito bem-sucedido da literatura escolar nacional, um gênero que teve destaque nos primeiros anos da República.

O autor destaca que Bomfim e Bilac escreveram um dos mais interessantes livros na categoria que hoje pode ser chamada de obra paradidática. O impresso não era apenas de leitura, mas tinha o intuito de catequizar, a partir da sua Geografia, os futuros cidadãos brasileiros, mostrando que o Brasil seria uma nova nação com a instituição da República, o fim da escravidão e do império.

Veríssimo (2013) aponta que o livro de leitura era a mola real do ensino, mas os que eram utilizados em sala de aula não falavam do Brasil, da sua geografia e da sua história. Assim, ele conclamava a produção de impresso que estivessem voltado para o país, como ele mesmo declara: “[...] são os escritores estrangeiros que traduzidos, transladados ou, quando muito, servilmente imitados, fazem a educação da nossa mocidade” (VERÍSSIMO, 2013, p. 79). Isso também incorre no tocante ao

conhecimento geográfico, para o autor (2013, p. 78), “[...] nas escolas a geografia é uma nomenclatura de nomes europeus principalmente; a geografia pátria, quase impossível de estudar pela ausência completa dos elementos indispensáveis [...]”. Não se tratava apenas de uma nova reestruturação referentes aos livros de leitura, mas também, em aspectos relacionados aos saberes como o da Geografia, pois os alunos conheciam mais a Europa do que o próprio país, o que ia de encontro com os ideais nacionalistas republicanos brasileiros. Veríssimo (2003, p. 79-80) aponta que:

[...] uma das mais necessárias reformas é a do livro de leitura. Cumpre que ele seja brasileiro, não só feito por brasileiros, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores trasladados, pelos poemas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime.

Para mostrar essa nova realidade do país apontada por Veríssimo, os autores Bomfim e Bilac produzem uma narrativa onde os personagens se deslocam pelo país, mostrando sua diversidade e ao mesmo tempo uma unidade. Para Negromonte (2019, p. 125-126) Bomfim e Bilac:

[...] apresentaram a difícil realidade dos brasileiros que moravam em cidades interioranas do país, até então não discutida na escola brasileira, de forma positiva, emocionante, procurando despertar nos seus jovens leitores a curiosidade, o desejo de adquirir novos conhecimentos sobre o universo tão peculiar e atrativo dos seus pequenos heróis. Isso significa dizer que Bilac e Bomfim tiveram o cuidado de usar uma linguagem direcionada às crianças e adolescentes, repleta de aventuras, de forma que se solidarizassem com aqueles menos favorecidos e despertassem o desejo de imitar a generosidade e a coragem dos protagonistas da narrativa.

Os autores escreveram uma história que permitiu aos brasileiros reconhecer o Brasil, mostrando regiões e lugares que não eram conhecidos, possibilitando aos leitores, que não tinham possibilidades de viajar pelo país, conhecer espaços geográficos distintos. Silva (2010) aponta que a temática de viagens, além de ter intuito formador, também traz à tona a ideia de progresso, já que é no decorrer das narrativas que são mostrados os heróis nacionais, as praças, a natureza (como possível fonte de riqueza por meio do trabalho) e os monumentos. Para Santos (2010, p.89):

A chamada ‘literatura de viagem’ – embora tenha manifestações desde a Idade Média – torna-se difundida, primeiramente, à época das Grandes Navegações. Essencialmente informativa, fluindo entre registro administrativo, relato de ocorrências e estudo das novas terras

conquistadas, essa literatura de viagem é, freqüentemente, vista como uma espécie de 'sub-gênero' de uma literatura portuguesa e hispânica do Século XVI. Entretanto, o século XVIII assinala novos contornos para essa manifestação literária.

Ele evidencia que esse tipo de literatura vai ser afirmada durante o século XIX em outros países da Europa para a conformação de identidades nacionais. O que podemos identificar a partir do livro *Atravez do Brazil* que esse estilo também vai ser ramificado no Brasil. Santos (2010, p. 90-91) alude que:

[...] que a viagem pelo próprio território nacional conferem aos viajantes um conjunto de competências, saberes e valores capazes de formá-los de acordo com 'sua gente', conferindo a eles a 'francesidade', a 'italianidade' ou a 'brasilidade'

Consideramos que Bomfim e Bilac (1910), a partir das leituras que tinham e o conhecimento geográfico, planejaram e escreveram uma obra a partir de um modelo que já existia, adaptando-a à necessidade escolar brasileira. Gontijo (2010) declara que o livro *Através do Brazil* é agrupado ao lado dos compêndios dedicados ao ensino dos conteúdos específicos de cada disciplina, os livros de leitura e composição constituíam o conjunto da chamada literatura escolar nacional.

Apesar de buscarem inspiração em outros livros a obra aqui analisada apresenta aspectos peculiares que a distiguem das demais publicadas no Brasil, ou que circulavam no país, utilizando de dispositivos distintos dos livros que chagavam aos espaço escolar brasileiro. Conforme Roger Chartier (1999), as formas produzem sentidos, a medida que são modificadas o seu dispositivo, que convidam a outras interpretações. Ao utilizar ilustrações, sobretudo cartões-postais e fotos do espaço territorial brasileiro, os autores provocam e promovem outras interpretações nos seus leitores como a de usar jovens para viajar pelo país, apresentando uma geografia brasileira, também provocada novas leituras.

Segundo Botelho (2002), esses livros de leitura eram destinados ao uso didático e eram compostos por uma narrativa ficcional, na qual se entrelaçavam os conteúdos das diferentes disciplinas que, então, cabia à escola primária ministrar. Além disso, esses impressos tinham uma missão formadora e patriótica, como aponta Silva (2010, p. 44-43):

[...] a recém-nascida indústria do livro escolar para crianças não esconde seu caráter pedagógico e nacionalista; o livro se converte em veículo difusor das imagens de grandeza e modernidade do país e sua leitura deveria contribuir com a tarefa de formação de um povo que cultivava qualidades e ideais de conduta para garantir sua felicidade e o progresso da nação.

Neste sentido, os livros são imbuídos de uma dupla funcionalidade, pedagógica e nacionalista, o que Bomfim e Bilac conseguem agrupar no seu livro, tornando-se um dos exemplos mais consistentes de presença na escola, além de ter sido o livro que, no conjunto da obra de Bomfim e Bilac, teve maior êxito de público, uma vez que foi utilizado durante cinquenta anos nas escolas primárias.

O livro também surge em um momento que a concepção de criança, no Brasil, começava a ganhar novos contornos. Gontijo (2010, p. 32) afirma: “[...] a criança passava a ser vista como futuro da nação no momento mesmo em que se construía uma noção de ‘infância brasileira’ e se consolidava a ideia do Brasil como ‘país do futuro’[...]”. A partir dessa nova concepção de criança que se estruturava no país, era necessário também uma nova maneira de articular o conhecimento veiculado no ambiente escolar e nos materiais didáticos.

Silva (2010, p. 43) ressalta que, no final do século XIX, “[...] as várias campanhas de alfabetização fortalecem o surgimento dos livros infantis e escolares, que aos poucos revelam um público antes invisível: o leitor criança”. Contudo, foi a partir da obrigatoriedade do Ensino Primário que a produção de livros de leitura começou a adquirir força e a adequar-se às necessidades da escolarização em massa, passando a servir aos interesses do Estado. À escola cabia a responsabilidade de contribuir para a formação do caráter das crianças. Os autores das obras estavam cientes deste compromisso, incluindo nos livros as reflexões que formariam a imagem de um país moderno e republicano. Para Coelho (1991, p. 206):

Os livros de leitura, escritos pelos pioneiros, e que foram, no Brasil, a primeira manifestação consciente da produção de leitura específica para criança. Em última análise, tais livros foram também a primeira tentativa de realização de uma literatura infantil brasileira, mostrando que os conceitos de “literatura” e “educação” andaram sempre essencialmente ligados.

A citada autora apresenta os livros *Le tour de la France par deux garçons* (1877) e *Cuore* (1886) como matrizes inspiradoras de obras que transformaram-se em verdadeiras cartilhas de nacionalidade, como *Atravez do Brazil* (1910). Sobre este assunto, Lajolo é enfática (1982, p. 56): “[...] a semelhança entre os dois livros é

grande, tão grande que se impõe como algo mais do que simples coincidência; mas não é também plágio ou cópia: parece tratar-se de uma meticulosa adaptação do projeto francês [...]”. Já Santos e Oliva (2004, p. 105) enfatizam que os autores tenham buscado inspiração em obras publicadas em outros países.

Dois livros didáticos europeus do século XIX teriam inspirado o *Através do Brasil*. O primeiro é um livro italiano, cuja tradução foi adotada em escolas brasileiras: *Cuore*, de Edmundo de Amicis, jornalista, militar e escritor que nasceu e viveu em Oneglia (Itália) entre outubro de 1846 e março de 1908, considerado um dos escritores que mais decisivamente influenciaram as produções literárias infantis da Europa do século XIX. O segundo é *Le Tour de La France par Deux Enfants*, de G. Bruno, pseudônimo de Augustine Fouillé, escritora francesa, esposa do filósofo Alfred Fouillée. Para Lajolo, em comum, as duas obras teriam o propósito de discutir a idéia de identidade nacional em momentos de crise de suas respectivas sociedades, elemento que teria gerado em Bomfim e Bilac uma espécie de simpatia, levando a dupla a produzir, no início do século, um “similar nacional” daqueles livros.

Os autores do livro *Atravez do Brasil* teriam buscado inspiração nas duas obras europeias. Segundo Santos e Oliva (2004, p. 107): “[...] a obra italiana e a francesa, no fundo, representaram paradigmas para a confecção dos livros de leitura das primeiras décadas do século XX no Brasil”. O que conduzem a pensar que Bomfim e Bilac tinham acesso e conhecimento dos modelos de livros de leitura que faziam sucesso na Europa e, a partir deles, (re)criaram uma narrativa com elementos da Geografia brasileira.

Os citados autores tinham notório conhecimento dos livros que faziam sucesso na Europa, como apontado por Lajolo, e sabiam das necessidades de uma literatura puramente brasileira, já convocada por Veríssimo. Assim, eles criaram uma literatura original, no sentido de se voltar para o Brasil, mas com uma inspiração estrangeira. Aos olhos de Botelho (1998), os autores elaboraram um texto paradidático próprio, pois a produção literária paradidática da Primeira República é, na verdade, composta por um conjunto de obras entre si muito diversificadas designadas genericamente pela expressão livros de leitura em função do uso didático a que então se destinavam nas escolas primárias.

Para atrair o público, Bomfim e Bilac, além de utilizarem uma linguagem literária, inseriram um arsenal iconográfico, retratando uma heterogeneidade de paisagens existentes no Brasil. Os autores expõem na nota introdutória que, para atrair a atenção da criança e influir na sua formação, é necessário falar sobre sentimentos. Isso justifica, segundo os autores, o tom dramático que deram à

narrativa. Segundo Bomfim e Bilac (1910, p. 8): “[...] foi por isso que demos ao nosso livro um caráter episódico, um tom dramático – para despertar o interesse do aluno e lhe conquistar o coração”. Não era necessário apenas inserir conteúdo e exaltar o patriotismo, era necessário despertar o interesse do leitores, algo que Bomfime Bilac tinham plena convicção, sobretudo pelo público a quem era destinado o livro.

Bittencourt (2004) reforça que a nova geração de autores, a qual eles fizeram parte, caracterizou-se por sua heterogeneidade e grandes desafios, Bittencourt (2004, p. 484):

[...] uma vez que produziam para um público ampliado, não se limitando mais aos filhos dos grandes proprietários rurais e comerciantes. Tratava-se de um público bastante diferenciado, compreendido por alunos de escolas de ensino elementar, com idades variáveis, por adolescentes desejosos de seguir carreiras no setor terciário, muitas vezes oriundos de classes menos favorecidas da sociedade e por jovens da elite econômica, agora acrescida por elementos do sexo feminino.

Por isso, a preocupação dos autores em utilizar uma linguagem acessível. Quando não era possível, apresentaram um vocabulário ao final do livro, além de inserir diversas foto, cartões-postais e desenhos. Era necessário promover uma leitura lúdica a partir da narrativa estruturada por eles. De acordo com Amarilha (1997, p. 18):

[...] a narrativa tem uma estrutura que estabelece relação com as expectativas do receptor e ela tenta corresponder a um mínimo dessa ansiedade, isto é, ela deve dizer alguma coisa para o receptor. Ora, nesse acordo tácito em que a narrativa propõe expectativas receptores aceitam o jogo, cria-se a condição para que a narrativa seja percebida como uma sequência de fatos conexos, como se as causas sempre resultassem em consequências e os enredos do destino humano, ali representados, sempre tivessem fim.

Essa espécie de jogo promovido pela narrativa é o que promove a ludicidade na leitura; o leitor sente-se atraído e desafiado a desvendar o que vai ocorrer no decorrer da história, em alguns momentos pode se confundir com os próprios personagens ou se identificar com momentos descritos na narrativa. Para Santos e Oliva (2004, p. 101), “[...] o livro formou gerações de brasileiros transmitindo uma imagem otimista do país, sem cair no ufanismo exagerado que se verifica em obras contemporâneas do gênero”. Esse otimismo se fez necessário, tendo em vista que o Brasil estava na busca de reafirmar a República que tinha sido proclamada em 1889, século XIX, necessitando criar signos e símbolos que reafirmassem uma nacionalidade brasileira a partir da sua Geografia.

Quais foram esses saberes geográficos?

3 SABERES GEOGRÁFICOS NO LIVRO ATRAVEZ DO BRAZIL

Os autores Bomfim e Bilac, na advertência e explicação do livro, *Atravez do Brazil*, deixaram orientações importantes. Eles são enfáticos ao apontarem que alguns livros de leitura utilizados nas escolas brasileiras são amontoados didáticos, que confundem muito mais os alunos do que os ensina, misturando saberes como gramática com bem viver, Geografia com apontamentos de zootecnia.

O caráter enciclopédico que prevalecia em livros escolares misturava saberes que confundiam muito mais o alunado do que contribuía para o processo de ensino e aprendizagem. Bomfim e Bilac expõem que o professor é a verdadeira enciclopédia em sala de aula, todavia os materiais impressos servem para auxiliá-los. Assim, eles apresentam algumas temáticas abordadas no livro *Atravez do Brazil*: língua portuguesa, como a morfologia das palavras e sua classificação, instrução moral, História do Brasil e a Geografia. Bomfim e Bilac (1910, p.10-11) destacam:

Uma lição de geografia... A primeira lição do programa: terras e mares, acidentes geográficos. No segundo capítulo, o livro fala em *mar*: "o mar ficou lá atrás ..", - ao passo que o trem avança para o *interior do continente, entre montanhas, rios*, etc. Aproveitando essas indicações, o professor ensinará que a superfície da terra compreende terras e mares: as linhas de encontro são as *costas, os litoraes*, linhas irregulares, formando *cabos, bahias, penínsulas*, etc.; depois, é fácil indicar os outros acidentes geográficos: *rios, calles, ilhas, lagos*, etc.

Eles criticam o perfil enciclopédico de alguns impressos e propõem um conjunto de saberes que permeiam diversas áreas do conhecimento. Todavia eles realizam um movimento que traz para o livro uma ludicidade e leveza como garantia para não tornaa a leitura enfadonha. Para Coelho (1991, p. 220):

A novidade que esse livro trazia era a sua *unidade narrativa*. Em lugar de diferentes estórias (como as apresentadas pelos livros escolares, até então...), *Através do Brasil* desenvolvia uma só narrativa, - uma novela que se desenvolve através das experiências de dois irmãos órfãos.

Essa é umas das peculiaridades deste livro, uma única narrativa capaz de agregar saberes de campos de conhecimentos variados de maneira concreta e desafiadora ao seu leitor. Bomfim e Bilac apresenta uma espécie de um manual com sugestões para o professor trabalhar os conteúdos, demonstrando que não estavam só preocupados com os alunos, mas também com a maneira que os educadores

trabalham os conteúdos apresentados na narrativa elaborada por eles com fim educativo. Os autores propõem um ensino a partir da realidade dos educandos:

[...] um conhecimento concreto do meio no qual vive e se agita a criança; e d'este modo se consegue isto, que é a grande aspiração do ensino primário: - que a Escola ensine a conhecer a natureza com a qual a criança está em contacto, e a vida que ella tem de viver e da qual já participa. (BOMFIM, BILAC, 1910, p. 11-12).

Eles asseguram que um dos diferenciais do livro *Atravez do Brazil* é o conhecimento concreto, pois retrata a realidade dos alunos. Isso seria o objetivo do ensino primário, promover um ensino a partir da vivência. Esse é um aspecto evidenciado por Veríssimo (2013) quando ele alerta que os livros devem trazer menos aspectos da Europa, com temas que não retratam a realidade brasileira, e que os autores passem a propor situações reais do cotidiano dos alunos e que sirvam para sua vida prática no Brasil.

A obra de Bomfim e Bilac (1910) se insere na perspectiva de um movimento de uma Geografia renovada e abasileirada. Segundo Carvalho (2012), a Geografia está em processo de sistematização no Brasil, embora na Europa e Estados Unidos já tivesse se institucionalizado. Esse processo contou em grande medida com as elaborações produzidas no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e outras sociedades geográficas, mas também com a produção direcionada para a escola.

Algo que é evidenciado na publicação da primeira edição, 1890, do livro *A Educação Nacional*, momento que Veríssimo faz alerta sobre o ensino da Geografia. Veríssimo (2013, p.123):

[...] nós não sabemos geografia. Nesta matéria a nossa ciência é de nomenclatura, e, em geral, cifra-se à nomenclatura geográfica da Europa. É mesmo vulgar achar entre nós quem conheça melhor essa que a do Brasil. A geografias da África, tão interessante e atrativa, a da Ásia ou da Oceania e até a da América, que após a nossa, é a que mais interesse nos devia merecer, mesmo reduzida a essa estéril denominação, ignoramos completamente.

O autor já denunciava a falta de um ensino de Geografia voltado para os aspectos nacionais, o mesmo sabia do valor e potencial que está no conhecimento geográfico. Veríssimo (2013) deixa evidente na sua escrita a importância deste saber para a vitória da Alemanha sobre a França na Guerra Franco-Prussiana, com a máxima de que os alemães conheciam mais da geografia francesa do que os próprios

franceses. Segundo ele no “[...] ensino primário brasileiro o da geografia é lamentável e, quando feito, o é por uma decoração bestial e a recitação ininteligente de lição decorada” (VERÍSSIMO, 2013, p.124). O ensino menemônico presente na educação brasileira era a base do ensino geográfico. A partir dessas constatações, Veríssimo (2013) aponta que os poucos livros que tratam da Geografia nacional são, como ele diz, “[...] mal pensados e mal escritos”, fazendo um chamado para uma produção mais pedagógica e concreta da Geografia, infantizando a Geografia pátria como subsídio.

Ele ainda destaca que os autores não esqueçam dos acidentes geográficos, dos rios navegáveis e uma geografia econômica. Veríssimo (2013, p. 127), “o que sabemos da geografia da nossa pátria, das feições características do seu solo, dos seus habitantes de outras zonas que não as nossas, sabemos-lo pelos estrangeiros”. E assim ele conclama uma Geografia de cunho nacional e patriótico, e que seja feito aos olhos de escritores brasileiros para os alunos da terra.

Esse brado dado pelo autor se justifica pelo fato de que no Brasil do final do século XIX e primeiras décadas do XX, conhecia-se mais da Geografia européia do que a do próprio país, algo que era explicitado nos livros que, em sua maioria, eram obras traduzidas e adaptadas destas localidades. Por isso, Veríssimo faz um apelo aos autores brasileiros que insubordinem suas escritas, fujam da engessada utilizada nos manuais da época.

É a partir desta conjuntura que Bomfim e Bilac (1910) tessem os saberes geográficos no livro *Atravez do Brazil*. Para Gracioli e Pezzato (2021, p. 30):

[...] ao valer-se de elementos da imaginação, da ficção e da subjetividade para se pensar conceitos até então científicos e de base lógico-positivista, rompendo com os cânones do fazer literário no país e no mundo, quanto para a geografia escolar, ao instaurar um entendimento de espaço a partir de conceitos extra científicos, tangentes à subjetividade em sua constituição.

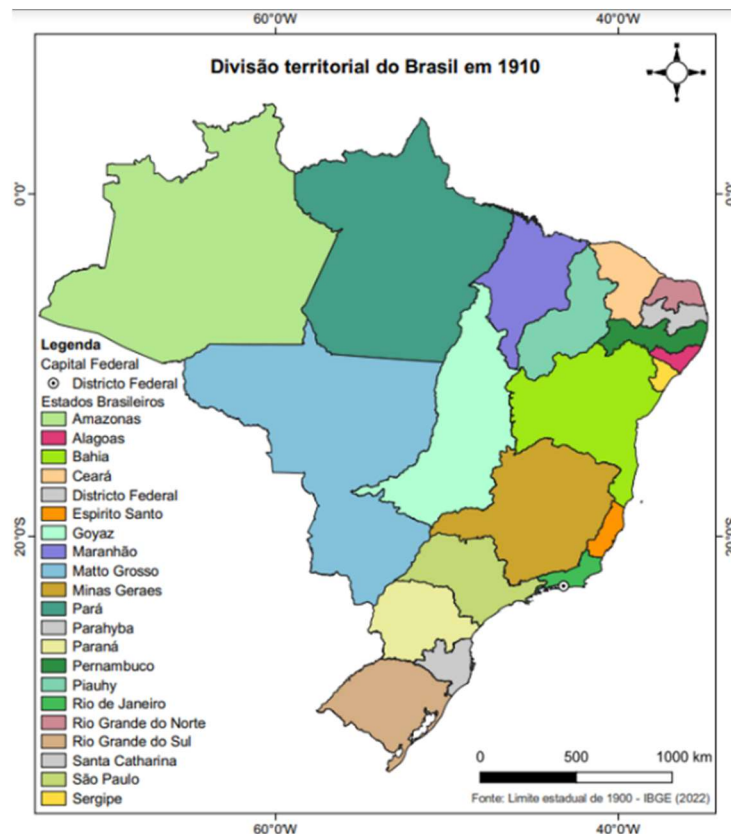
Para a constituição dessa ficção lúdica, os autores do citado livro delimitam a viagem como meio da concretude. Para Gontijo (2010) era um símbolo da vontade de se fazer uma Geografia *in loco*, deixando o gabinete e as orientações didáticas dos livros da época de lado para, a partir da experiência da vivência do espaço, fazerem a própria Geografia nacional. Segundo Oliveira (2005, p. 64):

As ‘viagens de descobertas’ perfazem essas notícias e emolduram a imprensa do período, trata-se de um modo de ver específico: é preciso descobrir determinados territórios. Pensando nisso, “viajar” é preciso para

desbravar novos territórios, novas descobertas, como as que fazem Carlos e Alfredo.

É a partir da aventura vivida por Carlos, Alfredo e Juvencio, personagens centrais do enredo, que o Brasil vai sendo revelado, como mostra o Mapa 1.

Mapa 1 – Localidades citadas no enredo.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em 1910, o Brasil era composto por 20 estados como mostra o Mapa 1, tendo o Rio de Janeiro como a capital do Brasil. No período em que os autores publicaram o livro *Atravez do Brazil*, o território não tinha uma divisão regional oficial, o que só vai ocorrer em 1913, quando Delgado de Carvalho divide o Brasil em cinco grandes regiões utilizando como critérios os elementos naturais e humanos.

Os personagens não têm passagens em todos os 20 estados, mas os autores do livro conseguem descrever aspectos relacionados a todos os estados apontados no Mapa 1, apesar de não existir uma divisão regional oficial¹⁰. Contudo, o que se identifica é que Bonfim e Bilac conheciam a falta de conexão entre a porção sul e o

¹⁰ Já existia divisões não oficiais como a de André Rebouças, de 1889, de Élisée Reclus, de 1893, e a de Said Ali, de 1905.

Norte e nordeste do Brasil. Gontijo (2010, p. 130) aponta que:

A essa constatação cabe o questionamento do porquê da escolha da região nordeste do Brasil, notadamente o estado de Pernambuco, como cenário para o desenvolvimento da trama. Uma possível interpretação reside na ideia da tentativa de os autores de chamar a atenção do público leitor para aquela região decadente do país e, a partir da sua exploração, dar-lhe novas tintas no ideário nacional ao jovem leitor.

Não restam dúvidas de que o Nordeste do Brasil foi o grande destaque, mas não podemos esquecer que o Norte também ganha um espaço especial na trama, sobretudo o estado do Amazonas. Sobretudo na inclusão das riquezas naturais e culturais existentes nestas regiões, mostrando que muito havia a ser explorado e que havia caminhos que interligavam o país.

Uma tentativa de os autores mostrarem que o país não era um arquipélago, como aponta Milton Santos (2009, p. 29):

O Brasil foi, durante muitos séculos, um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por suas relações com o mundo exterior. Havia, sem dúvida, para cada um desses subespaços, pólos dinâmicos internos. Estes, porém, tinham entre si escassa relação, não sendo interdependentes.

O autor destaca que esse cenário passa por mudança a partir da segunda metade do século XIX, a partir do sucesso da produção do café em São Paulo, que possibilita a implantação de estradas de ferro, melhoria dos portos, ampliação dos meios de comunicação. Contudo, esse cenário não se mantém de maneira homogênea, como aponta Milton Santos (2009). Trata-se de uma integração limitada, ou seja, havia espaços privilegiados, como as áreas centrais do país, que futuramente recebem a denominação de Região Sudeste.

Assim, cabem aos personagens Carlos, Alfredo e Juvencio, a incumbência de mostrar aos brasileiros a unidade territorial mediada pelos meios de transportes. Não importava o local que os personagens transitavam, vilas, capitais, ora a pé, de trem, de barco, a cavalo, o país estava conectado ou se conectando. Botelho (1998, p. 29) aponta que:

A jornada educativa de Carlos e Alfredo, ao procurar ligar as antinomias constitutivas do que então se desejava como 'Brasil-nação', comunica o 'sertão' e a 'cidade', o 'velho' e o 'novo'. *Através do Brasil* pode, nesse sentido, ser considerada uma expressão sintética da problemática social da 'integração nacional' manifesta no anseio persistente de integrar o país

geográfica, política e economicamente conforme o modelo de Estado-nação adotado.

A recente nação republicana procurava incorporar o sertão à vida nacional numa dupla relação. Como diz Botelho (1998), aquela revigorando esta; esta civilizando aquela. Há uma intencionalidade na escrita de Bomfim e Bilac em mostrar que o Rio de Janeiro e São Paulo eram modelos a serem seguidos. Nesse sentido identificamos, durante a viagem de Alfredo, Carlos e Juvencio pelo território brasileiro, conteúdos relativos à Geografia. Vejamos o Quadro 5.

Quadro 5 - Capítulos com conteúdos geográficos

CAPÍTULOS	TÍTULOS	CONTEÚDOS
I	Má Notícia	Cruzeiro do Sul, Estrela Dalva
II	Na Estrada de Ferro	Serra, Carvão, Vales
III	A Velha Africana	Rio, Cachoeiras, Ilha, Leito do Rio, Enseadas
V	A Cavalos	Estados e Cidades Brasileiras
VIII	Na Fazenda	Criação de Gado Bovino no Nordeste
IX	Piranhas	Morros, Rio São Francisco, Fronteiras
X	A Cachoeira de Paulo Affonso	Foz
XI	Orphãos...	Nascente do Rio São Francisco
XV	O Sertão	Polos, Secas, Agricultura
XVI	Uma Historia	Carvão Vegetal
XVII	Uma Cama Improvisada	Chuva de Granizo
XX	A Caminho	Paisagem
XXXII	À Espera	Morro
XXXIII	A Clareira	Morro
XXXIV	Quem não Pode, Trapaceia	Lugar
LIII	Um Encontro	Paisagem
LVII	As Jangadas	Pesca
LIX	A Tempestade	Oceano, Estreito de Magalhães, Austrália,
LX	O Gigante de Pedra	Baia, foz, Serras,
LXII	A Capital Federal	America do Sul, Baia
LXIV	Em Viagem para São Paulo	Serras, Serra do Mar, Montes, Territorio
LXV	A Linha do Centro	Paisagem, Serra da Mantiqueira, Chapada,
LXVI	O Ouro e os Diamantes	Exploração Mineral,
LXVII	Matto-Grosso e Goyaz	Estados, Proporção, Minerios,
LXVIII	A lavoura dos Cafezaes	Café, Terra Roxa, Serra do Mar, Geadas, Estações do Ano
LXXI	O Progresso Paulista	Imigração
LXXII	Para o Sul...	Serra, Enseada,
LXXIII	O Paraná	Araucária, Mate,
LXXIV	Santa Catharina	Estreito, Santa Catarina, Imigração,
LXXV	Um Velho Amigo	Costa, Serrigaes, Recifes
LXXVI	Prossegue a Viagem de Juvencio	Baia, Enseadas, Ilhas, Ilhotas, Lagos, Canaes, Maré
LXXVII	A Vida na Amazonia	Rios, Borracha, Caboclos
LXVIII	A Pororóca	Ilha de Marajó, Rio Amazonas, Pororoca,

LXXIV	O Amazonas	Ilhas, Afluentes (bacia), Vasantes, Igarapé
LXXXI	Uma Estancia	Estancia

Fonte: elaborado pela pesquisadora¹¹ (2022).

Dos 82 capítulos que compõem o livro, identificamos conteúdos referentes à Geografia em 35 deles, como mostra o Quadro 5. Alguns aparecem repetidos em diversos contextos, como ilha, serra, rio, e sobretudo paisagem. Após a análise dividimos os conteúdos em duas categorias, como mostra o Quadro 6.

Quadro 6 - Divisão dos conteúdos

Acidentes Geográficos/Elementos Naturais	Produção Econômica/ Elementos Culturais
Cruzeiro do Sul, Estrela Dalva, Serra, Vales, Rio, Cachoeiras, Ilha, Leito do Rio, Enseadas, Morros, Rio São Francisco, Fronteiras, Foz, Nascente do Rio São Francisco, Polos, Secas, Chuva de Granizo, Paisagem, Morro Oceano, Estreito de Magalhães, Austrália, Baía, Foz, Serras, América do Sul, Baía Serras, Serra do Mar, Montes, Território Paisagem, Serra da Mantiqueira, Chapada, Terra Roxa, Serra do Mar, Geadas, Estações do Ano Serra, Enseada, Araucária, Mate, Estreito, Santa Catarina, Imigração, Costa, Recife, Baía, Enseadas, Ilhas, Ilhotas, Lagos, Canais, Maré, Rios, , Caboclos, Ilha de Marajó, Rio Amazonas, Pororoca, Ilhas, Afluentes (bacia), Vazantes e Igarapé	Carvão, Criação de Gado Bovino no Nordeste, Agricultura, Carvão Vegetal, Pesca, Exploração Mineral, Proporção, Minérios, Café, Seringais, Borracha Estância, Estado e Cidades Brasileiras, Imigração, América do Sul.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023).

Os conteúdos referentes aos aspectos naturais (Quadro 6), são predominantes na narrativa. Existe uma intencionalidade em expor as riquezas e potencialidades do Brasil. Para inserir esses conteúdos, os autores dividem a viagem dos personagens em dois momentos, ora corre por via terrestre, ora por meio aquático. O que revela que a conectividade do país se dá por todos os meios utilizados no Brasil em 1910.

Esse aspecto é destacado por Alexsandro Santos (2010, p. 93), “[...] cabe a esse livro, nesse formato, ao menos duas ou três maiores e mais significativas do que apresentar um texto narrativo atraente aos meninos e meninas na escola: ‘apresentar’ a realidade física e humana do Brasil”. Ou seja, a viagem por diversas paisagens tem a função de apresentar a diversidade brasileira numa perspectiva de unidade, leitura destinada sobretudo aos escolares, futuros cidadãos brasileiros. Para

¹¹ Mantivemos a escrita original que consta no livro *Atravez do Brazil, 1910*.

Alexsandro Silva (2010, p. 22), “As ideologias nacionalistas eram “embutidas” nos conhecimentos escolares visando desenvolver um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola aliados para a formação de cidadãos”. Em outras palavras, a Geografia esteve a serviço de inculcar nos alunos a ideia de um país em ampla construção, conectado e em amplo desenvolvimento.

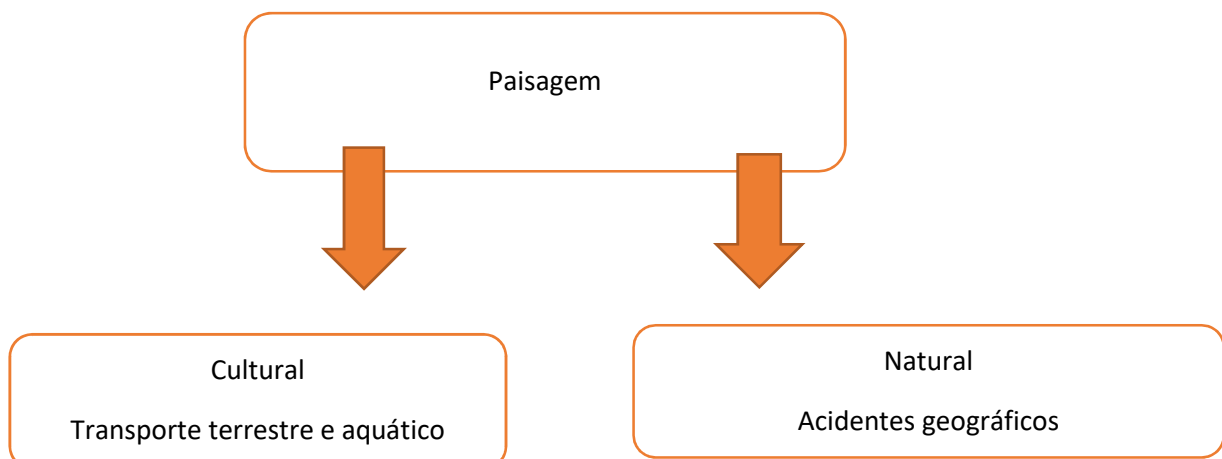
O que nos lembra o poder contido no conhecimento geográfico apontado por Lacoste (1988, p. 18-19):

[...] a geografia serve, primeiro, para fazer a guerra não implica afirmar que ela só serve para conduzir operações militares; ela serve também para organizar territórios, são somente como previsão das batalhas que preciso mover contra ou aqueles adversários, mas também para melhor controlar os homens sobre os quais o aparelho de Estado exerce sua autoridade. A geografia é, de início, um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares e são tais práticas que exigem o conjunto articulado de informações extemamente variadas.

O conhecimento é arquitetado a depender do interesse de quem o utiliza. Assim, a Geografia serve a interesses distintos, um saber que pode libertar ou engessar mentes humanas. No caso do Brasil, a Geografia escolar corresponde aos anseios republicanos de fortalecer o sentimento de pertecimento, de (re)criar laços com o país, sobretudo nos escolares.

Nessa conjuntura Bomfim e Bilac (1910) estruturam sua escrita,calacdo, sobretudo, no cinehcimento e conteúdos geográficos, os quais foram articulados com as diversas paiagens do Brasil. Nesse sentido, apresentamos um organograma com a estrutura do conteúdo geográfico identificada a partir da leitura do livro.

Esquema 1 - Organização do conteúdo geográfico



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Observamos que a paisagem é o mote central para o desenvolvimento do enredo, como ostra o esquema 1. Quando ela não aparece de maneira descritiva, é inserida nas ilustrações. É através dela que os personagens vão se deslocando por todas as regiões brasileiras. O que possibilita a Carlos, Alfredo e Juvencio, conhecerem elementos naturais e culturais da paisagem.

3.1 A PAISAGEM COMO MOTE CENTRAL NO LIVRO ATRAVEZ DO BRAZIL

A paisagem é um conceito e uma categoria de análise presente na história do pensamento geográfico, podendo ser compreendida a partir de diferentes perspectivas. De acordo com Silveira (2009), no século XIX e início do século XX eram utilizados dois métodos de análise e compreensão da paisagem por parte dos geógrafos. Para uns, ela é concebida como uma fisionomia caracterizada por formas. A outra visão de estudo privilegia as características de uma área expressa nos seus atributos físico-naturais e humanos, com suas respectivas inter-relações.

Ressaltamos que nesse período existiu uma predominância, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, da concepção de paisagem como aquilo que é visível aos olhos, além da relação com o que é bonito, esplêndido, algo enaltecido nos materiais didáticos. Para Milton Santos (2009, p. 61):

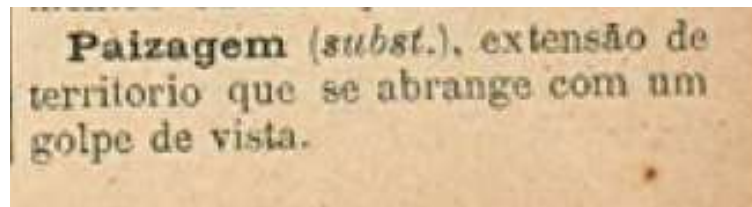
Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons.

Milton Santos (2009) não descarta a percepção de que a paisagem é o visível, mas acrescenta que existe um movimento que se dá a partir das relações tecidas no passado e no presente desta paisagem. Assim, não podemos julgar ou analisar uma paisagem a partir apenas do que captamos instantaneamente. Corroborando com Milton Santos (1991, p. 71), “[...] a paisagem é materialidade, formada por objetos materiais e não-materiais”. O primeiro é visível aos olhos, o segundo é necessário utilizarmos a percepção para além do visível. Ela nos conta histórias, existe um movimento que está para além do visível.

Nesse sentido Baldin (2021, p. 1) acrescenta que, “[...] a paisagem então é um processo sócio-histórico que se constrói e reconstrói, resultado de interações complexas. Paisagem também reflete relações de poder e dominação”. O pesquisador ressalta que a paisagem enquanto conceito foi representada singularmente pelo naturalista romântico Alexander Von Humboldt, no século XIX, que, juntamente com o historiador e filósofo Carl Ritter, são considerados os fundadores da Geografia enquanto ciência, distinto daquele utilizado pelo senso comum. Humboldt, para formar o conceito científico, bebeu de várias fontes filosóficas e artísticas. Inspirado na estética, propôs seu conceito de paisagem, como o conjunto de formas que caracterizam um setor determinado da superfície terrestre.

Nessa conjuntura, a paisagem torna-se conceito e categoria de análise de extrema importância para Geografia, sendo utilizado em livros didáticos como o livro *Atravez do Brazil*, no qual os autores Bomfim e Bilac (1910) apresentam a compreensão de paisagem no vocabulário inserido ao final do livro, vejamos a Figura 5:

Figura 5 – Conceito de paisagem no livro *Atravez do Brazil*



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Como mostra a Figura 5, a perspectiva dos autores estava centrada no conceito de paisagem a partir do visível, do imóvel e do captado em um instante. Algo que fica evidente nas seleções das ilustrações e descrições das paisagens. Bomfim e Bilac não falam sobre os problemas sociais, econômicos e ambientais que estão imersos em uma paisagem, sempre se limitam ao descritivo, ao que é bonito. Não existe um movimento em mostrar aos leitores um Brasil com todas as problemáticas existentes, como desigualdades sociais, analfabetismo, fome, moradias precárias, racismo, dentre outras questões que ainda são salutares ao nosso país.

Bomfim e Bilac utilizaram o conceito de paisagem a partir do que é visível, belo, estático. Não exploram o movimento, as marcas e a historicidade que existe na paisagem, como nos lembra Milton Santos (2009).

Pelo contrário, os autores utilizam a ideia de paisagem idílica para engendrar o ideal de um país republicano repleto de riquezas, de lugares bonitos. Um Brasil conectado, de gente feliz e trabalhadora. Esses elementos também são ratificados nas falas dos personagens. Para Sayão (2011, p. 10): “[...] é a partir da paisagem que a imagem do território pode ser estudada”. Ele acrescenta que a representação da paisagem é uma forma de arrumação territorial, o que de fato ocorreu no livro *Atravez do Brazil*, enredo que foi utilizado para mostrar aos leitores um país (re)organizado e em plena expansão.

Assim, as paisagens foram escolhidas e pensadas como cenário para enaltecer as qualidades e potencialidades do país republicano que estava em construção. Nessa conjuntura, Bomfim e Bilac realizaram dois movimentos: o primeiro foi a relativo à descrição da paisagem a partir da percepção dos personagens; o segundo se deu a partir das ilustrações. Ambas as apresentações não tinham o intuito de ampliar ou provocar a visão crítica dos leitores.

Para Roger Chartier (1999, p.11) “[...] a leitura não está, ainda, inscrita no texto, e que não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposto [...]”. Apesar do livro *Atravez do Brazil* ter sido planejado para atender aos ideais republicanos, a leitura é livre. A forma de compreensão de cada educador é pessoal, individual e íntima. Muito embora saibamos que os constitutivos do livro influenciam o leitor, mas, mesmo assim, a compreensão é algo particular. Como lembra Roger Chartier (1999) um texto só existe se houver um leitor para atribuir significado.

As escolhas de Bomfim e Bilac para a constituição do livro *Atravez do Brazil*, na percepção de Cândido (1985), classificava os autores, literalmente, como brasileiros. Para Cândido (1985), ser brasileiro significava incluir nas obras o que havia de específico no país, notadamente a paisagem e o aborígine. Dois aspectos marcantes na narrativa dos referidos autores.

No contexto das paisagens, Bomfim e Bilac (1910) inserem dois tipos: a natural e a cultural. A primeira constituída como aquela que não foi alterada por atividades humanas, e a última, já não se denota a predominância dos elementos naturais.

Essa divisão é perceptível a depender da localidade do Brasil na qual os personagens estivessem transitando. Silveira (2009, p. 3) considera que:

A paisagem natural refere-se aos elementos combinados de geologia,

geomorfologia, vegetação, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como nos espaços urbano e rural.

Para Silveira (2009), esses conceitos se atrelam a abordagens filosóficas e a uma questão de método de análise. Considerando que a diferenciação apresentada foi originalmente ligada ao positivismo, numa escala mais estática, em que se focalizam os fatores geográficos agrupados em unidades espaciais e na Geografia francesa sob a influência de Paul Vidal de La Blache que imprimiu uma forma mais dinâmica, entendendo-a como um caráter mais processual. Os estudos de paisagem inicialmente foram focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, sendo que progressivamente foram sendo incorporadas as ações do homem no transcurso do tempo, com a individualização das paisagens culturais frente as naturais.

Nesse aspecto, no livro *Atravez do Brazil*, os seus autores fizeram uso tanto da paisagem natural como da cultural ou artificial. Segundo Milton Santos (2009, p. 4), “[...] a paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano”. Essa classificação é evidenciada na narrativa de Bomfim e Bilac (1910), tanto em descrições como em ilustrações. Vejamos um exemplo, Bomfim e Bilac (1910, p. 18):

Era uma linda manhan de Setembro, fresca e radiante. Alfredo, que ia junto à janella, começou a olhar a paizagem, e entrou em breve, com a sua curiosidade de criança, já um pouco esquecido do desgoto que o oppimia, a interessar-se por aquelle espetaculo que nunca vira. Nunca viajara em estrada de ferro, e tudo aquillo era novo para os seus olhos e para a sua inteligencia. Mudo e pasmado de admiração, comtemplava o sol que nascera cercado de nuvens de fogo, e o céu azul, e as arvores orvalhadas, e os immensos campos aqui e alli cobertos de neblina.

Embora os personagens estivessem abordo de um trem, a visão que eles descrevem é de uma paisagem natural, algo inusitado para garotos habituados à vida na cidade, na qual a predominância dos elementos culturais são marcantes.

Na narrativa as paisagens naturais são predominantes, os personagens passam parte do enredo no interior nordestino, localidade que no início da República ainda não era desenvolvida e urbanizada como a área sul e sudeste do país.

Durante a narrativa fica perceptível que Bomfim e Bilac realizaram um

movimento de supervalorização da paisagem urbana, esta como modelo para as áreas ainda com predominância de elementos naturais, como as cidades, povoados e vilas localizadas no Nordeste e Norte do Brasil. A intenção não é preservar os elementos naturais, mas transformá-lo, e o modelo de progresso a ser seguido eram as cidades de São Paulo e da capital do país, Rio de Janeiro. Sobre este aspecto Gracioli (2018, p. 132) enfatiza que:

[...] em *Através do Brasil* o meio natural aparece como parte do mito fundador da identidade do brasileiro contemporâneo, e sua reprodução vem associada a uma atmosfera de paraíso na Terra, do qual terão acesso somente os bons e virtuosos de espírito; além disso, a esse paraíso supõe-se o seu uso racional e orientado ao progresso econômico do povo, representado pelos heróis que dele despontam que, para o caso da narrativa em questão, vêm figurados pelo sertanejo.

A vastidão de elementos naturais disponíveis aos brasileiros que desejam trabalhar, que tenham acima de tudo princípios morais e bondade é infinita, sobretudo nas localidades que estão distantes do centro urbano brasileiro. Bomfim e Bilac (1910, p. 62): “[...] os últimos dias foram tristes. Aquela uniforme extensão de águas, aquela mesma paisagem selvagem desdobrando-se sem variedade, davam aos dois meninos uma negra melancolia”. O aspecto selvagem é referente aos recursos naturais que ainda não foram explorados, ou seja, a civilização estava sendo convidada a transformar a paisagem natural em cultural.

Os autores deixam claro que a paisagem é algo contemplativo e harmônico. Bomfim e Bilac (1910, p. 205) mencionam: “Alfredo, esse não tinha preocupações. Encostado à janela do Wagon, contemplava a paisagem, divertia-se com o movimento dos passageiros [...]”. Há momentos da narrativa na qual as descrições dos lugares por onde os personagens transitam são mais detalhistas, sobretudo quando eles adentram por áreas do sudeste e sul do Brasil. Isso pode estar relacionado à ligação dos autores a estas localidades e ao intuito de mostrar que ali estava a civilização que deveria ser o modelo para os não civilizados, estes seriam as localidades distantes da Capital do Brasil. Bomfim e Bilac (1910, p. 205):

Ao fundo, estendia-se a cidade, na curva da vasta praia, banhando na luz rosada da manhã às torres esguias das suas igrejas. Agora o dia triunfante avassalava tudo. O Pão de Assucar, a Gavea, o Corcovado apuravam-se radiante. E havia um admirável contraste entre o espetáculo que se apreciava da prôa do navio e o que se apreciava da popa, Atraz ficavam os montes de aspecto temeroso, uns cobertos de espessa vegetação, outros escalvados

e nós; na frente a cidade sorria no seu tranquilo despertar, animada e faceira.

É perceptível a tentativa de criar uma visão do crescimento e segurança no país. No tocante a São Paulo e Rio de Janeiro, no Sudeste, os autores denotam um aspecto superior, como se esta devesse ser o espelho para os demais. Existem descrições que demonstram que os autores conheciam esses lugares, eles revelam detalhes que não são mera imaginação. Bilac e Bomfim (1923, p. 50): “[...] imaginem os senhores que o Rio São Francisco se despenha, com toda a sua massa formidável de água, de uma altura de oitenta e um metros! O salto dá-se justamente uns trezentos e dez quilômetros acima da foz do rio”. Nessa passagem, eles evidenciam as cachoeiras de Paulo Afonso, demonstrando conhecimento até mesmo do seu volume de água. A todo instante eles procuram demonstrar as riquezas existentes no Brasil e como elas podem alavancar o progresso do país. Em alguns momentos, fica evidente a Geografia à serviço da construção da consolidação de novos ideais para um país.

Para Sayão (2011, p. 13):

A paisagem fotográfica no postal apresenta-se como um importante dispositivo de produção do lugar. Em um tempo da popularização da produção fotográfica e da disseminação dos “instantâneos”, a imagem da paisagem no postal afirma-se como a projeção do olhar conservador e oficial sobre a cidade. A paisagem em foto é a tentativa de controle sobre a maneira de ver o espaço e o tempo, aquela que se sobrepõe, sorratamente, a tantas outras representações possíveis da cidade. A fotografia de paisagem torna-se então um ato de celebração ao progresso e à civilidade, não, simplesmente, o reflexo da cidade antiga.

Existe uma descrição rica de aspectos relativos a espaço localizados do Brasil no Nordeste e Norte que, no período, eram mais distantes do centro urbano nacional. O livro traz aspectos inovadores, como linguagem, narrativa, ilustrações, todavia há resquícios de uma Geografia descritiva. Segundo Gracioli (2018, p. 131):

Valendo-se da descrição de cenas e situações culturais, a narrativa de *Através do Brasil* também não se furta a descrever paisagens e a veicular uma noção de Geografia desvinculada de uma perspectiva de crítica às situações espaciais que vão encontrando suas personagens.

A descrição é presente na narrativa, não existe uma criticidade em relação a diversas situações retratadas e vividas pelos personagens. Contudo, não podemos negar que o livro de leitura *Atravez do Brazil*, dentro do contexto de um ensino tradicional difundido nesse período, mostra-se um material didático com ênfase

geográfica bastante inusitado. Os conteúdos e as temáticas são apresentados de maneira criativa, trazendo uma ludicidade para o leitor, que tem sua mente aguçada pelos desafios enfrentados pelos personagens. A narrativa permite que o aluno perceba o conhecimento de maneira unificada, não existe uma quebra ou ordem dos conteúdos. Gracioli (2018, p. 131-132) acentua:

[...] a escrita de Bilac e Bomfim prima por uma descrição do espaço geográfico sem a necessidade de ater-se a conceitos científicos, numa linguagem que, se não fantasiosa, ao menos permite ao leitor uma apropriação do conteúdo de maneira mais facilitada e didática.

Os autores Bomfim e Bilac não citam dentro do texto conceitos científicos relativos à Geografia, mas fica claro o uso da paisagem e do conhecimento geográfico que eles possuem. Reflexo de uma vasta formação acadêmica que possuíam, além do conhecimento advindo das leituras realizadas e das viagens realizadas por eles. Todos esses aspectos são visíveis na narrativa. O que contribuiu para a escrita de um livro que possibilitou aos alunos leitores conhecer ou criar um Brasil desconhecido para muitos.

3.2 PAISAGEM CULTURAL: DESBRAVANDO O BRASIL

Para desbravar o Brasil, os autores Bomfim e Bilac (1910) inseriram na sua narrativa meios de transportes terrestres e aquáticos, além de mostrar o potencial produtivo disponível no país. Além disso, apresentam que os diversos espaços estavam conectados em termos de itinerário e estrutura produtiva.

Inicialmente, os autores fizeram uma conexão do litoral nordestino com o interior. A comunicação inicial se dá com a fuga de Carlos e Alfredo, que sai da escola em Recife, em busca do pai, que estava doente no interior do Pernambuco. Para Lajolo (1982, p. 97):

É na estória de Carlos e Alfredo que melhor se observa o relacionamento social que livros como *Através do Brasil* apresentam a seu jovem público. A longa peregrinação dos meninos e, busca do pai põe ambos em contato com indivíduos de diferentes classes sociais. A posição social de Carlos e Alfredo configura-se a partir do fato de serem filhos de um engenheiro, estudarem internos e serem aparentados cogaúchos estancieiros.

Nesse processo, os personagens iniciam o trajeto pela via férrea, momento que

são evidenciados os projetos de construção de ferrovias como parte importante do progresso do país. Assim os personagens iniciam a busca pelo pai a bordo de um trem. Bomfim e Bilac (1910, p. 18-19):

O trem, ia devagar, subindo uma rampa. Numa volta, o pequeno olhou para a frente, e viu a locomotiva que ia bufando, num esforço, expelindo pela chaminé grossas baforadas de uma fumaça muito branca, listada de faixas mais escuras.

Essa passagem retrata o início da viagem. O entusiasmo de Alfredo é em torno do fato de estar a bordo de um trem, algo que nunca experimentara. Além das sensações e descrições das paisagens, os autores fizeram questão de registrar a importância deste meio de transporte para a interligação com o interior. Bomfim e Bilac (1910, p. 21):

De espaço a espaço, o trem diminuía a marcha, e parava numa estação, onde ficava alguns minutos. Havia uma lufa-lufa de passageiros que entravam e saíam, despedidas ruidosas entre os que ficavam e os que partiam; carregavam-se e descarregavam-se bagagens; e o comboio seguiu de novo, correndo pelo leito da estrada, entre barrancos e matos verdes.

A parada do trem e a movimentação das pessoas é um reflexo de este transporte estar possibilitando o deslocamento das pessoas entre as localidades, o que reflete, de certa maneira, o desenvolvimento no país. O progresso do país republicano supera os obstáculos, o que é representado pelo trem que ultrapassa diversos acidentes geográficos.

Quando não é possível transitar por vias férreas, os personagens utilizam de outro meio de transporte característico do interior nordestino, o cavalo. Bomfim e Bilac (1910, p. 30), “- A viagem é longa e penosa. É preciso viajar 25 legoas a cavalo até Piranhas, seguir por estrada de ferro até Jatobá, d’ahi subir, em canóia, 4º legoas até Boa Vista”. Os transportes eram os meios que asseguravam o traslado das pessoas e mercadorias, como mostra a Figura 6.

Figura 6 - Tropa de burros de cargas



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Os burros, Figura 6, foram utilizados como meio para transportar mercadorias, como o couro. Nessa jornada, a missão de conduzir os animais ficava a cargo dos tropeiros, homens que conheciam bem as estradas e caminhos. Bomfim e Bilac deixam claro esse fato.

Quando não era possível viajar mais a cavalo, os personagens retomaram à viagem a trem. Bomfim e Bilac (1910, p. 54), “[...] às sete horas, partiu o trem. Bemvindo acompanhou-o com os olhos até que o viu desaparecer na primeira curva da estrada”. Quando não era mais possível continuar a bordo do trem adentravam pelo leito do Rio São Francisco, Figura 7.

Figura 7 - Vapor do Juazeiro



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Por sete dias, Carlos e Alfredo viajaram pelas águas do São Francisco, Figura 7, momentos que os leitores conhecem mais sobre o referido Rio. Bomfim e Bilac (1910, p. 61):

[...] às vezes manso e largo, espriado como um mar, - outras vezes acachoeirados, dividido em canaes, formando ilhas e ilhotas, estas cobertas de vegetação opulenta, aquellas inhospitas e rochosas, opondo-se às vagas que as batiam em fúria.

As descrições do Rio São Francisco são constantes, algo que os autores destacaram já na advertência do livro, quando apontam que o escolheram como cenário principal por ser essencial e unicamente brasileiro. Assim, os autores dedicam vários momentos dos personagens a bordo de canoas e barcos por este Rio. Contudo, ele não foi o único enaltecido na narrativa. Apenas foi o centro dela quando os personagens estavam no Nordeste brasileiro. Quando Juvencio se desloca para a Região Norte, é o momento de ganhar destaque o Rio Amazonas. Vejamos a narrativa de Bomfim e Bilac (1910, p. 306-307):

- Conhece então a pororoca?
 - Oh! Sim!... Imagine que o Amazonas é um rio que tem mais de 600 leguas de comprimento. A 500 leguas acima da barra já esse rio tem quase meia légua de largura; a 100 leguas¹² do mar a sua largura é de trez leguas, e a profundidade é de 120 metros! Na embocadura tem 40 leguas!

¹² 1 légua equivale no Brasil a 4,82803 Km.

Na escrita os autores deixam a impressão de que não existem lugares intransponíveis no Brasil. Projeta-se no Homem o poder de transformar a natureza. Dessa forma, Botelho (1998) aponta que as próprias paisagens do referido livro servem de cenários aos episódios narrados e que são em grande parte apresentadas sistematicamente como natureza transformada pela ação humana.

Dessa maneira os leitores conhecem a produção em diversos espaços brasileiros, como a criação de gado, exposta na Figura 8.

Figura 8 – Criação de gado



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

A criação de grande porte, Figura 8, é relacionada aos fazendeiros de poder aquisitivo, representado sobretudo pela posse de ex-escravos. Na lida com o gado, dois trabalhadores são enaltecidos, os tropeiros e os vaqueiros. Bomfim e Bilac (1910, p. 106), “[...] os tropeiros falavam da sua vida trabalhosa, mas não se mostravam descontentes: o trabalho dava bom lucro, - mais do que muitos outros, sobrecarregados de dificuldades e de impostos”. Nesse contexto, esses trabalhadores eram responsáveis por conduzir as boiadas, geralmente levando-as do local onde haviam sido compradas até o seu novo dono. Esse serviço era contratado pelo dono. Já os vaqueiros estavam ligados ao fazendeiro e realizavam o cuidado do gado que vivia na fazenda, desde a retirada do leite a busca de animais que se embrenhavam em meio ao bioma da caatinga. Sobre este aspecto Bomfim e Bilac (1910, p. 108) ponderam “[...] os animais vinham tangidos por seis vaqueiros, - uns a pé, outros a

cavalo, todos vestidos de couro: perneira, gibões, coletes e chapéus de couro”.

Os vaqueiros utilizavam os acessórios descritos pelos autores por necessitarem constantemente de se embrenharem na vegetação da caatinga, momentos que entravam em contato com galhos secos e árvores espinhosas. Assim, o couro era o material na época disponível e resistente a estes infortúnios.

Além da criação de gado, os autores destacam que, no interior, também havia o cultivo de outras espécies. Bomfim e Bilac (1910, p. 107): “[...] os tropeiros recommendaram-no ao fazendeiro, que justamente estava procedendo á colheita de algodão, e precisava de trabalhadores”. O algodão foi um dos produtos de destaque no Nordeste, sobretudo no interior, adaptando as condições adversas dessa localidade e sendo de grande uso na produção de tecidos.

Os autores também destacam a produção de fumo no estado da Bahia, eles buscaram espacializar a produção por localidades distintas do Nordeste brasileiro. Bomfim e Bilac (1910, p. 196) mencionam que: “a Bahia produz muito fumo, e todo de primeira qualidade”. Os autores ainda destacam o ouro, diamantes e ferro encontrado neste estado brasileiro, mas os principais são fumo, café, açúcar, couro e cacau. Para Lajolo (1982, p. 105):

[...] à origem social de seus protagonistas, sem dúvida não destinados a formas manuais de produção. Explica-se por aí, talvez, o caráter entre o pitoresco e o exótico com que o livro brasileiro focaliza o trabalho na terra e na oficina e mesmo as manifestações culturais populares, como o samba dos camaradas da fazenda.

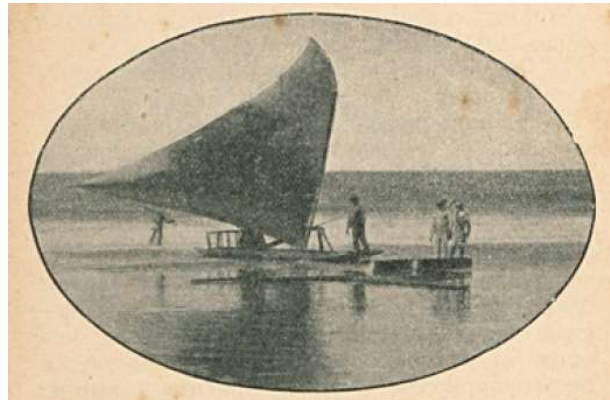
Uma produção de destaque desde o período colonial e que não passa despercebido na narrativa dos autores é a produção de açúcar, momento no qual os engenhos marcam a paisagem nordestina. A essa temática é dedicada um capítulo do livro *O Engenho*, momento que os personagens Carlos, Alfredo e Juvencio conhecem a produção do açúcar. Segundo Bomfim e Bilac (1910, p. 203):

Contemplaram-n'a um instante, e, rodeando-a, penetraram na grande usina agrícola. O interior era o de um vasto galpão aberto, excepto para o lado da estrada real, fechado por uma parede que ia até o tecto. Num pequeno patamar, sobranceiro á divisão onde ferviam os caldos de assucar, estava o dono do engenho.

Na visita ao engenho, os autores fizeram questão de destacar que a moenda já era a motor, algo que não era comum aos engenhos, uma maneira deles apontarem

o progresso nas mais distintas localidades do país. Os autores fizeram o movimento do interior ao litoral, momentos que Carlos e Alfredo partem de barco ao encontro dos seus parentes no Sul do Brasil. Nessa trajetória, os jangadeiros são os trabalhadores destacados pelos autores, como mostra a Figura 9.

Figura 9 – Jangada no litoral do nordeste



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Os autores destacam a pescaria como atividade central dos jangadeiros, homens que adentram ao mar em busca de seu sustento. Apontam que esses trabalhadores estão presente em toda a costa norte do Brasil. Bomfim e Bilac (1910, p. 226), “[...] - Em Pernambuco, e em todo o norte do Brazil, há milhares de criaturas que vivem assim, nessa trabalhosa existência, expondo-se aos naufrágios, para ganhar o pão de cada dia [...]”. A bravura dos jangadeiros é algo que é registrado pelos autores, além de destacar que atualmente a navegação é bem mais fácil que antigamente.

Neste processo de deslocamento, os personagens fazem a viagem de encontro à Região Sudeste. Uma das paradas é o Rio de Janeiro, então Capital do Brasil, momento que é enaltecido o progresso dessa localidade. Vejamos o que diz Bomfim e Bilac (1910, p. 242-243):

[...] Por ora, - disse o pae de Jorge – isto ainda é uma balburdia. É um grande incommodo o desembarque. Mas d’aqui a poucos anos, todos os navos poderão atracar ao grande caes que se está construindo; e acabará este processo aborrecido e dispendioso de desembarque por meio de lanchas e botes.

As obras como sinônimo de progresso foram destaques na passagem pela capital do Brasil, tendo um capítulo do livro dedicado a mesma, momento que Carlos

e Alfredo passam dois dias a passear e explorar o Rio de Janeiro. Bomfim e Bilac (1910, p. 245):

- é uma cidade imensa; ou melhor: é uma reunião de varias cidades...Imagina vocês que a área povoada é de quase quinhentas léguas quadradas! – Então é a cidade maior do mundo! – exclamou Alfredo, com entusiasmo”.

O amigo Rodolpho adverte que não, mas é a maior da América do Sul. Conduzindo os novos visitantes a conhecerem o Jardim Botânico, o corcovado, parques e passearam pela Barra da Tijuca, além de visitarem o Museu Nacional. Neste espaço, o garoto Alfredo ficou espantado com o meteorito Bendegó. O mesmo foi encontrado em 1784 no sertão do Estado da Bahia, região da atual cidade de Monte Santo, sendo um dos maiores meteoritos já achados em solo brasileiro, com 5.360 kg. Pouco mais de cem anos desde a sua descoberta, foi transferido em 1888 para o Rio de Janeiro, passando a integrar o acervo do Museu Nacional.¹³

Após passagem pela capital os autores apresentam a abundância do ouro e diamantes de Minas Gerais. Bomfim e Bilac (1910, p. 263-264): “[...] a grande exploração faz-se nas minas, que pertencem a companhias, dispendo de grandes capitães”. Neste aspecto, os autores apontam que a exploração em grande escala é dedicada as empresas com recursos financeiros.

É evidente o esforço dos autores em demonstrar as riquezas do Brasil e a possibilidade de exploração, vejamos essa passagem. Bomfim e Bilac (1910, p. 266):

- Quanta riqueza há no Brazil! – exclamou Alfredo, que ouvira com a máxima atenção o que dissera o engenheiro de minas. – Há muita! Muita! – confirmou este. – E grande parte d’essa riqueza, para não dizer quais toda, ainda é desconhecida.

Eles destacam que existem minerais em outros Estados brasileiros, a exemplo de Mato Grosso e Goiás. Além dos minerais, os autores apresentam os cafezais que marcam a paisagem de São Paulo, como mostra Figura 10.

¹³ Em 2018, o meteorito resistiu ao grande incêndio que destruiu o Museu Nacional.

Figura 10 – Cafezal



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Os autores ilustram o livro com uma fotografia que exhibe a grandiosidade da produção do café, Figura 10. Deixando o registro do processo de produção, desde a derrubada da mata até o preparo do café em pó. Apesar do destaque do café os autores expõem que Estado possui outras lavouras, comércio e indústrias que contribuem para o progresso.

A passagem dos personagens por São Paulo, assim como pela capital, ganha destaque na narrativa; fato que pode estar relacionado ao progresso de ambas e por serem localidades que transitavam e conheciam mais de perto. Intitulando um capítulo do livro de *O progresso paulista*, Bomfim e Bilac (1910, p. 280) escrevem:

- Pois é pena. São Paulo possui muita coisa digna de ser vista: magníficos jardins, esplendidas casas, bairros novos já muito animados, e muito boas escolas. O progresso d'esta terra nunca cessou.

O desenvolvimento de São Paulo é enaltecido como modelo a ser utilizado para as demais localidades do país. As peculiaridades dos demais locais não considerados pelos autores. Como se os processos produtivos pudessem ser copiados, não considerando as estruturas e aspectos naturais, e políticas públicas para o desenvolvimento de uma vila, cidade ou similar.

O esforço em mostrar as riquezas do país é constante. Vejamos a passagem dos personagens pelo Paraná. Bomfim e Bilac (1910, p. 287), “[...] - E o Estado é muito rico? – perguntou Carlos. - Muito rico, não é – disse Shumann – mas é prospero, e as bases da sua prosperidade são os pinhaes e o mate”. Os autores ainda destacam que a madeira da araucária é tão boa quanto a da Noruega. Ou seja, tínhamos produtos

melhores do que um país europeu. Um convite para os brasileiros olharem e valorizarem o que é do próprio país, mostrando que os laços com o estrangeirismo deveriam ser cortados ou diminuídos.

Nessa passagem pelo Paraná, Bomfim e Bilac fazem uma interrupção na narrativa sobre a viagem de Carlos e Alfredo rumo ao Sul, para falar sobre o trajeto de Juvencio rumo ao Amazonas. Bomfim e Bilac (1910, p. 301-302):

- E porque ha tanto dinheiro por lá, e de que é que se vive? - Da borracha. A borracha é feita com o leite que se extrae de uma arvore, que há em abundancia pelas mattas extensíssimas, às margens dps rios. A arvore tem o nome de seringueira, e os lugares onde ella se encontra em grande quantidade são chamados seringaes.

No trabalho das seringas, os autores explicam o trabalho dos seringueiros, acrescentando que são, geralmente, cearenses e tentam a vida na selva amazônica. Não existe menção sobre as dificuldades enfrentadas por esses trabalhadores, como a exploração do trabalho, doenças, fome e as péssimas condições de habitação que eram submetidos. O intuito era mostrar a riqueza disponível na floresta e a oferta de trabalho. A passagem pelo norte foi breve, e logo os autores retoma ao sul do Brasil para finalizar a história ao narrar o encontro de Carlos e Alfredo com seus parentes do Rio Grande do Sul que, nessa época, chamava-se só Rio Grande.

Ao longo da viagem dos personagens, pudemos identificar diversas produções: criação de gado, agricultura, produção de açúcar, fumo, extração da borracha, cultivo do café, pesca, extração de minérios, além disso, os autores inseriram trabalhadores típicos brasileiros, como o tropeiro, vaqueiro, lavadeira, ferreiro, fazendeiro, jangadeiro, maquinista, peão, engenheiro. Esses são elementos que estiveram a serviço da transformação da natureza, o que na época era sinônimo de progresso.

3.3 PAISAGEM NATURAL: ACIDENTES GEOGRÁFICOS E ELEMENTOS NATURAIS

A paisagem natural é representada como uma simbologia das riquezas do país e da sua grandiosidade. Assim, os autores utilizam os acidentes geográficos e os elementos naturais para mostrar a opulência do país. Para Tiradentes (2021, p. 20), “[...] pode-se asseverar que os acidentes geográficos representam as variadas formas

do relevo existentes na superfície do planeta e que foram sendo construídas ou erodidas ao longo do tempo geológico”. Ou seja, é a materialização das alterações ocorridas na estrutura externa da Terra, muito embora saibamos que os eventos internos ocorridos no planeta também contribuam para a formação do relevo. Contudo, na narrativa de *Atravez do Brazil*, os acidentes geográficos descritos são aqueles visíveis aos olhos dos personagens. Bomfim e Bilac (1910, p. 21): “[...] pequenas enseadas; e, de espaço em espaço, via-se uma ilhota coberta de verdura, ou uma ilhota secca, de pedra, onde a agua batia raivosa. Aqui, as margens eram altas, cobertas de arvores frondosas [...]”.

Em nenhuma passagem do livro foi destacado o relevo submarino. Não houve relatos sobre os agentes internos da terra, talvez pelo Brasil não ser acometido de terremotos de larga escala e não ter presença de vulcões. A opção de os autores utilizarem a denominação de acidentes geográficos pode estar relacionado à intenção que tinham de deixar a leitura mais compreensível para os alunos, coadunando com o pensamento de Tiradentes (2021, p. 20), “[...] trata-se de uma denominação popular bastante usual”. Quando se trata de leitores escolares em formação a alternativa de utilizar termos mais usuais era aconselhável e menos enfadonho. Guerra (1987, p. 4) considera acidente geográfico como:

O mesmo que acidente do relevo (vide). Deve-se, no entanto, salientar as formas topográficas que interessam apenas no plano horizontal, isto é, as articulações (vide) e as que dizem respeito ao plano vertical ou acidentes propriamente ditos

O autor considera que acidente geográfico é sinônimo de acidente de relevo, destacando o plano horizontal e vertical. Nesse aspecto, há passagens no livro com descrições de acidentes geográficos em ambos os formatos. Bomfim e Bilac (1910, p. 137), “[...] a casa ficava num declive, na parte mais baixa. Em frente havia o morro, de terra vermelha, pedras e barros, coberto de um matto ralo, de arvores crestadas e capim escasso, onde algumas cabras pastavam”. Ao mesmo tempo que os autores apresentam os acidentes geográficos, usam como base a paisagem, é uma espécie de simbiose. Tiradentes (2021, p. 20) expõe que um acidente geográfico é:

[...] uma marca da paisagem que representa características de um passado geológico que se transforma continuamente devido as ações dos agentes externos e internos, trazendo para si uma caracterização cultural representativa de uma sociedade que pode transformá-lo em um sinônimo de

lugar ou de pertencimento.

O autor aponta que os mesmos podem ser compreendidos de duas formas: os naturais, presentes na natureza, e os artificiais, que são aqueles construídos pelo ser humano, nesse sentido os naturais foram predominantes no livro *Atravez do Brazil*. Bomfim e Bilac (1910, p.296) “- Mas isto é mesmo um muro? - Não! É um recife, isto é: uma muralha natural, de pedra-coral...”. O registro dos acidentes geográficos ocorre de maneira descritiva, em nenhum momento há uma explicação do processo de formação deles. Bomfim e Bilac (1910, p. 299):

- D'aqui por diante, o feitio da costa muda completamente; até aqui a linha da terra era regular, agora começam a aparecer entradas, pontas, principalmente neste trecho do Maranhão ao Pará. É um dedalo de bahias, enseadas, ilhas, ilhotas, lagos, canaes, que mudam de aspecto constantemente, de maré a maré.

Não houve nenhuma passagem dos personagens, do interior ao litoral, que não houvesse um registro de um acidente geográfico. A maioria das paisagens são descritas com esses acidentes, à exceção da passagem dos personagens pelo Rio de Janeiro. Bomfim e Bilac (1910, p. 238):

Carlos, respondendo a uma das eternas perguntas de Alfredo, teve de lhe explicar que a denominação de (Rio de Janeiro) foi dada, porque os primeiros navegantes que chegaram a essa baía supuseram estar diante da foz de um grande rio.

Além da explicação dada por Carlos, os autores complementaram com uma imagem ilustrativa.

Figura 11 – Visão aérea do pão de açúcar



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Apesar da imagem, Figura 11, os autores não justificam a formação, apenas a descrevem. Também não apresentam o conceito durante o enredo. Estes foram encontrados no vocabulário ao final do livro, com o registro dos seguintes acidentes geográficos e suas respectivas descrições: chapada: planície; planalto; cordilheira: cadeia de montanhas; duna: acumulação ou monte de areia à beira mar, e; foz: embocadura do rio.

Os demais acidentes não são explicados. Os autores supõem que o professor, com seu conhecimento enciclopédico, explique aos alunos. Algo que foi evidenciado na advertência do livro elaborada por Bomfim e Bilac.

4 ICONOGRAFIA GEOGRÁFICA BRASILEIRA EM *ATRAVEZ DO BRAZIL*

A Geografia pode ser expressa a partir de diversas linguagens. Desde os tempos remotos, os homens a utilizam e a exploram de diversas maneiras, como pinturas em cavernas, mapas, literatura, fotografia. São diversas as possibilidades e estas variam de acordo com o objetivo de quem a utiliza.

Nesse contexto, essa seção tem como objetivo averiguar os elementos iconográfico relativos à Geografia produzidos e veiculados no livro *Atravez do Brazil* (1910).

Segundo Silva (2010, p. 57), “[...] a ilustração tem um papel fundamental uma vez que os livros tinham a missão formadora e patriótica de fazer com que os leitores conhecessem seu país e cultivassem o sentimento de identidade nacional”. Em um período, nas primeiras décadas da República brasileira, as viagens pelo Brasil não eram acessíveis a todos. Esta falta de conhecimento se dava a partir da oralidade de quem já havia viajado; às vezes, histórias reais; outras vezes, imaginativas.

Mas, para a consolidação da República, era basilar ampliar o conhecimento acerca do país. Sob a ótica republicana, um certo verniz sobreposto em realidades brasileiras, como as que são encontradas no livro de leitura de Bomfim e Bilac (1910).

Bomfim e Bilac (1910) destacam, na advertência do livro, que vida é ação, movimento e drama. Nesse sentido, advertem que não se pode apresentar o Brasil aos pequenos leitores com elementos sem vivacidade. Destacando que a narrativa deve ser cativante para as crianças, usam da estratégia de cativar seu leitor ao inserir, em primeiro lugar, as descrições das paisagens pois, do contrário, eles cansariam logo o pequeno leitor.

No tocante às ilustrações, Bomfim e Bilac (1910, p. 8-9) deixam registrado que: “[...] justamente porque procurámos apenas um pretexto para apresentar a realidade, preferimos ilustrar este livro sómente com photographias”. Galvão e Melo (2019, p. 248):

A análise dos recursos gráficos utilizados nos impressos destinados ao ensino da leitura evidencia, pois, as características de seu público-alvo, o qual precisa construir significações e maneiras de usar o que visualiza nos impressos no processo de aprendizagem inicial da leitura.

Os autores, Bomfim e Bilac, são enfáticos ao deixar claro que as gravuras

correspondem perfeitamente ao texto, ou seja, à realidade brasileira. Uma tentativa de mostrar que o Brasil que narram é a realidade e não mera fantasia.

Para Veríssimo (2013, p. 132), o “[...] livro de leitura, verdadeiramente brasileira, víria, com descrições, notícias e ilustrações geográficas, completar e constantemente recordar o ensino do mestre e do manual”. Esses livros foram responsáveis por apresentar um país que nem sempre condizia com a realidade, algo enaltecido pelas ilustrações. Para Bittencourt (2004), as mudanças ocorridas no século XIX, sobretudo no tocante aos novos leitores, os escolares, impuseram aos autores e editoras novas exigências. Bittencourt (2004, p. 483-484):

[...] aperfeiçoando a linguagem do livro. As ilustrações começaram a se tornar uma necessidade, assim como surgiram novos “gêneros didáticos”, destacando os livros de leitura e os livros de lições de coisas, não se limitando mais a compêndios e cartilhas.

Nessa conjuntura, propomo-nos a identificar as linguagens utilizadas por Bomfim e Bilac no livro *Atravez do Brazil* (1910) que tinham o cunho geográfico, ou seja, contribuíram para disseminar o conhecimento geográfico dentre os seus leitores, sobretudo os escolares.

A partir da leitura do referido livro, constatamos que os autores optaram por três tipos de ilustrações: cartões (38), fotografias (19) e desenhos (11), totalizando 68 imagens, distribuídas nos 82 capítulos. Ressaltamos que nem todos receberam ilustrações. Essa divisão não foi um trabalho simples, sobretudo pelo livro ser em preto e branco, com folhas amareladas pela ação do tempo. Além disso, os autores não identificarem a fonte, apenas inseriram um título abaixo da ilustração.

A partir dele, observamos que existe um padrão comum para o que classificamos como cartão-postal, pois segue o mesmo modelo de cartões apresentados por Mourai (2017). Vejamos a Fiigura 12:

Figura 12 - Afogados/PE



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

O padrão é a identificação do local, Figura 12, depois o travessão e na sequência o nome da localidade. Esses aspectos são identificados por Mourai (2017) na sua pesquisa sobre o uso de cartão-postal no Rio de Janeiro. Partindo desta percepção, identificamos 38 cartões-postais referentes ao Brasil. Sayão (2011) os define como uma imagem fotográfica impressa no cartão. Alves, Cordeiro e Silva (2014, p. 2) corroboram no mesmo sentido: “[...] a fotografia tem em si um espaço, o cartão-postal carrega a fotografia e desloca esse espaço em forma de paisagem e a cidade é um espaço resultante da relação dicotômica entre o homem e sua geografia”. Originalmente, os cartões-postais eram registros fotográficos de grandes centros urbanos. Para Sayão (2011, p. 1), os “[...] postais compõem uma memória institucional da cidade através da representação de suas paisagens”. Notamos que os cartões selecionados por Bomfim e Bilac têm predominância de espaços urbanos.

Assim o uso dos cartões para registrar o urbano, sobretudo por terem ganhando notoriedade por mostrar as cidades e pontos turísticos de diversas partes do mundo. Mourai (2017, p. 36) destaca que:

[...] os cartões-postais apresentam imagens que expõem duas grandes representações: o paraíso diretamente relacionado à ideia de natureza; e o progresso, referindo-se à cidade cosmopolita que se forjava no período da Primeira República.

Quando a fotografia foi anexada ao cartão-postal, respondeu ao grande apelo

popular pelas fotos de paisagens de cidades. A possibilidade, em grande escala, da distribuição da imagem fotográfica foi decisiva para difundi-lo em todo o mundo.

Alves, Cordeiro e Silva (2014, p. 4):

Quando a fotografia foi anexada ao cartão-postal respondeu ao grande apelo popular pelas fotografias de paisagens de cidades. A possibilidade, em grande escala, da distribuição da imagem fotográfica, foi decisiva para difundi-lo em todo o mundo.

Possuir um cartão-postal era ter registrado uma parte do mundo. Para os que o recebiam, era o simbolismo da cordialidade de alguém; já outros, compravam-no durante as viagens para mostrar que haviam viajado. Sobre este assunto, Sayão (2011, p. 4) destaca que:

A fotografia no postal é, por sua vez, uma mercadoria destinada ao consumo de massa e está relacionada, particularmente, com a prática dos colecionadores e, fundamentalmente, com o turismo. O postal tem o mesmo efeito simbólico que a fotografia: transformar a imagem do mundo em mercadoria.

Ou seja, esses cartões eram comprados e recebidos por pessoas de posse. De acordo com Sayão (2011), os proprietários dos cartões-postais pertenciam, no começo do Século XX, à classe abastada da sociedade. Era um tipo de consumidor diferenciado que colecionava imagens dos lugares onde estiveram. Assim, os cartões foram ganhando espaço entre um ornamento de luxo e poder aquisitivo. Nas palavras de Sayão (2011, p. 4), “[...] o postal participa da dinâmica capitalista de comércio de imagens de valioso capital simbólico segundo o ideal estético da burguesia”.

Ao selecionar cartões-postais, os autores Bomfim e Bilac (1910) se incluíam nessa classe consumidora. A seleção deles se deu em prol de destacar a modernidade dos centros urbanos brasileiros, com a capital, Rio de Janeiro, e São Paulo. Para Oliva e Santos (2004, p. 109), os cartões no geral:

[...] destacam aspectos das mais distintas regiões do Brasil, variando entre paisagens naturais e urbanas, trazendo raramente a presença humana. Vê-se aí uma espécie de preocupação com o aspecto monumental; a idéia de grandeza, de esplendor até, domina as cenas, cultivando a idéia de um país majestoso. Nesse sentido, o leitor é levado a fazer associações, aprendendo a captar a realidade pela força da imagem.

A narrativa impactava pelas descrições de grandiosidades, como as

materializava a partir dos cartões-postais.

Figura 13 – Rio de Janeiro



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Uma das características do cartões, Figura 13, sobretudo do Rio de Janeiro, era a visão panorâmica. Dando uma sensação de homogeneidade, o distanciamento não permite identificar aspectos que poderiam denegrir a imagem de modelo criada a partir da capital do país. Sobre este assunto Sayão (2011, p. 12) alude:

A paisagem panorâmica se inscreve no regime visual de apreensão do mundo. A composição panorâmica é feita para apreciação estética do espaço, para o passeio linear do olhar sobre a superfície da imagem. A paisagem fotográfica no postal é ao mesmo tempo um meio de correspondência, entretenimento e afetividade.

O autor acrescenta que o postal constrói uma memória sem traumas. Não vemos sinal de conflito ou ruptura quando deslizamos o olhar sob a superfície da imagem. O que se pode identificar são grandes prédios, urbanização crescente e cerceando tudo isso estava os acidentes naturais. Como se o natural e o cultural estivessem em perfeita harmonia.

Ao mesmo tempo, a paisagem no postal consagra o cenário ideal do futuro, é o território que todo governante gostaria de ter para governar. Sayão (2011, p. 12-13):

O sucesso da fotografia de paisagem nos cartões postais é indício de uma série de fatores socioculturais: da continuidade ilusionista da imagem em perspectiva; do barateamento tanto da comunicação à distância quanto do acesso a fotografia; do espírito de acumulação capitalista; do desejo imperialista de apropriação do espaço; do desenvolvimento dos transportes marítimo (navio) e terrestre (trem); da disseminação do turismo (lazer ao ar

livre); e do próprio processo de mobilidade social na era da globalização (imigração e emigração).

Esse padrão também esteve presente nas 19 fotos que catalogamos, nelas os autores utilizaram outro padrão de identificação. Vejamos a Figura 14.

Figura 14 – Vaqueiro nordestino



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Os autores não identificam a localidade e não usam travessão, como nos cartões-postais; apenas identificam o que está sendo mostrado: vaqueiro, figura 14, Para Oliva e Santos (2004, p. 109-110), as fotografias:

[...] priorizam cenas do cotidiano brasileiro, mostrando várias facetas do Brasil: tipos humanos, dos índios guaranis à figura do gaúcho; momentos da economia brasileira e cenas pitorescas. Aqui, uma outra idéia está claramente presente: a do homem brasileiro como um ser trabalhador, capaz de superar desafios por meio de suas próprias forças. Além disso, mostra e evidencia as possibilidades do território brasileiro, centradas necessariamente nas riquezas naturais e na sua gente.

Identificamos que há predominância de fotos que retratam aspectos naturais da paisagem brasileira. Para Sayão (2011), a fotografia da paisagem é uma pausa pacífica envolta na atmosfera mágica, quase palpável, da saudade. A impressão é

que estas são o retrato fiel do país, sem problemas em nenhuma escala humana e geográfica. Para Alves, Cordeiro e Silva (2014, p. 1), “[...] o grande elo entre a fotografia e o cotidiano está justamente nela não ser o retrato da sociedade, mas sim, sua representação e memória fragmentada, passível de interpretações contínuas”. Os autores complementam que as mesmas são cerceadas por questões sociais e culturais definidas, já que existe a partir de um processo de criação e montagem que consiste em escolhas e decisões sobre o que merece ser fotografado.

Guimarães (2013, p. 129) afirma que “[...] quanto à fotografia, dependente do “saber”, do conhecimento de mundo do leitor, sua leitura interpretativa é histórica. A foto confere credibilidade por ser vista como “cópia” pura e simples da própria realidade”. A autora destaca que a historicidade é condição essencial de interpretabilidade de todos os discursos, o que fica denotado que as fotografias selecionadas por Bomfim e Bilac (1910), pois as mesmas ilustraram um livro destinado à leitura dos anos iniciais da escola, ou seja, um público diverso que não tinha uma historicidade formada, um conhecimento de mundo, digamos assim, ou melhor dizendo, do próprio Brasil. Travassos (2001, p. 2):

Além de tornar-se uma lembrança dos locais por onde andamos, a fotografia pode ser entendida como uma fonte infinita de dados, fatos e informações, transformando-se por isso, em um poderoso instrumento de "materialização" de lugares nunca antes visitados por alguns.

Para Cardoso e Morinaga (2017, p. 2):

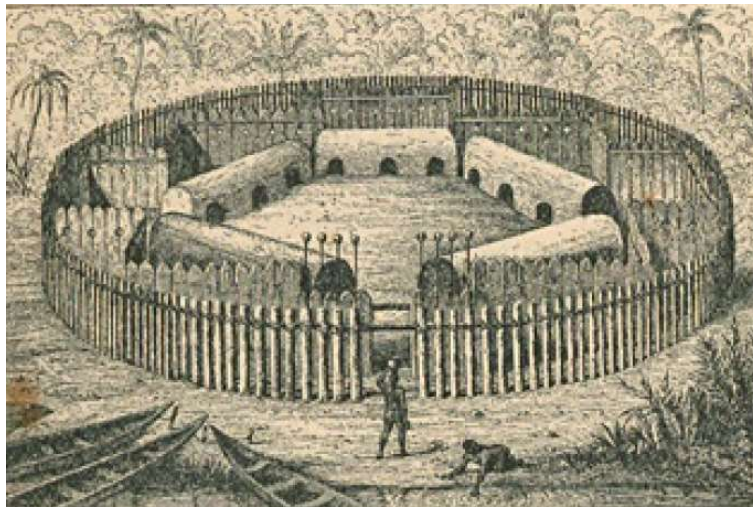
[...] ainda que se saiba que toda fotografia é um discurso com propósitos específicos, ela é incorporada ao material didático com o intuito de complementar o conteúdo de ensino e auxiliar no entendimento da matéria. Nesse sentido, a fotografia atua principalmente como registro ou documento: registro de pessoas, objetos e paisagens; documento que comprova um acontecimento.

O uso pedagógico da fotografia visa aproximar o aluno ao conteúdo, estreitando o laço entre as realidades necessárias a aprendizagem, despertando o interesse dando margens a busca de novos conhecimentos. Como não foi revelado os autores das fotografias, o que podemos concluir é que os autores Bomfim e Bilac fizeram uma seleção a partir de ideais que eles pretendiam disseminar no livro de leitura e inculcar nos leitores um ideal de país exuberante e repleto de riquezas. A seleção pode estar relacionada com a ideia de mostrar aos seus leitores as riquezas

e diversidades do Brasil republicano. Assim, a fotografia foi um meio de reafirmar a aventura protagonizada pelos personagens Carlos, Alfredo e Juvencio pelas regiões brasiliaras.

No tocante aos desenhos, registramos uma total de 11. A seleção se deu a partir da ampliação da imagem, pois os traços do lápis gráfito ficam nítidos, revelando o não realismo identificado nas fotos e cartões-postais. Vejamos a figura 15:

Figura 15 – Taba Índia, 1910



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Nesse desenho, Figura 15, é nítido o traçado manual, mostrando a organização de uma taba indígena. Sobre os desenhos, Oliva e Santos (2004, p.110), destacam que “[...] eles são identificados com uma certa facilidade, embora algumas vezes possam ser confundidos com as fotografias e com os postais. Muito bem elaborados, os temas são variados”. Observamos que o uso destes se dá sobretudo para registrar localidades ou situações organizacionais das quais não existia fotos ou cartões-postais, ou os autores não tiveram acesso. Assim, o desenho foi a opção mais acessível, de certa maneira. Para Galvão e Melo (2019, p. 250):

Até meados do século XX, no Brasil, as imagens a serem utilizadas nos impressos eram raras e caras. Nesse sentido, a análise da sua presença (e do tipo de presença) nos impressos pode nos revelar sobre o investimento de autores e editores na produção de obras com menor ou maior grau de sofisticação, visando a um determinado público leitor.¹⁴

¹⁴ No trabalho de Oliva e Santos (2004) eles identificaram o mesmo quantitativo de ilustrações, 68, mas houve diferença na divisão por categoria. Na perspectiva dos citados autores, existem: 26 cartões, 25 fotografias e 17 desenhos. Eles não apresentaram os critérios utilizados, posto que não era o objetivo do trabalho.

Considerando que o cartão-postal é confeccionado a partir de uma foto, a predominância geral das ilustrações foram de fotografias. Estas foram selecionadas seguindo um padrão de mostrar um país conectado, de grandes obras, de boa gente e sem problemas sociais que mereçam ser destacados. O que se nota é que as ilustrações foram inseridas para complementar determinados assuntos que eram citados no enredo, o que é denotado por Oliva e Santos (2004, p. 110), “[...] mesmo porque eles não aparecem como construção de um acontecimento, mas como fragmentos da realidade”. Não existe uma ligação textual entre a ilustração e o texto, a impressão é que elas estão lá para mostrar que o que os autores dizem é verdadeiro, e não para suscitar uma leitura para além da imagem.

Observamos que, ao inserir as ilustrações, os autores usam estratégias diferentes. A primeira foi complementar ou representar o que os personagens falavam, como mostra a Figura 16.

Figura 16 – Cachoeira Urubu, 1910



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Nessa passagem, Figura 16, os autores ilustram a narrativa de acordo com a temática que os personagens estão inseridos. Bomfim e Bilac (1910, p. 41): “[...] vinham carregados de couros; cada um trazia dois rolos enormes, um de cada lado da cangalha; era tão pesada a carga, que os animais tinham o lombo derreado, e caminhavam de vagar, como apalpando o solocom as patas”. Neste aspecto, a

ilustração, Figura 10, representa o que é descrito na narrativa, o que mostra que as cenas descritas e ilustradas eram registros de acontecimentos reais. Já em outros momentos, os autores inseriram aleatoriamente, não representavam a passagem do texto, conforme mostra a Figura 17:

Figura 17 – Cachoeira Urubu



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

A ligação da Figura 17 com o contexto do capítulo intitulado *A velha africana*, no momento que Alfredo contempla a paisagem. Bomfim e Bilac (1910, p. 21):

Ao meio dia, chegou o trem a palmares. Ahia houve baldeação: os viajentes passaram-se todos para os carros de uma outra estrada de ferro, e a viagem continuou. Agora, ia a linha beirando um rio. Da janella do trem, Alfredo via-o e admirava-o. Em certos pontos, as aguas muito claras, batidas de sol, corriam encachoeiradas, entre pedras, borborinhando e espumando.

Na descrição, é citado as águas que correm na cachoeira. Todavia, após essa passagem, a imagem da cachoeira aparece na página 21, em um contexto da história na qual a negra africana oferecia amendoim torrados a Alfredo e Carlos, temática que não está relacionada com a ilustração.

Em relação ao tamanho e disposição, não identificamos um padrão homogêneo. Tem ilustrações retangulares, circulares, na vertical e horizontal, algo que denota a não preocupação dos autores com a homogeneidade e, sim, com a realidade e novidade que queriam levar aos seus leitores. As ilustrações não são coloridas, algo comum aos livros produzidos no Brasil em 1910. Todavia, isso não

altera o caráter inovador das ilustrações, no tocante à quantidade e dinamismo. Compreendemos que as cores trazem um ar mais lúdico ao livro, mas os autores se encarregam de centrar o lúdico na própria história dos meninos Carlos e Alfredo, conduzindo os alunos a usar imaginação e criatividade, mas com um tom de realismo que é dado a partir das ilustrações.

Apesar de usar três tipos de recursos ilustrativos, para nossa pesquisa, o que nos interessa primordialmente é o uso geográfico das mesmas. Assim, categorizamos as ilustrações de acordo com a predomiância dos elementos apresentados.

Dos 82 capítulos, 41 são ilustrados com um total de 68 ilustrações divididas em fotos, cartões-postais e desenhos. Analisando o conteúdo geográfico expresso nas mesmas, classificamos em três categorias, como mostra o Quadro 7:

Quadro 7 – Classificação das ilustrações

Urbano	Natural	Atividades produtivas
34	17	17

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Consideramos as ilustrações *urbanas* aquelas que tinham como predominância elementos característicos de áreas urbanizadas, como: casas, igrejas, praças, ruas, carros, prédios comerciais, iluminação pública, transporte público, dentre outros. No tocante às ilustrações da classificação *natural*, observamos a predominância dos elementos naturais da natureza, ou seja, paisagens que não tinham sido alteradas pelo ser humano. Por fim, classificadas como *atividades produtivas* foram aquelas que estavam representando a produção de alguma mercadoria ou o cultivo de algum alimento.

A partir desta classificação, realizamos a identificação dos saberes geográficos registrados nessas fotografias. Assim, foi necessário realizarmos uma triagem por classificação fotográfica.

Analisamos as ilustrações como recurso pedagógico geográfico que contribuíram para que os leitores conhecessem o espaço geográfico de 1910. A paisagem é diferente do espaço. Segundo Santos (1991, p. 79), a paisagem “seria, numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parados como numa fotografia”. Já o espaço é a junção da sociedade com a paisagem. Em outras palavras, o espaço é um conjunto de objetos e de relações que estão em interação. O espaço é fruto da ação dos homens sobre o próprio espaço, que são compostos por objetos,

naturais e artificiais.

4.1 O URBANO NAS ILUSTRAÇÕES DE ATRAVEZ DO BRAZIL, 1910

As ilustrações representando o espaço urbano tiveram predominância no livro *Atravez do Brazil*. As 34 fotos que retratam este espaço seguem dois perfis. Vejamos a Figura 18.

Figura 18 – Recife/PE



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Na Figura 18, a cidade de Recife aparece numa visão panorâmica, revelando elementos urbanos, como fachadas de grandes casarões, pontes, barcos, orla pavimentada e um ancoradouro. Todo este espaço urbano é cerceado pelas águas do rio e do mar. Como se as transformações urbanas estivessem intrínsecas à paisagem natural, como se o natural estivesse para o urbano.

Movimento similar ocorre na representação do Rio de Janeiro. Observamos a Figura 19:

Figura 19 – Avenida beiramar

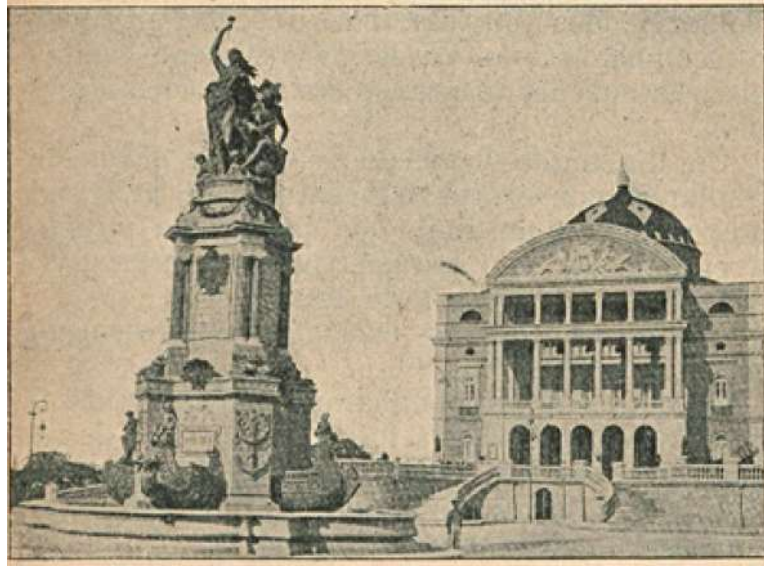


Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

A representação da Capital do Brasil, Figura 19, apresenta a orla pavimentada, com espaço para passeio. Ao fundo, construções para moradia, com destaque para o Pão de Açúcar. Uma paisagem que era o ideário para a nação, todavia não é um espaço que era ocupado pela população pobre. Sobre este assunto Mourai (2017, p. 45): “[...] lugar de moradia da chamada sociedade de maior poder aquisitivo e de políticos, o bairro tem seu crescimento acelerado com a reforma Pereira Passos quando ganha ares europeus, com novos jardins floridos”. O Rio de Janeiro é retratado após a reforma de Pereira Passos; contudo, essa transformação não se deu de maneira homogênea. As favelas e os pobres ficaram à margem desta modernidade. Para Mourai (2017), a mata, a água, a rocha, criações divinas que se mesclam na cidade do Rio de Janeiro, lócus do desenvolvimento humano. A cidade insurge entre o mar e a montanha.

Esse padrão vai ser repetido em diversos registros, sobretudo a estrutura arquitetônica imponente, como mostra a Figura 20.

Figura 20 – Registro urbano do teatro amazonense, 1910

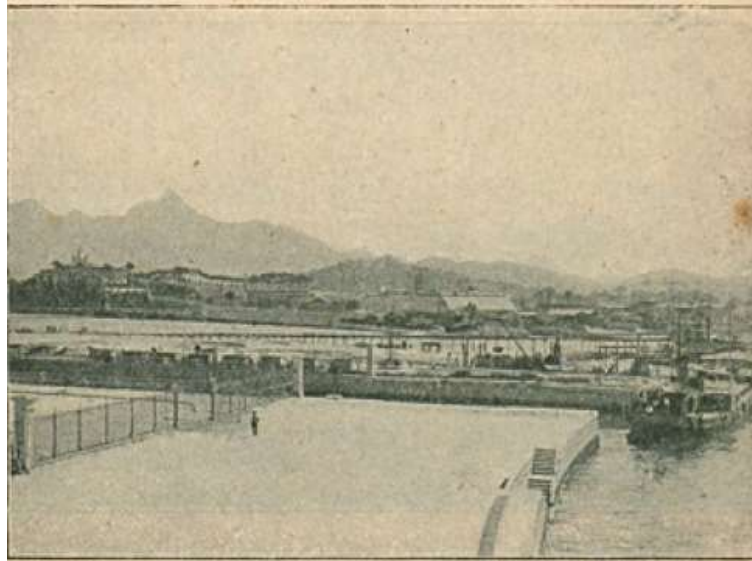


Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

O teatro amazonense é o destaque central, Figura 20, uma visão que permite o leitor ter uma ideia da grandiosidade e imponência da construção no Norte do país. Os autores fazem a conexão entre a produção da borracha e ao êxito da Amazônia. O que deixa a impressão, aos leitores, de que as riquezas estavam em todas as regiões do país, e que trabalho não faltava para aqueles que estavam dispostos a realizá-lo. Essa conexão regional fica evidente a partir das ilustrações das diferentes partes do Brasil.

De acordo com Mourai (2017, p. 44), “[...] todo o destaque serve para mostrar na arquitetura a magnitude e grandiosidade da civilização capaz de construir equipamentos urbanos esplendorosos”. Não existe nenhuma ilustração que mostre algum problema urbano, como falta de saneamento, lixo, segregação espacial, fome, dentre outros. Nos registros, encontramos um único problema, de certa maneira, relatado na narrativa, foi no tocante ao incomodo do desembarque no Rio de Janeiro, vejamos a Figura 21.

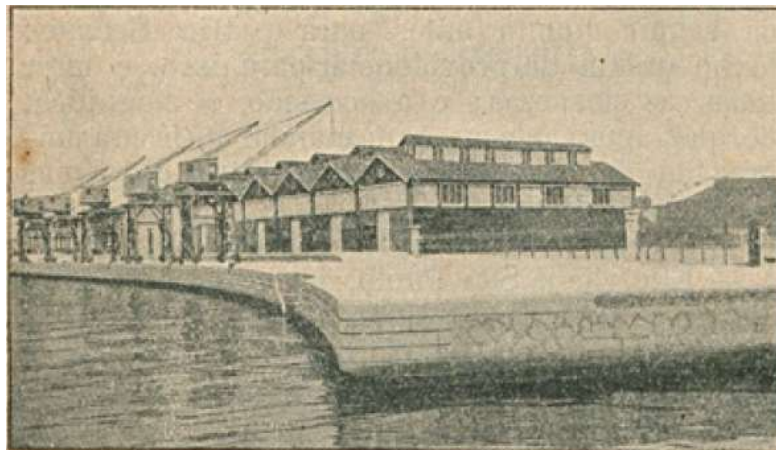
Figura 21 – Cais no Rio de Janeiro



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

O incômodo ao desembarcar em pequenos botes no Rio de Janeiro, Figura 21, foi o problema urbano registrado pelos autores, mas o intuito era destacar não a problemática, mas sim a solução: a construção do novo cais, Figura 22.

Figura 22 – Construção do novo caes no Rio de Janeiro



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

A inclusão da segunda fotografia, Figura 22, demonstra que havia investimento por parte do novo governo republicano, assim, um novo cais estava sendo construído, o que é evidenciado na fala do personagem Jorge. Bomfim e Bilac (1910, p. 243), “[...] as obras já estão adiantadas. O cáes vae ser monumental. Imaginem que terá 3,500 metros de extensão [...]”. identificamos que o Rio de Janeiro é o estado com maior representatividade de fotografias, 10, em seu total, o que pode estar relacioando a

dois fatores: o primeiro, por ser a capital do Brasil; e, o segundo, pelo fato de os autores possuírem um acervo mais abundante da referida localidade. Vejamos outros registros da Capital do Brasil.

Figura 23 – Avenida Central no Rio de Janeiro



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

A Figura 23 apresenta perfis semelhantes, tais como: paisagem urbanizada, com ênfase nas grandes construções; casarões com suas faixadas imponentes; ruas largas; iluminação pública; além do tráfego de pessoas e carros. Mourai (2017, p. 44):

Edifícios que compõem sobretudo a Avenida Central aparecem em ângulo frontal e contra-plongée (que aumenta seu tamanho). São elementos que indicam formas modernas e uma representação de estruturas de poder construídas num processo de importação de formas e de reprodução mimética de ícones espaciais e arquitetônicos.

Os elementos apresentados são signos de uma cidade moderna e em plena ascensão. Diferente do Rio de Janeiro, descrito por Lajolo (1982, p. 41), “[...] de iluminação pobre, de ruas escuras e estreitas, de morros mal-cheirosos e edifícios velhos, o Rio de Janeiro é bem avesso da imagem que se queria a oficial do Brasil”. Ou seja, a capital do Brasil tinha passado por uma ampla reforma, sobretudo nos espaços burgueses, pois os morros continuavam assolados de pobreza e falta de saneamento básico. Para Mourai (2017, p. 41), os signos que se repetem nas ilustrações exprimem a ideia de paraíso para o Rio de Janeiro, mas com vestígios que indiquem a ordenação pelo trabalho humano.

Outro aspectos que são priorizados nas fotos urbanas são as estações de trem e as construções, aspectos que denotam a conexão entre os diversos pontos do

país e cujas obras eram sinal de desenvolvimento da nação.

O espaço geográfico mostrado é harmônico, unânime, passando a falsa ideia de que o Brasil republicano era o país perfeito e cheio de riquezas e potencialidades, aspecto que ficou responsável pelas ilustrações urbanas.

As ilustrações são utilizadas como ferramentas para proporcionar uma leitura, como nos fala Roger Chartier (1999). Os textos podem ser lidos diferentemente, pois os leitores não possuem as mesmas ferramentas intelectuais, e não mantêm a mesma relação com o texto. Essa relação também é alterada pelas ferramentas utilizadas nos livros, como as ilustrações apresentadas por Bomfim e Bilac (1910). Os leitores que estavam nesses espaços geográficos apresentados por eles, tiveram uma relação distinta daqueles que não conheciam essas localidades. Para Roger Chartier (1999, p.17), “[...] deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas por meio dos quais ele atinge o seu leitor”. A partir da perspectiva desse autor, o livro *Atravez do Brasil* é um dispositivo que destacam estratégias textuais e intenções dos autores.

4.2 OS ELEMENTOS NATURAIS NAS ILUSTRAÇÕES DE “ATRAVEZ DO BRAZIL”, 1910

O espaço natural foi predominante em 17 ilustrações. Nelas, a referência era enaltecer as riquezas naturais do país. Para Mourai (2017, p. 41): “[...] a construção da nação brasileira, a natureza teve um papel importante[...]”. A natureza é retratada como o substrato para o desenvolvimento, existe uma crescente exaltação sobre sua potencialidade, não como contemplativa, mas como exploratória; ou seja, a diversidade dos aspectos naturais eram a potencialidade de desenvolvimento do país que se daria a partir do novo sistema político. Vejamos a Figura 24.

Figura 24 – Cachoeiras de Paulo Afonso



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Essa figura foi inserida no capítulo A Cachoeira de Paulo Affonso, momento que Bomfim e Bilac (1910, p. 57) falam sobre o Rio São Francisco “[...] o rio São Francisco se desperta, com toda a sua massa formidável de água, de uma altura de 81 metros! O salto dá-se justamente uns trezentos e dez kilometros acima da foz do rio”. O referido rio recebe grande atenção dos autores. Durante a passagem dos personagens pelo Nordeste, os autores enaltecem o potencial e importância desse curso de água para a região, incorporando três fotos do citado Rio. Vejamos a Figura 25:

Figura 25 – Rio São Francisco



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

O rio é destacado, Figura 25, com uso e potencial para navegação. Os personagens têm várias passagens pelo fluvial, sempre com momento de exaltação e admiração por suas caudalosas águas. O destaque para os recursos naturais existentes no Brasil era fundamental, um movimento realizado a partir da evocação da passagem natural. Vejamos a Figura 26.

Figura 26 – Vegetação intitulada de mato



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Nessa passagem, Figura 26, os autores apresentam o momento no qual os personagens estão acampados a margem de um rio e adentram ao mato para caçarem. Contudo, este termo é usado como sinônimo de floresta. Bomfim e Bilac (1910, p. 101): “[...] à beira da floresta, Juvencio limpou o chão, á sombra de uma bella arvore, e ali accomodou o menino [...]”. Os autores não nominam as espécies que estão inseridas na floresta e que, posteriormente, chamam de mato. Nesse sentido, eles estão mais interessados em mostrar o aspecto natural da paisagem como algo a ser explorado, como a caçada realizada pelos personagens.

Detalhar as árvores e seu uso não era o objetivo deles ao mostrar a paisagem natural, diferentemente das paisagens urbanas, nas quais os elementos culturais foram super valorizados. Um retrato de que as áreas urbanas seriam o modelo de civilização a ser seguido.

Os autores fizeram questão de inserir paisagens naturais de todas as regiões, mas optaram por selecionar a que melhor caracterizasse a localidade ou que aguçasse a exploração econômica, como mostra a Figura 27.

Figura 27 – Pinheiros do Paraná



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

No tocante à Região Sul, as araucárias foram o destaque da vegetação natural, Figura 27, momento que os autores as destacam como uma das principais fontes de riqueza dos paranaenses. Essa afirmação é representada pelo diálogo entre Carlos e o viajante Shumann, quando aquele questiona se o Paraná é rico. Vejamos a resposta, conforme Bomfim e Bilac (1910, p. 287):

- Muito rico, não é – disse Shumann – mas é prospero, e as bases da sua prosperidade são os pinhaes e o mate. O pinheiro do Paraná, *araucaria brasiliensis*, dá uma madeira tão boa como a da Noruega; é uma arvore corpulenta, que ás vezes atinge a altura de trinta e seis metros.

Apesar da resposta do viajante ser negativa em relação ao Estado ser muito rico, a ênfase está no fato da potencialidade produtiva dos pinhais, destacando que o produto nacional é superior ao estrangeiro. Este potencial exploratório vegetal também é destacado na Região Norte, quando os autores apresentam as seringueiras como geradora do látex para a produção de borracha.

Em relação aos elementos naturais, observamos que a ênfase é no potencial de demonstrar que as riquezas naturais são vastas e que o homem deve explorá-la. A palavra central em relação aos recursos naturais enfatizadas pelos autores é prosperidade que está entrelaçada com recursos naturais e trabalho humano. Este aspecto é evidenciado nas ilustrações referentes às atividades produtivas.

4.3 ATIVIDADES PRODUTIVAS A PARTIR FOTOGRAFIAS DE *ATRAVEZ DO BRAZIL* (1910)

No tocante às ilustrações que representam as atividades produtivas, foi apresentada diversidade de atividades e de trabalhadores, os quais possibilitou a divisão em dois grupos, como mostra o quadro 8.

Quadro 8 – Trabalhadores e extrativismo, no livro *Atravez do Brazil*, 1910

Trabalhadores	Extrativismo
Tropeiros	Plantação de tabaco
Barqueiros	Canavial
Vaqueiro	Cafezal
Fazendeiros (craidores de gado)	Plantação de ananazes
Lavadeiras	Colheita de erva-mate
Jangadeiros	Seringais
Seringueiro	Minas
Gaúcho	
Mineradores	
Ferreiro	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023).

Como mostra o Quadro 8, os trabalhadores e atividades representadas no livro estão voltadas, sobretudo, para atividades ligadas à terra e ao meio rural. As profissões de destaque nas cidades foram engenheiro e ferreiro. A ênfase foi mostrar aos leitores características do espaço geográfico brasileiro rural, com destaque para o interior do Nordeste, mostrando que o Brasil tinha muito a ser explorado e que todos estavam trabalhando em prol do progresso do país, não importando o trabalho, a alegria foi destaque na narrativa. Bomfim e Bilac (1910, p. 106): “[...] os tropeiros falavam da sua vida trabalhosa, mas não se mostravam descontentes: o trabalho dava bom lucro, - mais do que muitos outros, sobrecarregados de dificuldades e de impostos”. Apesar do trabalho árduo, os trabalhadores se mostravam felizes, criticando até mesmo o trabalho de quem paga imposto, uma referência aos trabalhos

urbanos, como advogados, médicos e engenheiros. Esse movimento também ocorre com as lavadeiras. Vejamos a Figura 28:

Figura 28 – As lavadeiras



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

A ilustração das lavadeiras, Figura 28, mostram-nas na labuta no leito de um rio, água abundante e o grupo em harmonia, felizes com seu trabalho, o que é ratificado pela fala de uma das trabalhadoras: “- Vamos, que já trabalhamos bastante, e ganhámos bem o nosso dia” (BOMFIM E BILAC, 1910, p. 129). Os autores apresentam o trabalho como meio de contribuir para o desenvolvimento do país e, nessa trajetória, o trabalho do sertanejo era essencial. Bomfim e Bilac (1910, p. 177): “Mas o sertanejo não tinha mãos a medir: trabalhava devéras”. Ou seja, eram homens e mulheres que tinham coragem de enfrentar as adversidades, com alegria, conformismo e trabalho.

A máxima dos autores era que, se a terra não gerava a riqueza naturalmente, o homem tinham meios para subsistí-la. Um referência ao possibilismo de Vidal de La Blache, a terra dispõe e o homem tem meios de transformar e usufruir. O homem deve e pode transformar o meio onde vive, de forma que, para as ações humanas, diversas possibilidades eram possíveis, não importava a região do país. Vejamos a figura 29.

Figura 29 – Plantação de tabaco



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Na Região Nordeste, o destaque é a produção do tabaco, figura 29, os autores apresentam que a Bahia é uma grande produtora e que isto gera muito dinheiro. Na perspectiva dos autores a natureza dispõe e o homem realiza. A terra é usufruto daqueles que estão dispostos a trabalhar, deixando a entender que todos que trabalham com o tabaco dispõem da mesma riqueza. Segundo Bomfim e Bilac (1910, p. 76), “[...] a terra é muito rica, e nunca néga o sustento a quem sabe trata-la: dá o milho, o feijão, a mandioca, o algodão, o fumo, a canna; e, além de alimentar os homens, ainda alimenta os bois, os carneiros”.

Os autores enfatizam que estas farturas ocorrem no período de chuvas, destacando que, no período de seca, não se produz e o homem precisa se deslocar para outros lugares. Os autores naturalizam os efeitos da seca ao passo que inserem no texto que “apesar de tudo isso, a gente toda que aqui nasce ama loucamente o seu sertão, e supporta com paciência e coragem esse revezes” (BOMFIM E BILAC, 1910, p. 76). Não existe uma crítica frente à falta de investimentos para menizar o fenômeno da seca.

Os autores também apresentam a riqueza advinda do café, quando os personagens passam por São Paulo. Vejamos a Figura 30.

Figura 30 – Colheita do café em São Paulo



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

A produção do café é destacada quando os autores narram que a produção já fora maior, que algumas terras não eram propícias para o cultivo, tendo mais êxito a chamada *terra roxa*. Sendo os lugares melhores para o plantio em áreas serranas. Os autores descrevem como ocorria o plantio, desde a derrubada da mata até a colheita e feitura do café. Os autores dedicam dois capítulos do livro a esse produto, chamados *A lavoura dos cafezaes* e *O preparo do café*.

A produção paulista não se restringe apenas ao café. Os autores apresentam a produção de ananazes, acrescentando que a economia de São Paulo não é restrita apenas à agricultura, mas ao comércio e as indústrias. A exploração de minerais fica por conta do Estado de Minas Gerais, como mostra a Figura 31.

Figura 31 – Mineração de diamantes



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

A exploração destacada é do ouro, mas a ilustração inserida é de uma exploração de diamantes, Figura 31, essa passagem é um dos únicos momentos que os autores tentam realizar um crítica, bem superficial, sobre a exploração e os meios utilizados. Inicialmente, é relatado que as empresas com grande capital são responsáveis pela maior parte da exploração do minério que fica em lugares de difícil acesso; enquanto aquele encontrado à flor da terra, que não é muito significativo, fica à cargo dos pequenos mineradores. Na Região Centro-oeste, o destaque é para criação de gado.

Figura 32 – Criação de gado em Goiás



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

Apesar de inserir a ilustração, Figura 32, mostrando a criação de gado, os autores não falam sobre essa produção. A narrativa se volta para os minerais encontrados no Estado e para progresso que virá com as construções de linhas férreas e com as linhas de navegação fluvial.

Para destacar a produção na Região Norte, os autores deixam os personagens Carlos e Alfredo rumo ao Rio Grande do Sul, e retornam para narrar a viagem de Juvencio rumo ao Amazonas. Nessa ocasião, a temática da exploração é em torno da borracha.

Figura 33 – Defumadouro da borracha



Fonte: Bomfim e Bilac (1910).

A borracha, Figura 33, é destacada pelos autores como o cerne da riqueza amazonense. Assim como acontece com a produção de café em São Paulo, os autores descrevem detalhadamente a colheita e produção da borracha. Apesar das condições precárias dos seringueiros, Figura 33, Bomfim e Bilac (1910, p. 305) não escrevem uma palavra sobre este aspecto. Apenas acrescentam: “[...] está, então, pronta a borracha, para ser entregue ao dono, o fornecedor”. Assim, eles encerram o capítulo sobre a produção da borracha, sem nenhuma palavra sobre a lucratividade do fornecedor e nem da vida dos seringueiros. Na Região Sul do Brasil, a viagem dos meninos termina, momento que é destacado a estância como reduto de criação do gado bovino.

Da terra ao mar, os trabalhadores estavam a explorar em qualquer parte. Bomfim e Bilac (1910, p. 225), “ – Pois então?! – disse, sorrindo, o commandante – os jagandeiros não têm medo do mar alto. - É uma gente de uma bravura extraordinária!

– afirmou um dos passageiros”. A coragem é um dos adjetivos para caracterizar os trabalhadores, quer seja do interior ou do litoral.

É nítido o esforço de Bomfim e Bilac (1910) em conduzir os alunos a conhecerem um espaço geográfico brasileiro que, para muitos, era desconhecido. Contudo, essa Geografia utilizada pelos autores foi seletiva e excludente, pois não mostrou a realidade espacial de diferentes perspectivas. O conhecimento geográfico, nesse sentido, serviu para apresentar um país harmônico, de homens e mulheres trabalhadores, com seguridade, riquezas e felicidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da obra analisada, podemos inferir que a Geografia no Brasil buscou, para a composição, de seu escopo conceitual escolar não somente o conhecimento geográfico da ciência de referência delineada em impressos com linguagem técnica advindas de outros países, mas, também, lançou mão de constituir-se por outras fontes, como no livro *Atravez do Brazil*, narrativa que tem no seu cerne as paisagens brasileiras. A partir dessa obra, podemos ver o potencial do conhecimento geográfico e como ele esteve a serviço do ideário nacionalista brasileiro nas primeiras décadas da República.

Os autores Bomfim e Bilac abordaram os conteúdos geográficos tendo como pano de fundo as paisagens brasileiras, impregnando os leitores com a ideia de que o país republicano tinha muito a ser explorado e era necessário realizá-lo com a mesma coragem empregada pelos personagens Carlos, Alfredo e Juvencio.

Inserir aspectos geográficos nacionais em uma narrativa literária possibilitou aos alunos/leitores perceberem a Geografia a partir das suas subjetividades, uma possibilidade de identificação e autorreconhecimento, tendo como parâmetro a dimensão espacial geográfica nacional. Todavia, não podemos excluir que esta subjetividade foi alicerçada a partir do olhar dos autores, que delimitaram conteúdos, ilustrações e realizaram o deslocamento dos personagens.

Em uma época em que a educação escolar pautava-se mais pela descrição e enumeração de fenômenos espaciais, marca de uma Geografia mnemônica e cheia de estrangeirismo, é notório o esforço de Bomfim e Bilac na produção de um livro voltado para uma Geografia nacional com elementos que os diferenciaram dos demais produzidos no país, os quais foram tomados como referência para caracterizar os livros paradidáticos nominados a partir de 1970 do século XX no Brasil.

No tocante a temas ligados ao Brasil, ficou evidenciado que a narrativa é centrada na paisagem brasileira, a partir da qual são inseridos conteúdos a partir dos elementos culturais e naturais brasileiros. Para tanto, os autores utilizam uma linguagem lúdica no sentido de propiciar ao leitor o desafio do jogo, o que ficou denotado com a inconstância do que aconteceria com os personagens Carlos, Alfredo e Juvencio em cada capítulo.

No tocante à ilustração, os autores utilizavam cartão-postais, fotografias e

desenhos, mostrando um registro real do Brasil, mesmo que este não retratasse de maneira fiel o que ocorria em todo o país, fato que não tira a inovação de produzir um material com um quantitativo e diversidade de ilustrações.

A proposta dos autores, tanto no auto-prefácio como na forma de inserir os conteúdos no decorrer do texto, mostra a ideia de um ensino para além de uma Geografia de nomenclaturas. Assim, os autores propuseram um conhecimento geográfico a partir de elementos nacionais, utilizando uma linguagem que fosse de fácil compreensão para seu público leitor escolar, buscando mostrar situações vivenciadas pelos personagens que permitissem aos alunos a compreender sua concretude.

Outro aspecto que enaltece a produção dos autores é no sentido de produzir uma obra literária do gênero narrativo com função didática, verticalizando a paisagem como mote central do enredo, além de complementar o material diático utilizado pelos educadores.

Nessa perspectiva, ratificamos a tese traçada inicialmente, a saber: os livros de Geografia denominados de paradidáticos, em 1970, já faziam parte do contexto escolar brasileiro por meio da obra *Atravez do Brazil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel Bomfim. Essa narrativa literária apresentou o conhecimento geográfico de maneira concreta, conduzindo o leitor a viajar pelo Brasil e (re)conhecer o país a partir de conteúdos e temáticas geográficas, forjado a partir das suas paisagens, que foram realçadas a partir da iconografia. Esses elementos foram utilizados pelos autores de maneira criativa, trazendo ludicidade à narrativa, características pertinentes aos livros paradidáticos lançados a partir de 1970.

É perceptível, a partir das leituras e evidências apontadas na tese, que os autores tinham conhecimento da necessidade de se produzir uma literatura escolar que estivesse voltada para o nacionalismo republicano. Assim, eles tomaram como referência livros que já faziam sucesso na Europa e no Brasil, como aponta Lajolo (1982), e o adaptaram à necessidade educacional brasileira. Ou seja, *Atravez do Brazil* é um eco dessas leituras por eles realizadas. Todavia os autores inseriram aspectos que tornam a obra peculiar, originalmente brasileira e inovadora no âmbito escolar, sobretudo para a Geografia.

Para tanto, os autores utilizaram da estratégia de utilizar a Geografia nacional como o epicentro de *Atravez do Brazil*, conhecimento que já era destacado na escrita

de Veríssimo, destacando e apontando a importância da Geografia. Assim, Bomfim e Bilac (1910) tiveram a habilidade de canalizar todos esse aspectos e escreverem o livro *Atravez do Brazil*, além de terem um público leitor cativo – o escolar. Uma acessibilidade que se deu graças ao cargo público de destaque que Bomfim, sobretudo, exercera.

Nessa conjuntura, podemos afirmar que Bomfim e Bilac (1910) incorporaram ao livro de leitura elementos que os caracterizam como uma nova fórmula para o ensino da Geográfica que, posteriormente, na década de 70 do século XX, seria nominada de livros paradidáticos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp; 2003.

ALCANFOR, Lucilene Rezende. **Produção e circulação das obras didáticas de Monteiro Lobato**. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP, 2010.

ALVES, Maria Lúcia Bastos; CORDEIRO, Anna Gabriela Souza; SILVA, Sylvana Kell Marques da. **Uma cidade no cartão-postal: imagens de astúcia; montagens de presenças e exames de ausências**. T 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014. Disponível em: http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401986621_ARQUIVO_ARTIGO_ABA.pdf. Acesso em: 23 dez. 2022.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?**. 6. ed. Natal: EDUFRN, 1997.

ARAÚJO, Francisco Clésio Medeiros Dantas de. **Produção do livro paradidático “uma “pitada” de sal no ensino de Geografia”**. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Caicó, Rio Grande do Norte, UFRN, 2017.

ARAUJO, Ronielson Francisco Gonçalves. **A utilização de material paradidático no ensino dos conceitos iniciais de Óptica Geométrica**. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

BALDIN, R. Sobre o conceito de paisagem geográfica. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], v. 32, n. 47, 2021. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.180223. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/180223>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Amada pátria idolatrada: um estudo da obra ‘Porque me ufano do meu país’, de Afonso Celso (1900). Curitiba: **Revista Educar**, n. 20, p. 245-260. 2002. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19622/000355622.pdf?sequence=1> Acesso em: 10 nov. 2022.

BARTHES, Roland. **L’Obvie et l’obtus. Essais critiques**. Paris: Seuil, 1982.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. KLINKE Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). **Revista Brasileira de Educação** [online]. n. 20, p. 27-47, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200003>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BENETI, Alysson Cristiano. **Textos paradidáticos e o ensino de física: uma análise das ações do professor no âmbito da sala de aula**. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2008.

BEZERRA, Francisca Adriana Bezerra da Silva; MARTINS, Josefa Christiane Mendes; PEREIRA, Crígina Cibelle. Práticas Interdisciplinares no Ensino de Geografia: a Literatura como Ferramenta Didática. In: **VIII FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA**, v. 1, 2016, Imperatriz. Anais eletrônicos [...] Imperatriz: Editora Realize, 2016. ISSN 2316-1086. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA23_ID1501_10082016124119.pdf. Acesso em: 1 fev. 2022.

BILAC, Olavo.; BOMFIM, Manoel. **Atravez do Brazil**: leitura para o curso médio das escolas primárias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 475-491, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000300008>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1971.

BOTO, Carlota. Rascunhos da história da leitura escolar: entre Portugal e Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v.40, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019211242>. Epub 04 Jul 2019. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019211242>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação, suspense, emoção**: Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996.

BOTELHO, André. **Aprendizado do Brasil**: a nação em busca de seus portadores sociais. Campinas: Unicamp, 2002.

BOTELHO, André. Manoel Bomfim: um percurso da cidadania no Brasil. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia M. (org.). **Um enigma chamado Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 118-131.

BOTELHO, André. Através do Brasil: “Um romance de formação” da modernidade brasileira. **Revista Ci. & Tróp.**, Recife, v. 26, n. 1, jun. 1998. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/668/439>. Acesso em: out. de 2022.

CARDOSO, João batista Freitas. MORINAGA, Cristiane Mayumi. A fotografia em livros didáticos: entre provas e semelhanças. **LOGOS**, v. 24, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/19173>. Acesso em: 15 dez. 2022

CARVALHO, Naiemer Ribeiro de. **Geographia do Brazil**: a construção da nação nos livros didáticos de geografia da primeira república. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação Pedagógica**: Realidades Sociais e Processos Ideológicos na Teoria da Educação. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII**. Brasília: Editora da UnB, 1999.

CIABOTTI, Valéria. **Elaboração de livro paradidático para o Ensino de probabilidade: o trilhar de uma proposta para os anos finais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, 2016.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da Literatura infantil/juvenil**. Editora Ática, 4ª edição, São Paulo, 1991.

COSTA, Roberta; JÚNIOR, Ailton Paulo de Oliveira. FONTANA, Edmeire Aparecida. A leitura e a escrita em livro paradidático no ensino de estatística para o ensino fundamental. In: **VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO. III CONGRESSO INTERNACIONAL. TRABALHO DOCENTE E PROCESSOS EDUCATIVOS**, 2015, Uberaba. Anais eletrônico[...], Universidade de Uberaba, 2015. Disponível em: chrome-extension://oemmdcbldboiebfnladdacbfmadadm/
<https://www.uniube.br/eventos/epeduc/2015/completos/17.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2022.

CURY, Cláudia Engler. **Noções de cidadania em paradidáticos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1997.

DALCIN, Andreia. **Um olhar sobre o paradidático de Matemática**. Dissertação (Mestrado de Mestrado) - Faculdade de Educação/ UNICAMP, Campinas, São Paulo: 2002.

FARIA, Andressa Carla Nóbrega de Azevedo. **A elaboração de um livro paradidático como proposta metodológica para o ensino de geografia urbana**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, Rio Grande do Norte, 2018.

FILGUEIRA, André Luiz de Souza. **A escrita descolonial de Manoel Bomfim: uma conversa com o seu pensamento social e político**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar!**- um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. In: VEIGA, C. G.; OLIVEIRA, M. A. T. (org). **Historiografia da Educação: abordagens teóricas e metodológicas**. 1º ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

GASPARELLO, A. M.; VILLELA, H. O. S. Intelectuais e professores: identidades

sociais em formação no século XIX brasileiro. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 9, n. 3 [21], p. 39-60, dez., 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38540>. Acesso em 10 jan. 2023.

GONTIJO, Rebeca. **Manoel Bomfim**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, (Coleção Educadores), 2010.

GONZAGA, Cassia Samara dos Santos; MENDONÇA, Rayanne Santos de Almeida. O uso de livros paradidáticos no ensino de geografia. In: **I COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA. IV SEMINÁRIO ENSINAR GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE**. Maceió, Al, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/educacaogeografica>. Acesso em: 9 fev. 2022.

GRACIOLI, Filipe Rafael. **Língua, Literatura e Geografia uma experiência de leitura da Geografia de Dona Benta de Monteiro Lobato e do le Tour de la France par Deux enfants de G. Bruno**. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2018.

GRACIOLI, Filipe Rafael; PEZZATO, João Pedro. Espaço e subjetividade na Geografia de Dona Benta (1935), de Monteiro Lobato: aportes geográficos e literários. In: **III CONGRESSO BRASILEIRO DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO (CBOE)**. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/16038>. Acesso em: 10 fev. 2022.

GUERRA, Antonio Teixeira. **Dicionário Geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, 7ª ed. Rio de Janeiro, 1987.

GUIMARÃES Elisa. Linguagem verbal e não verbal na malha discursiva. **Rev. Estud. Discurso**, Bakhtiniana, v. 8, n. 2, p. 124-135, dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732013000200008>. Acesso em: 10 jan. 2023.

OLIVEIRA JÚNIOR, Ailton Paulo de et al. Livro paradidático no ensino de estatística no Ensino Fundamental. In: **CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA - CIAEM-IACME**, 14., 2015, Chiapas. Anais eletrônico [...], Chiapas, México, 2015. Disponível em: chrome-extension://oemmndcbldboiebfnladdacbdm/adadm/http://xiv.ciaem-redumate.org/index.php/xiv_ciaem/xiv_ciaem/paper/viewFile/169/109. Acesso em: 10 fev. 2022.

KÖB-NOGUEIRA, Elaine Luiza. **Material paradidático em educação ambiental para o 6º ano do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Formação Científica, Educacional e Tecnológica) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988.

LAJOLO, Marisa. Procura-se Anita. **Patrimônio e memória**, UNESP–FCLAs–CEDAP, v. 4, n. 2, 2009, pp. 100-11.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. Editora Unesp, São Paulo, 2019.

LAJOLO, Marisa Philbert. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LOPES, Camila Simões Machado. **Produção do livro paradidático “Explorando o sistema imunológico” baseado na teoria cognitiva da aprendizagem multimídia: uma contribuição para o processo de ensino-aprendizagem de alunos do 2º ano do ensino médio**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LOZADA, Anneliese de Oliveira. **Elaboração e validação de livro paradidático para o ensino de estatística: o trilhar de uma proposta para os anos finais do ensino fundamental**. **XXIII ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**. UNICSUL - Campus Anália Franco, São Paulo – SP, 2019.

NETO, Accioly. **A natureza das coisas**. Paraíba: LBC Gravações: 2004.

MANOEL BOMFIM. **Pensamento Social Brasileiro**, 2015. Disponível em: <https://admbrasileira.wordpress.com/2015/12/16/manoel-bomfim/>. Acesso em: 09 jan. 2023.

MELO, Elizabete Amorim de Almeida. **Livros paradidáticos de língua Portuguesa para crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2004.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. Os manuais de ensino de geografia produzidos no primeiro terço do século XX: fontes e objetos de estudo. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 4, n. 8, p. 146–159, 2014. Disponível em: <http://revista.edugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/244>. Acesso em: 08 fev. 2022.

MONARCHA, Carlos. **A reinvenção da cidade e da multidão: dimensões da modernidade brasileira – a Escola Nova**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

MOURAI, Rachel de Almeida. Ordenando o Paraíso: a Paisagem da Cidade do Rio de Janeiro nos Cartões-Postais (1900-1930). **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 33-52, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Dropbox/DoutoradoUNIT/Defesa/Novas%20leituras/Ordenando_o_Paraiso_a_Paisagem_da_Cidade_do_Rio_de.pdf. Acesso em 23 dez. 2022.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Católica de São Paulo, 1997.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. Fundação Nacional

de Material escolar, São Paulo 1974.

NEGROMONTE, Fátima Bezerra. **Manoel Bomfim e a educação: interfaces discursivas entre a pedagogia e a psicologia.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.

OLAVO BILAC. **Portal da Academia Brasileira de Letras**, 20--?. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac>. Acesso em: 09 jan. 2023.

OLIVA, Monteiro; SANTOS, Claude Franklin. As multifaces de “Através do Brasil”. 2005. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 24, n. 48, p. 101-121, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/cGTzMV7Vgs63Jgpz_p9r8RjJ/?lang=pt#. Acesso em: 25 set. 2021.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Manuel Bomfim: autor esquecido ou fora do tempo? **Revista Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v.05, n. 03, p. 771–797, fev. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/ThKHxGs7c3JP3cWzyvHTdGc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PAULUCIO, Jéssica Figueiredo. **Os livros paradidáticos na escola: critérios de escolha a partir da experiência de leitura juvenil nos anos finais do ensino fundamental.** Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Instituto Federal do Espírito Santo. Vitória, 2019.

PAULUCIO, Jéssica Figueiredo; CARVALHO, Leticia Queiroz de. **Paradidáticos na sala de aula: diálogos, experiência e leitura.** 1. ed. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2018.

PICHINI, Cynthia. **Leitura de paradidáticos: uma proposta de mudança.** Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1998.

PINTO, Anildo Gonçalves. **Uma proposta de livro paradidático como motivação para o ensino de Matemática.** Dissertação (Mestrado em Matemática) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2013.

RAMOS, Maria Cecília Mattoso. **O paradidático, esse rendoso desconhecido.** Tese (Doutorado em Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE. Dossiê Manoel Bomfim VOLUME 2: Dossiê Escravidão e Abolição no Brasil. - Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2019. **Manoel Bomfim e os Livros Escolares: Um Projeto de Nação Através do Brasil.** Claudefranklin Monteiro Santos. N. 49.

SANTOS, Alexsandro do Nascimento. **Pátria, nação, povo brasileiro na produção didática de Manoel Bomfim e Olavo Bilac: livro de leitura (1899) e Atravez do Brasil (1910).** (Dissertação de mestrado em educação), São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

SANTOS, Desidério Garcia. **Produção do livro paradidático “grandes reservatórios do Seridó Potiguar.”** Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos.; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio Marques do. Brasil, 1930-1961: Escola Nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 22, p. 131 –149, jun. 2006. Disponível em: chrome-extension://oemmndcbldboiebfnladdacbfdmadadm/https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4901/art10_22.pdf. Acesso em: 07 fev. 2022.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

SAYÃO, Thiago J. **Fotografia de paisagem no cartão-postal: atualização da imagem de Florianópolis na primeira metade do século vinte**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH , São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307118292_ARQUIVO_Fotograf_iadepaisagemnocartao-postal.pdf. Acesso em 23 dez. 2022.

SÊJO, Gabriela Fernanda. **Momentos decisivos em “Através do Brasil”**. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, 2018.

SILVA, Izabel Cristina da. **Livro paradidático: uma porta aberta para o ensino de Geografia**. Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) - Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SILVA, Izabel Cristina da. **Volta ao mundo com livros paradidáticos: avaliação construtiva da aprendizagem a partir das instalações geográficas**. Tese (Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SILVA, Jailton Santos; FERRO, Larissa Ferreira. A escola nova e a geografia escolar no período de 1880-1935. In: **ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL**. 2021, Aracaju, *Anais eletrônico* [...], Universidade Tiradentes, 2021. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/9121/3754>. Acesso em: 08 fev. 2022.

SILVA, Jeane Medeiros. **A constituição de sentidos políticos em livros didáticos de geografia na ótica da análise do discurso**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

SILVA, Karla Goulart da. **Os nacionalismos nos livros de leitura da Primeira República (1889-1930)**. (Dissertação). Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, 2010.

SILVEIRA, Emerson Lizandro Dias. **Paisagem: um conceito chave na geografia**. EGAL- 12º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montevideo,

2009. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/23.pdf>. Acesso em 07 dez. 2022.

TIRADENTES, Leomar. Acidentes geográficos ou formas do relevo? Conceitos para o ensino de geografia. **Revista de Ciências Humanas**, v. 21, n. 1, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/11840>. Acesso em 10 jan. 2023.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931- 1981)**. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

TORRES, Lilia. **O livro paradidático como ferramenta para o Ensino da Educação Ambiental**. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2012.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da Geografia. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Sergipe, n. 2, 2001. Disponível em: <http://joaootavio.com.br/bioterra/workspace/uploads/artigos/fotografia-5155e0b8346fa.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2022.

TSZESNIOSKI, Roberta Reis Bahia. A ideia de progresso sob o olhar de Monteiro Lobato: uma análise a partir da obra História das invenções. **Revista Versalete**, Curitiba, Vol. 3, n. 4, jun. 2015. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol3-04/111RobertaBahia.pdf>. Acesso em 10 jan. 2023.

YASUDA, Ana Maria Bonato Garcez; e TEIXEIRA, Maria José Ciccone. A circulação do paradidático no cotidiano escolar. In: Moraes Leite, Ligia Chiappini (coord.). Aprender e ensinar com textos. **Marca D'Água**, São Paulo, v. 2, p. 167-195, 1997.

VEIGA, Cynthia Greive. A escola e a República: o estadual e o nacional nas políticas educacionais. **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas-SP, v. 11, n. 1 (25), p. 143-178, abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38510>. Acesso em: 10 jan. 2023.

VERÍSSIMO, José. **A educação nacional**. 4 ed. – Rio de Janeiro: Topbooks; Belo Horizonte, MG: PUC-Minas, 2013.

ZAMBONI, Ernesta. **Que História é essa?** Uma proposta analítica dos livros paradidáticos de História. Tese (Doutorado em Educação) – FE/Unicamp. Campinas, 1991.